

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

JEHOVÁ DE CARVALHO, O CRONISTA (DE) SALVADOR (1940-1980)

RAIMUNDO DALVO DA COSTA SILVA

PORTO ALEGRE (RS)
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

RAIMUNDO DALVO DA COSTA SILVA

JEHOVÁ DE CARVALHO, O CRONISTA (DE) SALVADOR (1940-1980)

PORTO ALEGRE (RS)
2014

RAIMUNDO DALVO DA COSTA SILVA

JEHOVÁ DE CARVALHO, O CRONISTA (DE) SALVADOR (1940-1980)

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Orientador (a): Maria Tereza Amodeo

Porto Alegre (RS)
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586J Silva, Raimundo Dalvo da Costa

Jehová de Carvalho, o cronista (de) Salvador (1940-1980) /
Raimundo Dalvo da Costa Silva. - Porto Alegre, 2014.
188 f.

Tese (Doutorado em Teorias da Literatura) – Faculdade
de Letras, PUCRS em convênio com a Universidade do
Estado da Bahia (UNEB) através do Programa de
Doutorado Interinstitucional (Dinter).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Tereza Amodeo.

1. Literatura Brasileira - Bahia. 2. Literatura Brasileira –
História e Crítica. 3. Crônicas Brasileiras – História e Crítica.
Carvalho, Jehová de – Crítica e Interpretação. I. Amodeo, Maria
Tereza. II. Título.

CDD 869.9809

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

RAIMUNDO DALVO DA COSTA SILVA

JEHOVÁ DE CARVALHO, O CRONISTA (DE) SALVADOR (1940-1980)

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Aprovada em 29 de Agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo (PUCRS)

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva (UNEB)

Profa. Dra. Regina da Costa da Silveira (UNIRITTER)

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUCRS-FFCH)

Prof. Dr. Charles Kiefer (PUCRS)

À Mônica Bittencourt, minha amiga e companheira, com quem aprendi a entender o valor da vida como também desvendar as entre linhas das crônicas de Jehová de Carvalho.

Ao meu filho, Adam Bittencourt Silva, meu espelho, alimentador da minha coragem e dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialmente minha orientadora, amiga e educadora Dra. Maria Tereza Amodeo, e a professora Dra. Vera Aguiar pela sua competência profissional e atenção quando eu mais precisei. Ao escritor e professor Dr. Charles Kiefer que através de suas aulas me fez acreditar na possibilidade de ser poeta. A professora Dra. Márcia Rios obstinada, incansável e militante por uma educação melhor. Aos meus amigos professores Dr. Antonio Câmera, professor Dr. Charles Almeida, Dr. Claudio Mendes Pereira, ao artista plástico Luis Ramos e amiga Ruth Câmera, constantes incentivadores na trajetória da minha vida profissional.

Jehová das madrugadas
Jehová das labutas
Sou testemunha de Jehová
Jehová das miraguaias
Das moquecas de arraia
Sou testemunha de Jehová
Jehová das alvas
Dos beijos de malva
Sou testemunha de Jehová
Jehová de Xangô
Dos olhos de Sogbô
Sou testemunha de Jehová
Jehová do Bogum
Jehová das Oxuns
Sou testemunha de Jehová ¹

¹ CAPINAM, José Carlos. Prefácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.13.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em recuperar a vida e obra do cronista baiano Jehová de Carvalho, na sua relação com a cidade de Salvador e com as figuras que por ela transitavam, transformadas em personagens de suas crônicas. Para melhor entendermos sua história e o seu olhar crítico sobre o urbano, recorreremos às crônicas publicadas nos jornais *Diário de Notícias*, *A Tarde* e ao livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. O trabalho contempla leituras sobre a história da Bahia em livros e fontes primárias, que oferecem informações sobre as mudanças urbanas e sociais de Salvador, com a intenção de entender a metamorfose urbana e contextualizar os fatos narrados pelo cronista. Da mesma forma, procedemos a um estudo do gênero crônica, propriamente dito, para melhor fundamentar o estudo proposto. A relevância desse trabalho reside no seu ineditismo, uma vez que, pela primeira vez na história da literatura baiana, o percurso de Jehová de Carvalho é reconstituído e analisado. Assim, a pesquisa resgata as crônicas produzidas pelo autor, desconhecidas, inclusive, por muitos baianos. Escrever sobre essa figura do mundo das letras baiano é reconstruir um caminho de entendimento, expressão e sensibilidade acerca da cidade de Salvador, que não pode ser ignorado por quem se interessa pela cultura baiana.

Palavras-Chave: Jehová de Carvalho. Crônica. Cidade.

ABSTRACT

This research consists of a recovery of the life and work of Brazilian, born in the state of Bahia, chronicler Jehová de Carvalho, his relationship with the city of Salvador and the people who passed or lived there, transformed into characters of his stories. For a better understanding of his story and his critical look over the urban, we went over the chronicles published on the Brazilian newspapers *Diário de Notícias*, *A Tarde* and the book *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia* (The city that does not sleep: nocturnal chronicles of São Salvador of Bahia). This paper contemplates readings about the story of the state of Bahia in books and primary sources, which offer information about the urban and social changes of the city of Salvador, with the purpose of understanding the urban metamorphosis and contextualizing the facts narrated by the author. Similarly, we proceeded towards a study of the genre of chronicle itself, in order to support the proposed study. The relevance of this work lies in its uniqueness, since for the first time in the history of Bahia's literature, Jehová de Carvalho's pathway is reconstructed and analyzed. Thus, the research recovers the chronicles produced by the author, which are unknown even to a lot of Bahia's residents. Writing about this personage of Bahia's literature reconstructs a path of understanding, expression and sensibility concerning the city of Salvador, which cannot be ignored by the ones who are interested in Bahia's culture.

Key-words: Jehová de Carvalho. Chronicle. City.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 JEHOVÁ DE CARVALHO: HISTÓRIA(S) PARA CONTAR	19
1.1 DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA (PRINCIPALMENTE) POR ELE MESMO.....	19
1.2 O HOMEM DE LETRAS, “DO PROTESTO E DO MANIFESTO”	32
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA	50
2.1 CRÔNICA E HISTÓRIA	57
2.2 A CIDADE E A CRÔNICA	60
2.3 A CRÔNICA NO BRASIL	65
3 A SALVADOR DE JEHOVÁ DE CARVALHO.....	70
3.1 A CIDADE E O PROGRESSO	70
3.2 A ANTIGA SALVADOR.....	78
3.3 A CIDADE LITERÁRIA.....	83
3.4 CRÔNICAS NOTURNAS.....	88
3.5 MULHERES URBANAS.....	93
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS.....	110

INTRODUÇÃO

Conheci Jehová de Carvalho, através de um amigo comum, chamado Jairo Rodrigues, que me apresentou ao boêmio em um dos becos do centro de Salvador, quando eu tinha 19 anos de idade. Neste dia estava selada minha admiração por este homem, poeta, escritor e “dono” da cidade. Estava escrito nas cartas, nos búzios e nas estrelas que um dia nos reencontraríamos para falarmos sobre a vida. Como bem disse José Carlos Capinan, prefaciando o livro de Jehová *A cidade que não dorme*: “Soteropolitano que se preze tem que conhecer as figuras humanas que representam a alma da sua cidade”²

Como amante de Salvador e das personagens que fizeram a história dessa metrópole, resolvi escrever este trabalho intitulado **JEHOVÁ, CRONISTA (DE) SALVADOR (1940-1980)**. Ele nasceu durante o tempo que passamos juntos, discutindo sobre as cantoras do rádio da cidade de Salvador, o que resultou na proposta de estudo da minha dissertação de mestrado, intitulada **COTIDIANO, MEMÓRIA E TENSÕES: A TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DAS CANTORAS DO RÁDIO DE SALVADOR – 1950-1964**, defendida no Programa de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no ano de 2000. Durante nossos encontros, o que mais me chamou atenção foi a sua capacidade de viajar no passado, trazendo lembranças da sua vida e da história de Salvador.

Os nossos diálogos ocorreram na sua residência, quando o seu estado de saúde inspirava cuidados. No término das minhas entrevistas com Jehová, descobri o quanto me identificava com sua história e, sobretudo, com sua maneira de olhar a cidade. Estava diante de um acervo vivo da cultura baiana; esta constatação motivou o presente estudo, que tem por objetivo analisar a produção de Jehová de Carvalho no gênero crônica, contando com seus depoimentos e, principalmente, com as suas próprias crônicas. Buscou-se contextualizá-lo no seu tempo histórico e perceber o social, a cultura, o mundo urbano e alguns personagens que com ele interagem. Pensar Jehová de

² CAPINAM, José Carlos. Prefácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.13.

Carvalho é recobrar o pulsar do cotidiano de Salvador, seus personagens e conflitos sociais.

Jehová de Carvalho esteve presente na cidade fazendo história através das suas andanças em espaços diversos; usando caneta e papel, tornando-se assim uma espécie de guardião da memória de Salvador. Portanto, Jehová, a cidade e a literatura se entrelaçam, formando um só corpo, traduzido nas suas crônicas. Dessa maneira, ele guardou uma parte da nossa história, elaborando tudo o que sua memória pôde reter, mesmo quando suas palavras tenham sido registradas tempos depois do ocorrido.

Ele encontrou, nesse gênero, a fonte para escrever sobre a antropologia urbana de uma metrópole que se modernizava sem olhar para a qualidade de vida do povo. Suas narrativas são compostas de migalhas, restos, fragmentos e pedaços do cotidiano baiano, seguindo um viés literário muito particular. Seus personagens principais fazem parte do povo, os excluídos sociais, que passam a ter voz através desses textos.

Com traços típicos do jornalismo literário, apropria-se da matéria da realidade, imprimindo um tratamento literário, fazendo, assim, ficção. Guarda, dessa maneira, a época vivida e sentida por ele e pelas pessoas que viveram nos mais diversos espaços da cidade. Por essas características é tanto um “antropólogo” como um literato, ou mesmo um “historiador” das ruas, dos fragmentos da vida. Assim, Jehová impõe-se como cronista, um viajante da memória. Nela, busca a matéria-prima do que foi vivenciado e experimentado.

O cronista é um pedaço da história – ele faz história e sofre sua ação. A sua crônica memorialista faz Jehová percorrer instantes e referências que constituíram traços da sua personalidade, bem como histórias pessoais de interação com indivíduos que compuseram sua vida desde a infância. Dessa maneira, trata de si e do outro, em suas crônicas vê-se a sua própria história e a de sua cidade.

Lendo muitas de suas crônicas observa-se a presença de um narrador autodiegético³, esse traço literário termina por expor o autor, criando seu autorretrato.

³ Para REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (1988, apud BANDEIRA, 2012), “as narrativas autodiegéticas são aquelas ‘em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagens central dessa história’”.

De certa forma, constrói também uma autobiografia, quando atravessa e mergulha na memória e assim se desnuda, interagindo consigo, com a cidade e com os indivíduos que por ela transitam, essas inscrições/marcas estão presentes nas crônicas de Jehová.

O cronista parece perguntar ao leitor: Você sabe quem sou eu? Quer saber o que penso sobre a cidade de ontem e de hoje? Ao responder essas perguntas seu “eu” se revelava sem reservas. Para que o cronista ficasse visível, externando-se em palavras, necessariamente, era preciso percorrer o caminho da sua memória.

É possível observar que o cronista, objeto desse estudo, recorre às suas memórias para negar, em muitas de suas crônicas, o presente de uma cidade sujeita às transformações urbanas e culturais. Essas mudanças mostram-se de difícil aceitação para ele, que acaba fechando-se na nostalgia e na tradição, recordando uma Salvador que não mais existe. Em muitos de seus escritos, surge um quê de saudosismo, de decepção ante a modernidade da cidade, agora industrializada, com projetos urbanos arrojados, que, na visão do autor, começam a destruir as raízes culturais e a humanização da cidade. Suas crônicas não mostram só mudanças espaciais decorrentes do surgimento do progresso, mas também a maneira como essas mudanças afetaram a vida das pessoas. Ou seja, há em Jehová, como aponta Sandra Pesavento ao se referir aos escritores gaúchos e seus conflitos com a cidade moderna, uma

visualização do urbano, uma reorientação da relação passado presente, o que faz com que a carga de positividade aponte em direção àquilo que ficou para trás. Assim, as apreciações que se estabelecem sobre o presente apontam que o passado era melhor do que a situação vivida no momento. Estabelece-se não apenas uma evocação positiva daquilo “que já foi”, como se lamenta que “as boas coisas desapareceram”. Mais do que isso, constrói-se um tipo de visão sobre o urbano que coloca a “mudança” sob suspeita [...]⁴

Esse sentimento é próprio de quem recorre ao pretérito para revivê-lo e não deseja as mudanças no presente. Jehová era efetivamente um memorialista que se refugiava no passado, percorrendo e relembando histórias.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 303

Sendo assim, neste estudo, crônica, memória e cidade se entrelaçam, buscando revelar o cronista e sua forma de pensar o cotidiano político, social e cultural de Salvador.

As imagens construídas em seus trabalhos foram imagens do tempo vivido, fosse ele passado ou presente, sem seguir uma ordem cronológica. O tempo nas crônicas é o tempo narrativo, verbal, discursivo e da memória. Assim, a memória individual e coletiva reelabora, refaz imagens do passado dos acontecimentos em um dado momento de metamorfose urbana.

Como cronista, ofereceu um documento vivo, captando fatos que, muitas vezes, entraram em contradição com a história oficial, contrariando os interesses políticos e ideológicos de uma época.

Jehová quase sempre escrevia seus trabalhos na mesa de bar, atividades regadas a aperitivos e acompanhadas de um prato de peixe. Fazia parte da “academia de letras dos botecos” e terminou ganhando o título, dado por amigos boêmios, de “o mulato boêmio da Cidade do Salvador”, cidade onde viveu um tempo de esperanças, no qual se acreditava em um Brasil e uma Bahia melhores.

Em suas crônicas nos deparamos com narrativas sobre: sua vida, quando ainda era adolescente, falando das suas dificuldades na puberdade e fase adulta; mudanças urbanas pautadas em conflitos entre passado e presente, rupturas e permanências, deixando transparecer o sentimento do escritor, insatisfeito com o progresso, que alterava os modos de vida da sociedade baiana; descrições sobre personagens populares e humildes que compunham o cotidiano da cidade, vivenciando e dividindo suas vidas ao lado de Jehová dentre outros intelectuais nas ruas, praças e mercados. Outros fatos relevantes tematizados são: a religião, a arte popular, presente em artistas de rua e as diversas formas de trabalho. A representação do fim da vida dos seus entes queridos (amigos, boêmios, conhecidos e intelectuais) é lembrada de forma positiva e crítica, apontando todos os feitos que construíram, de forma humana relembrando a trajetória de cada falecido. Há, ainda, crônicas que retratam os perfis femininos de diversas classes sociais.

O cotidiano é apreendido pelo clique do seu olhar, reproduzindo todo o acúmulo de imagens retidas no globo ocular. Suas palavras surgem com traços filosóficos, intimistas, poéticos, realistas e trágicos, que podem atender à

curiosidade de pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento como a antropologia, a história, a filosofia, as letras ou o jornalismo.

Sua arte de escrever, com poesia, no “bico da pena”, era capaz de reunir, nas suas crônicas e poesias, cantigas de uma cidade plural nos aspectos étnico e cultural. Mostrava, porém, à sociedade baiana, suas contradições, que faziam mover a cidade dos homens, das letras, das ruas, da arquitetura barroca, com um sentimento regional e tradicionalista⁵, ao mesmo tempo.

Muitos escritores fizeram referência à Jehová, como Jorge Amado, Pablo Neruda, Erico Verissimo, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Sua afinidade com as letras e as artes ficou explícita pelas relações firmadas com personalidades do meio, conquistando o carinho e o respeito de intelectuais nos diversos lugares por onde passou.

Apesar dos aplausos desses escritores ao cronista e boêmio, Jehová passou despercebido ou ignorado por muitos intelectuais da Cidade de Salvador, por sua relação social com os excluídos, por ter fama de boêmio de prostíbulos, pelo envolvimento com comunistas. Talvez ele tenha sido um dos últimos escritores baianos seguidores de Gregório de Matos, Luiz Gama⁶, dos poetas da “Baixinha”⁷ e da Academia dos Rebeldes⁸. Ele usava a palavra escrita para traduzir hábitos, tradições e modos de vida do povo, tornando-se, dessa forma, a ligação entre o mundo popular e o erudito.

Apesar de ser um escritor rebelde, da cidade e do povo, as suas crônicas fogem da linguagem panfletária ou político-demagógica. Na sua essência era um ser popular, sem participar de ideias sectárias. Seus textos

⁵ Tradicionalismo deve ser entendido nesse estudo como “[...] uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência [...]” para o presente, segundo BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott in: *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 80.

⁶ Luiz Gama nasceu em Salvador, foi escritor, jornalista, rábula e advogado a favor da abolição da escravatura.

⁷ Poetas da Baixinha, denominação dada por se encontrar nas imediações do Pelourinho, Taboão e Baixa dos Sapateiros, local de comércio para os menos favorecidos. Eles se reuniam no Café Progresso, o mais simples da localidade, onde foi criada a *Revista Samba*, fundada por Samuel de Brito Filho, o Guarda 85, na década de 1920.

⁸ Academia dos Rebeldes foi um movimento literário que ocorreu em Salvador e tinha uma postura literária considerada popular e voltada em especial para a cultura africana. Seus integrantes tinham como objetivo fazer uma literatura moderna. Pode-se considerar esse movimento não apenas literário como também político em razão da crise da Velha República e das novas propostas políticas que se configuravam no final dos anos 1920 no Brasil com grande força, como o socialismo, o qual influenciou muitos dos componentes da Academia dos Rebeldes.

possibilitam não apenas leitura variada, como também trazem para debate a importância de seus trabalhos como fonte de estudo para se pensar e compreender os projetos urbanos e a cultura baiana.

Para ele, a vida cotidiana estava presente em todos os ambientes ocupados pelos homens, e a cidade é o lugar onde o cotidiano está explícito, onde todos representam seu papel, são atores e também espectadores de muitos atos, todos os dias. É na cidade que as tensões sociais, criações poéticas, fantasias múltiplas e demarcações de territórios ficam à mostra.

O objetivo deste estudo é analisar a crônica de Jehová de Carvalho na representação de si próprio e, principalmente, da cidade de Salvador, contextualizando-as no seu tempo histórico, percebendo o social, o cultural, o mundo urbano e alguns personagens que interagem com ele. Concomitante a esse objetivo geral, foram surgindo outros mais específicos que se pretende atingir:

- Reconstruir a história de Jehová sem perder de vista o seu sentimento de negação às mudanças urbanas e socioculturais de Salvador;
- Identificar as representações que Jehová tinha do mundo popular, da cidade, das mulheres e da boêmia, tomando como referência suas crônicas;

Foram observadas as crônicas que se apropriam do lirismo, dos conflitos existências do autor, criadas sobre fronteiras urbanas tensionadas entre a sociedade, a política e a cultura com enfoque que oscila entre o social, individual e psicológico.

A pesquisa qualitativa tomou como referência vários jornais, especialmente aqueles em que Jehová trabalhou: *Diário de Notícias*, *A Tarde*, *Jornal da Bahia* e *Tribuna da Bahia*. Também são considerados os quatro livros escritos e publicados por ele, assim como suas poesias ainda inéditas, um glossário de gírias, entrevistas com amigos, populares e parentes, como filhos, filhas e sua viúva, D. Vandete Carvalho, que possibilitou acesso ao acervo pessoal do marido. Entrevistas com amigas e amigos do escritor como Claudete Macedo, Franco Barreto, Clarindo (da Cantina da Lua), Antônio Ângelo, Fred Souza Castro, Riachão da Bahia e Luís, garçom do Bar Colon contribuíram para esclarecimentos valiosos ao estudo, como também a leitura de 294 crônicas, publicadas no jornal *A Tarde*. No *Diário de Notícias*, as 332 crônicas encontradas dão uma dimensão ainda maior à pesquisa, uma vez que

através delas podemos entender melhor o jornalista e escritor Jehová e sua percepção sobre a cidade. No total foram 626 crônicas analisadas e classificadas por temas e quantidades: cidade, com 72 crônicas; cotidiano, 293; intimistas, 100; personagens, 57; mulheres, 31; artistas, 39; religião, 34.

Encontramos diversas crônicas inelegíveis, nesses jornais, desse modo, fomos obrigados a recorrer ao livro, escritos por Jehová, *A Cidade que não dorme* que trazem essas crônicas na íntegra.

Foram feitas pesquisas, inicialmente, nos jornais no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que foram interrompidas devido à impossibilidade de reproduzir as crônicas e reportagens encontradas. Desse modo, o estudo e o material reproduzido para leitura foram encontrados na Biblioteca Central dos Barris, de Salvador, por conta do apoio de um dos funcionários dessa casa que, reconhecendo a importância da pesquisa, permitiu a reprodução de cópias xerox das crônicas, o que, sem dúvida, facilitou todo o trabalho.

No que se refere a discussão sobre crônica, presente no segundo capítulo, recorreu-se a vários pensadores, como Antônio Candido, Afrânio Coutinho, Júnior Davi Arrígucci, Luiz Beltrão, Massaud Moisés, Marília Rother Cardoso e Margarida Souza Neves.

Foi mantida a grafia das crônicas por acreditarmos que um documento não deve ser modificado, como também para dar maior veracidade ao estudo. Muitos dos depoimentos, dentre outras afirmações sobre a vida de Jehová, presentes nesse estudo, fazem parte da minha memória em razão da nossa relação de amizade, como também dos diálogos travados nos bares da cidade entre mim, amigos e conhecidos de Jehová.

No tocante à delimitação do período de tempo (1940-1980), este tem relação direta com a vinda de Jehová para Salvador na década de 40, sua formação intelectual como jornalista e advogado, até o momento que esse cronista deixa de publicar suas últimas crônicas em 1980.

O primeiro capítulo, intitulado “Jehová de Carvalho: história(s) para contar” centra-se na recuperação dos principais fatos biográficos da vida desse escritor quando jovem, desde sua saída da cidade de Santa Maria da Vitória para vivenciar Salvador e seu ingresso na vida profissional e literária contados por ele mesmo em suas crônicas.

O segundo capítulo intitulado “Considerações sobre o gênero crônica”, apresenta uma discussão sobre crônica, focando suas definições, as diferentes classificações e a relação entre crônica, cidade e história.

No terceiro capítulo, “A Salvador de Jehovah”, é mostrada a história da cidade de Salvador, através das crônicas, para buscar entender como este escritor representava as mudanças espaciais da cidade, seus sentimentos frente a essa realidade e interpretações sobre a noite e pessoas diversas que compunham a cidade.

Os anexos, aqui apresentados, estão organizados do seguinte modo: Anexo 1 – Crônicas do primeiro capítulo; Anexo 2 – crônicas do terceiro capítulo.

Referindo-se ao título, esse foi apresentado no projeto de pesquisa como *Jehová de Carvalho: cidade, crônica e boemia*, porém no decorrer das seleções das crônicas que iriam compor o estudo, achamos por bem mudá-lo para *Jehová de Carvalho, o cronista esquecido*. Quando a tese foi concluída a minha orientadora teve um olhar mais apurado sobre a questão, achando que o título não cobria toda proposta de estudo. Depois de um exame minucioso chegamos à conclusão de que a tese poderia se chamar *Jehová de Carvalho, o cronista (de) Salvador (1940-1980)* em razão de apresentarmos a biografia desse escritor e seu olhar sobre as mudanças da cidade de Salvador a partir de suas crônicas. Em outras palavras, a vida desse homem e a cidade se confundem e se transformam.

1 JEHOVÁ DE CARVALHO: HISTÓRIA(S) PARA CONTAR

1.1 DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA (PRINCIPALMENTE) POR ELE MESMO

A história de Jehová de Carvalho começa no interior da Bahia, em Santa Maria da Vitória, onde nasceu a 18 de março de 1930. Filho do alfaiate e lavrador Otacílio Carvalho e da costureira Maria Dina de Carvalho, é oriundo de uma família humilde, de formação presbiteriana.

As experiências vividas na sua infância e juventude são revividas em suas crônicas de forma muito atenta. Ao transitar por esse passado, Jehová o faz com alegria e humor. São episódios da vida escolar, familiar e comunitária, narrados com leveza, que retratam o universo da sua infância e adolescência – períodos determinantes na formação do homem e do escritor.

As crônicas sobre a infância são caracterizadas por um auto-retrato, ou seja, oferecem narrativas autobiográficas, trabalhadas com fragmentos de tempos idos, nos quais a memória do autor vive entre o presente e passado, refazendo e recriando sua vida desde jovem em Santa Maria da Vitória. Nessas crônicas, a vida segue uma rotina de uma cidade simples, porém a educação doméstica e escolar do filho de Dona Maria e Otacílio Carvalho foram marcadas por afeto e por regras educacionais muito bem estabelecidas.

Santa Maria da Vitória era mais que um espaço: significava o início da sua vida. A orientação presbiteriana era advinda dos evangélicos que se instalaram na cidade no início do século 20 e colaboraram com a educação local, criando escolas primárias que terminaram por beneficiar os mais carentes. Lá foi onde Jehová começou seus estudos no primário da escolinha de Rosa Oliveira Magalhães, missionária presbiteriana.

Na escola aprendeu a rigidez e a disciplina, consideradas, à época, necessárias para a boa conduta humana - fundamento dos princípios do Evangelho e de uma educação moral e cívica. A experiência escolar foi assim descrita na crônica “Minha bandeira nacional sofrida e pobre”:

A professora Rosa Oliveira Magalhães pegou a Bandeira Nacional, desfraldou-a sobre a mesa da sala, na qual se dividiam várias classes, e disse: – Todos vão desenhar, agora, a bandeira, da posição em que a estejam vendo. Cuidado com as cores! E tomei do lápis para lhe fazer os contornos. A escola era pobre. Da farda só o

escudo. Os pés, aliás a maioria dos pés, entrados em tamancos de madeira. Os livros tinham as marcas de várias mãos infantis e dezenas de assinaturas vacilantes.⁹

O aluno da professora Rosa não demonstrava aptidão para o desenho, mas era capaz de provocar cenas hilariantes na sala de aula, como ele mesmo descreve na crônica “O tempo em dois gestos no retrato de Santos Dumont”:

A professora abriu o livro de História do Brasil, carteira pobre de uma escola evangélica em Santa Maria da Vitória e me ordenou: - Desenhe, sem decalcá-lo, o retrato desse homem aí, um grande brasileiro. Foi ele quem inventou o avião. E eu fiquei olhando para a cara dele. Sujeito meio diferente com alguns traços do meu tio José, como seus irmãos um alfaiate metido a assimilar as conquistas da moda daquela tempo adotada nos grandes centros [...] E me dei à arte de reproduzi-lo [...] Pronto o trabalho em metade de uma folha de cartolina, confesso, que não enxerguei semelhança alguma com o original [...] Cheio de temores, levei-os à professora. E ela, sem alterar a voz, sentenciou: - Meu filho sente-se de novo. Faça outro Santos Dumont, Este aí é Tião do Cartório e não o grande inventor.¹⁰

O menino da escola tradicional, onde se exaltavam os valores humanos como respeito, disciplina e incentivo à leitura poética, logo se iniciou nos exercícios de declamação de versos e, portanto, de alguma forma, no mundo das letras, como se pode constatar na crônica “Naquele distante dia das mães”, que narra a festa organizada pela professora Rosa, em um domingo de 1944, em homenagem às progenitoras:

A professora Rosa Magalhães me fez subir ao palco do Clube Dramático Dois de Julho em minha cidade para recitar versos de um pastor presbiteriano [...] No livro em que se encontravam as palavras ternas do pastor havia referência ao ministério dele [...] Mas, o que importa é que fui muito bem até a penúltima quadra, porque na última, justamente na última os versos sumiram da memória como tablado de sob os pés. Foi-se a noção de tempo e espaço, de modo que parecia não saber onde estava e quanto tempo estava a durar a minha repentina amnésia [...] ¹¹

Diante de tamanho susto, não faltou o apoio da sua professora que disse: - “Meu filho repete o poema. Se, novamente o esquecer não haverá de

⁹ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.144.

¹⁰ _____. O tempo em dois gestos no retrato de Santos Dumont. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 17 e 18 jun.1973.

¹¹ _____. Naquele distante dia das mães. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 14 e 15 maio 1972.

ser nada. Não seria o primeiro. Em casa vai lembrá-lo. E, eu vou bater todas as palmas que não serão ouvidas.”¹² As palavras de apoio foram suficientes para o futuro poeta reiniciá-la com sucesso e demonstram a atmosfera de amor e cuidado que o envolvia na escola.

De maneira semelhante, o pai contribuía muito para a sua formação ao prepará-lo para ir à escola, cuidando dos materiais escolares e da vestimenta, conforme depoimento do autor, presente no jornal *A Tarde* em 1966:

papel de embrulho para proporcionar um caderno escolar cujas linhas também ele fazia a régua, uma a uma; como também colou resignadamente uma sola no par de tamancos para atender a professora que detestava o ruído causado pelo contato da madeira como o chão da escola.¹³

Jehová era um menino ativo, que, como todas as crianças, gostava de brincadeiras, que incluíam circo e o rio Corrente. O circo, que, vez por outra, chegava à sua cidade natal, o encantava sobremaneira. Sem medir esforços, era capaz de fugir de casa só para ver os atores e atrizes do circo, como aparece na crônica “Hoje tem espetáculo, tem sim senhor”:

fugi à vigilância do presbiteriano Otacílio Carvalho para acompanhar, nos domínios da Rua de Baixo, a meninada que fazia côro ao “perna-de-pau”, no seu “ô raia o sol suspende a lua”, para fazer jus a senha com que poderia assistir ao espetáculo da tarde do sábado seguinte. Vesti minha calça, branca, calcei os sapatos de dias cores e fui sentar-me no chamado “galinheiro”.¹⁴

O episódio narrado na crônica, além de evidenciar o gosto da criança, já anunciava a sua capacidade de buscar o que lhe interessava, mesmo que para isso tivesse que romper com as regras estabelecidas.

Diversas brincadeiras desafiadoras, dentre elas, tomar banho no rio Corrente de sua cidade, o mobilizavam. Certo dia, ao lado de um amigo,

¹² CARVALHO, Jehová de. Naquele distante dia das mães. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 14 e 15 maio 1972.

¹³ Depoimento de Jehová de Carvalho ao jornal *A Tarde*, Salvador, p. 6, 1966.

¹⁴ CARVALHO, Jehová de. Hoje tem espetáculo, tem sim senhor. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 01 set. 1972.

resolveu nadar no rio, o que, por pouco, não terminou em tragédia, não fosse o seu amigo Dorgal¹⁵, que o salvou de um afogamento.

O rio Corrente seguiu todos os dias e horas o seu velho percurso, marcando o tempo que passava e a vida dos santa-marienses, que pouco, ou quase nada, mudava. Otacílio Carvalho e Maria Carvalho compreendiam que a permanência do seu filho na pacata e pobre cidade não lhe renderia um futuro melhor, por isso resolveram mandá-lo para a Capital. Assim, aos quatorze anos de idade, Jehová foi definitivamente morar e estudar em Salvador. Com o incentivo da família e da Central Brasil Missão Presbiteriana, passou a estudar no Ginásio Americano, hoje Colégio Dois de Julho, depois de ser agraciado com uma bolsa de estudo.¹⁶

A chegada a Salvador para cursar o Ginásio Americano configura-se como uma nova etapa na vida de Jehová. Uma outra realidade se configura: não apenas o novo sotaque, mas o conhecimento de diferentes modos de ser. O afastamento da família custou aos seus pais saudades infinitas registradas carta enviada por sua mãe, e reproduzida na crônica “Luz apagada, coração de papel”, na qual se evidencia todo o cuidado e preocupação de seus progenitores, mesmo, então, quando já está na adolescência:

– Quero que tudo lhe corra bem e que não demore muito de nos escrever, pois eu e seu pai estamos morrendo de saudade de suas maluquices e, por isso, com muita necessidade de lhe dar umas palmadas. Meu estúpido e terno grandalhão: seu retrato continua à minha cabeceira e já não tenho coração para ocupar tantas ausências e tantas distâncias. Sabe, a velhice é surpreendente: meu medo é de morrer sem vê-lo[...]¹⁷

O menino das várzeas de Santa Maria da Vitória descobria, na sua timidez de estrangeiro no sítio de paralelepípedo da cidade grande, um novo mundo. Assim, passou a enfrentar altercações de toda ordem, como ele mesmo relata na crônica “Memorial do antigo colégio”:

¹⁵ Em homenagem a Dorgal, Jehová de batizou uma de suas filhas com o nome de Dorgália. Essa passagem da sua vida nos foi revelada em uma conversa na sua residência em Lauro de Freitas.

¹⁶ Depoimento de Jehová de Carvalho dado ao autor em 1997.

¹⁷ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 145.

– Como é mesmo seu nome? Suas provas estão excelentes. Parabéns. Mas terá que fazê-las novamente. Assinou-as como “Giovanni”. E parece que este não é seu nome.

Todos riram... quando expliquei estarem meus pais providenciando a mudança de meu nome, porque o “Jehová” que me sacratizava os defeitos que me marcaram a vida até hoje, era o mais alto substantivo bíblico, o mais abstrato e, a um tempo, o mais concreto.¹⁸

Essa passagem de sua vida é um passeio pela memória dos tempos outrora e demonstra a falta de identidade ou desconforto em possuir um nome de cunho religioso que se confronta com sua vida rebelde no presente.

Apesar de todas as dificuldades por que passava, nunca descuidou dos estudos, priorizando-os, pois acreditava que através dele poderia ajudar os pais, que tinham sérias dificuldades materiais, como relata:

Minha obsessiva necessidade de alcançar, sempre, a média final “sete”, para garantir a bolsa e a impossibilidade de retorno aos zunidos das moscas de brejo do sítio do meu pai, à beira de um riacho na zona da Sambaíba, me obrigava ao lazer dominical dos livros de Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga, à *Crestomatia* e à *Gramática Latina* de Wandick Londres da Nóbrega.¹⁹

Sendo, pois, aluno exemplar, dedicado à literatura e à poesia, recebeu o reconhecimento da professora Jane Régis do Ginásio Americano, como pode ser lido na crônica “Memorial do antigo colégio”:

Ela (Jane Régis) sabedora da irreverência das poesias libertárias que a minha débil lira já experimentava, ao modo do condoreiro Castro Alves, exigiu que lhe levasse à censura o discurso da noite solene, que deveria iniciar-se com um culto de Ação de Graça, cujo pregador haveria, necessariamente, de ser o pastor e, logo após, deputado Basílio Catalá de Castro. Dei-lhe o discurso. Mas à hora de lê-lo, embora o simulasse diante das laudas, na verdade, improvisava um outro que, ao lado de outras falhas, próprias da adolescência.²⁰

Entretanto, o comportamento irreverente e indisciplinado aos poucos tomava conta do estudante, especialmente quando este foi transferido para Recife, onde passou a estudar Teologia no Seminário Teológico do Norte, na intenção de ser ministro evangélico. Esses planos foram alterados por ter sido

¹⁸ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 146.

¹⁹ *Ibid.*, p.147.

²⁰ *Ibid.*

flagrado com uma missionária, o que terminou por trazê-lo de volta a Salvador e a sua antiga escola.

Depois de ter passado por esse constrangimento, o jovem Jehová não seguia mais as regras do Ginásio Americano buscando, sempre que podia, fugir das atividades escolares, juntamente com colegas, para passear pela cidade ou frequentar prostíbulos localizados na Ladeira da Preguiça.

Assim é que durante a sua juventude, conforme revela em suas crônicas, vive, em Salvador, um período conflitante entre a sua cultura interiorana e a urbana. A cidade que conheceu, na qual nasceu, tende a desaparecer, no entanto, é evocada por meio de suas crônicas. O jovem se mostrava inquieto e irreverente, expressando suas angústias e impossibilidade de convívio tranquilo com as novas situações que surgiam na cidade grande.

Fora do internato, residiu em um pensionato de evangélicos na Rua Carneiro de Campos, 13, no Areal de Cima, em Salvador, passando a se sustentar como bedel do Colégio Ipiranga, na Rua do Sodré. Levou um bom tempo vivendo sem um emprego estável, assumindo diferentes atividades profissionais, tais como: representante de uma empresa farmacêutica durante dois meses, professor de Latim e de Português em algumas escolas privadas²¹.

No pensionato, Jehová conheceu Vandete Leal Bezerra, sobrinha dos donos da casa, moça que também nasceu no interior, em Campo Formoso (BA), e foi para Salvador nos anos 50. Sabendo das dificuldades de Vandete nos seus afazeres escolares, Jehová se prontificou a ajudá-la. Timidamente, ela comenta em depoimento ao autor “– Quando eu olhei para ele, eu me apaixonei, mas não tinha coragem de falar, mais tarde uma amiga falou para ele e aí começou o namoro”²².

O afeto entre eles chamou a atenção dos tios de Vandete, que passaram a proibir o namoro em razão de Jehová ser negro e, por isso, o expulsaram da pensão.²³ Contudo a mãe de Vandete foi para Salvador e lá alugou uma casa. Conforme a moça: “Ele ficava, mais eu e mamãe. Mamãe alugou um quartinho

²¹ Depoimento de Jehová de Carvalho dado ao autor em 1997.

²² Depoimento de Vandete Carvalho dado ao autor.

²³ Depoimento de Vandete Carvalho dado ao autor

ali no Sodré, aí ele ficava lá, só não fazia dormir. Dormia na praia da Preguiça.... Ali, eu já tava noiva dele... Casei em 8 de abril de 1952”²⁴.

As dificuldades financeiras continuaram e a relação afetiva ganhou uma dimensão frustrante para a moça, que acreditava no amor e na possibilidade de ser feliz, pois seu marido passou a ter uma vida boêmia. Despreparada para enfrentar a realidade que se configurava, Vandete era submissa; sujeitava-se ao tipo de vida que o marido levava fora do casamento, que incluía amantes e filhos bastardos.

Assim a vida de Jehová foi ganhando diferentes e inusitadas formas. O enlace matrimonial trazia novas maneiras de existir, sentir e compreender o mundo, principalmente depois do nascimento da sua primeira filha, Lucênia²⁵. A luta pela sobrevivência estava posta e a cidade se apresentava como o espaço de conflito e competitividade em busca de trabalho. Já como jornalista, seu parco salário não era suficiente para atender às necessidades básicas da casa, o que o obrigou a alguns constrangimentos, por exemplo, quando nem mesmo pode festejar o aniversário de Lucênia. Ele lembra desse momento na crônica “A tímida emancipação da primogênita”²⁶:

Numa noite de verão de há quinze anos, ela abriu o riso e os olhos apertados para uma pergunta: – Painho, você vai comemorar meu aniversário? Passei-lhe a mão sobre o cabelo negro mal cuidado, vesti um paletó listrado (oferta de um amigo chamado Jonas Pagannuci Amorim), atravessei, no colarinho, a gravata borboleta vermelha, e fui correndo pegar a pauta de reportagem do dia, em mão do hoje bem-sucedido criminalista José Augusto Lobão. O gerente, José (também Augusto, mas Ribeiro) era um homem de formação evangélica. Recorri aos maletões da memória e pude exumar o trecho do Apóstolo São Paulo que dizia: “Ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como metal que tine e como o sino que soa”. Entrei no gabinete do Sr. J. A Ribeiro, declamando-o, com toda a impositação da voz. Não o vendo levantar o rosto, improvisei-lhe um verso, chulo de rima mas rico de efeito. E, de nada adiantou. O vale de cinco mil réis não foi “despachado”.

²⁴ Depoimento de Vandete Carvalho dado ao autor.

²⁵ Muitas das informações sobre a vida de Jehová de Carvalho, presente nesse estudo, foram testemunhadas por mim em razão de ser amigo pessoal da família.

²⁶ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 41.

As dificuldades financeiras fizeram com que Jehová e sua família se mudassem frequentemente. Viveram no Pelourinho, em pleno Maciel²⁷, na Rua João de Deus, Visconde de Mauá, no Tororó e no famoso Beco dos Cravos que, quando chovia, era tomado pela água, inundando, inclusive, as casas. Para Jehová residir no Maciel não parecia ser constrangimento em razão da sua realidade, afinal sua origem familiar pobre foi um exercício para enfrentar as dificuldades presentes, como ele mesmo confidenciou:

morei no Maciel de Cima número 1. Morei com Vandete e a minha filha ficava defronte ao Centro Cardecista da Bahia. Eu sempre morava no putero. Nunca passei fome mas passei dificuldades... Na Preguiça tinha muito marginal e prostituta, mas era divertido.²⁸

Jehová residiu também na Ladeira da Preguiça²⁹, não muito diferente do Pelourinho, como recorda sua esposa: “A gente foi morar num quartinho de tabique... a cozinha da casa era para todos os inquilinos... dormia no chão”.³⁰

A falta de saneamento básico e higiene nessas localidades deixavam os moradores em estado de alerta, principalmente quando chovia, alagando ruas, becos, avenidas e casas. Mais tarde, mudou-se para o Beco do Cravo, um lugar muito pobre, conforme ele mesmo narra na crônica “De um beco assim como eu assim”:

Beco dos Cravos, agora transformado em canil e galinheiro e onde o senhorio Alfredo Gil Ramos dosa sua paciência nas enchentes e nas últimas chuvas do inverno, o providencial inverno baiano, coxeando entre dez minutos de água e vinte de sol, hiato de tempo bastante para fazer ruir meia centena de casa de pau a pique, que se espalham por todo o dorso da Bahia. Não é um beco como o do poeta Manuel Bandeira que, depois da queda de seu casario, ficou suspenso no ar da Lapa. Esse meu Beco dos Cravos poderá mergulhar no dilúvio das precipitações do meado de Abril.³¹

Por outro lado, o Beco é lembrado de forma terna e lírica na crônica “Pela doce Marocas do beco dos Cravos”:

²⁷ Maciel, nessa época, era um ambiente considerado perigoso por ser habitado por marginais, traficantes, prostitutas, entre outras pessoas que, por falta de recurso, residiam nessa zona.

²⁸ Depoimento de Jehová dado ao autor.

²⁹ Ladeira da Preguiça era habitada por prostitutas, meliantes, lavadores de carros, entre outras pessoas que viviam em condição de pobreza.

³⁰ Depoimento pessoal de Vandete Carvalho, 12 maio 2009.

³¹ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 107.

Quando nós chegamos ali, ao Beco dos Cravos [...] a primeira cara mais nossa, mais diariamente nos vendo, era a de Dona Maroca [...] Nesse tempo, o beco dos Cravos ainda era uma festa. Falado pelas imediações [...] pela qualidade de certos moradores, sobretudo as sofridas mulheres em estado de desamor-segundas na ternura dos maridos alheios – ainda conservava, no alto da sua entrada os dois globos de louças portuguesas, roubados, há uns seis anos e que compunham o padrão colonial da antiga rua do gravata[...] A beleza, desse Beco, quase alegórico no tropicalismo de suas cores internas, suspensas nas roupas postas nos arames [...] ³²

Embora possa surpreender, Jehová gostava de viver com as pessoas pobres desses lugares, sem medo ou discriminação, inclusive sendo elas, a todo o momento, fontes inspiradoras para suas crônicas e poesias: “Adorava ver aquelas mulheres lindas no Pelourinho com aqueles batons vermelhos e vestidos longos numa manhã ensolarada. Gostava realmente de brega.”³³

Assim, a boêmia e as restrições econômicas, que afetavam mulher e filhos, foram assumidas por ele integralmente, sem vergonha, como pode ser constatado na carta que escreveu a sua filha Dorgália Carvalho em 2 de janeiro de 1984:

Você não nasceu de um homem qualquer: rico, lúcido da lucidez da prosperidade, não nasceu de um lar organizado. De um berço de seda. Veio de um filho de alfaiate. De um lidador. Seu berço foi o de uma casa de partos [...] chegada em casa, posta, com o rosto iluminado, na cama comum – onde todos nós dormíamos – cobriu-a um lençol feito dos tecidos populares, em bordados das prendas de uma filha de barbeiro, quase uma adolescente e mãe.³⁴

Dessa maneira, a falta de limites o acompanhava, gastando seu parco salário na boêmia. Muitas vezes, chegava ao Bar Colon por volta das 10 horas da manhã, de paletó e gravata, quando lhe perguntavam: “ – Jehová, você vai para onde?” – lembra um frequentador, e ele respondia: “ – Trabalhar”, pedia uma cerveja e só saía altas horas³⁵, deixando quase sempre dívidas, como lembra Franco Barreto:

anterior ao “Dr. Jehová de Carvalho- advogado criminalista” andava sempre duro, ou meio duro, com seus parcos salários de funcionário público estadual e jornalista. Pendurava nos botecos, bares e

³² CARVALHO, Jehová de. Pela doce Marocas do beco dos Cravos. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 26 jun. 1974.

³³ _____. Protótipo do jornalismo boêmio. Abril de 1997. Salvador: *A Tarde*.

³⁴ Carta de Jehová à Dorgália. Arquivo da família.

³⁵ Esse depoimento foi dado ao autor por um cliente do Bar Colon, que conhecia Jehová, mas que não quis se identificar.

restaurantes. Como todo bom boêmio, quando recebia o salário, tirava a conta do prego. Às vezes, demorava, a conta amarelava e o prego enferrujava. Adorava ser homenageado com cortesia do proprietário, porque isso era um reconhecimento ao freguês amigo e importante que ele era.³⁶

Desde secundarista, tomava dinheiro emprestado na mão de simples trabalhadores da noite, como o garçom Bandeira, conforme cita na crônica “Sobra uma bandeja na madrugada”:

Era Bandeira que me emprestava cinco mil réis (quando Aristeu não havia chegado) a fim de alugar, na galeria de Rosita, à entrada da casa, um paletó de xadrez, cheirando à naftalina e que me dava, segundo ele, “um certo ar de príncipe mulato”.³⁷

A dívida contraída para o aluguel do terno tinha como objetivo deixá-lo mais velho e elegante para ir em direção às casas noturnas. Essa prática o acompanhou durante muitos anos.

Da mesma forma, cumprindo sua obrigação de jornalista, muitas vezes tinha de participar de eventos onde a alta sociedade baiana, ou de outros Estados, se fazia presente, em ambientes sofisticados que o levavam a gastar dinheiro com roupas, entre outras realizações do seu desejo. Era um verdadeiro dândi. Concluído seu papel, a irreverência e a crítica afiada na ponta da língua a essa sociedade não faltavam, como se constata na crônica “Na realeza de minha pobreza a certeza”:

Como é duro o imprensar-se entre a realidade da pobreza e o quadro cênico das relações sociais requintadas! Ainda assim fui ao Plaza. O bar é um Oásis de neuroses disciplinadas [...] No Chez Bernard, a cortesia do “coq au vin”[...] Minada da elite tagarela em idiomas estrangeiros mal exercitados [...] – Meu mocotó de ontem, Valdemar. Estou cansado dos jejuns das etiquetas.³⁸

Conhecia todos os cantos e recantos da cidade, marcava presença nas festas, como também fazia comícios políticos em épocas de eleição em

³⁶ BARRETO, Franco. Posfácio. In: CARVALHO, Jheová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 176.

³⁷ CARVALHO, Jheová de. Sobra uma bandeja na madrugada. *A Tarde*, Salvador, p. 9, 13 out. 1974.

³⁸ CARVALHO, Jheová de. Na realeza de minha pobreza a certeza. *A Tarde*, Salvador, p. 9, 20 abril 1973.

terminais de ônibus, parecendo que o tempo tinha mais de 24 horas. Não gozava de boa imagem junto às pessoas do meio cultural conservador, aristocrático da cidade. Jorge Amado, por exemplo, sobre ele disse: “Poeta muito desarrumado, displicente, inimigo do relógio que limitava o tempo que ele deseja sempre maior para viver mais e mais”.³⁹

Já Fred Souza Castro⁴⁰ não sabia explicar “como Jehová conseguia conciliar todas as maneiras de ser poeta, escritor, jornalista, advogado e boêmio em um só tempo. Seu dia não tinha 24 horas. Era espichado [...]”⁴¹.

Entretanto, junto ao seu público leitor era muito apreciado, como se pode observar na carta de uma leitora, que indaga: “– Quero te conhecer, urgente. Adoro o que fazes escrevendo. Tuas crônicas são a vida... que espécie de homem você é?”⁴². Ao que ele responde na crônica “Do cansaço de ser Deus e poeta”:

Mas, para não a decepcionar digo-lhe, dancei tango num bordel, jantei com uma dessas mulheres alegres num boteco do Maciel de Baixo. Bebi pinga grossa com “Cara de Jegue”, um marginal desalmado que, quando mata para roubar, enche a barriga do sangue da vítima. Não gosto de trabalhar. Uso as pessoas na medida dos meus interesses, sempre os de riqueza e poder, quando possível a ilusão de alcançá-los. Sou um deboche que fala. Diria mesmo uma figura amoral dessas que a sociedade aberra de cem em cem anos. É um perigo, portanto, à missivista me conhecer. Se lhe respondo nessa linguagem, tão verdadeira quanto o meu conteúdo, é porque estou cansado de santas e musas. Esta carga de Deus e de poeta que puseram sobre meu destino já a mandei para o diabo que o carregue [...].⁴³

A autocrítica atravessa muitas de suas crônicas, o autor utiliza passagens bíblicas, como se fosse um homem que se desviou do caminho do Evangelho aprendido na sua casa e durante o tempo em que estudou Teologia com a intenção de ser pastor presbiteriano, como pode ser constatado na crônica “Meu Jesus particular não ressuscitou”:

Como já sabem, queimei os Judas da noite de sábado nos postes dos meus Judas particulares, indormidos no cérebro desde que senti,

³⁹ AMADO, Jorge. *Diário de Notícias*, Salvador, p.8, 20 e 22 abril 1969.

⁴⁰ Fred Souza Castro escritor e amigo pessoal de Jehová de Carvalho.

⁴¹ Entrevista dada ao autor.

⁴² CARVALHO, Jehová de. Do cansaço de ser Deus e poeta. *A Tarde*, Salvador, p. 21, 15 fev. 1973.

⁴³ CARVALHO, Jehová de. Do cansaço de ser Deus e poeta. *A Tarde*, Salvador, p. 21, 15 fev. 1973.

ouvi, li e exercitei o ato de trair. Agora, retomo o descanso do azeite de dendê e do vinho, antibióticos de infecções estomacais impostas por metas não atingidas [...]⁴⁴

Durante o período da Páscoa, as crônicas estabeleciam uma relação com esse momento religioso e a vida do cronista. Era uma hora de reflexão do seu passado devoto ao Evangelho e o seu presente distante dessa prática, como é possível notar na crônica “Eis o que sou diante do Senhor Morto”:

Cumpri, ao meu jeito, o ciclo da Semana Santa. Antes, tinha uma Bíblia na mão e os olhos pregados nos Evangelistas [...] Fiz viagens missionárias [...] Tive o pão da vida elevado dos meus lábios para a comunhão. E óleos em unção para minha fronte adolescente [...] No último dia da Páscoa, neste ano de 1974, ao ver da Cantina da Lua, onde Clarindo servia vinhos populares para uns marginais que vinham do Maciel de Baixo, demorei meus olhos cansados de muitas buscas na simbologia do Senhor Morto, descansado no madeiro da idolatria dos fiéis. Foi nessa ocasião que concluí que nunca fui um João, o Apóstolo do Amor e que, com Judas, tenho a cada instante traído o Mestre, não por trinta dinheiros. Mas, por trinta fraquezas e ainda não viver uma vida verdadeira. Em detrimento dos mais fracos. Com medo dos mais fortes.⁴⁵

Assim, vê-se que sua consciência era clara no que dizia respeito à sua vida profana e descontraída, porém, essa condição parecia, por vezes, incomodá-lo: “meu mal é ser um deboche de poesia noturna distribuída pelos bordéis, tantos quantos de que seja capaz minha visita andarilha ou meu aprendizado obscuro.”⁴⁶

Por meio de sua linguagem coloquial e do uso recorrente de metáforas, Jehová não se furtava de usar suas crônicas como uma espécie de confessional, onde levantava e expunha a sua própria existência, como se constata na crônica, “Estou me entregando/aceitem-me”:

Eu vou dizer: vesti minha fantasia de alegria extrema e desci a Ladeira da Montanha. Para onde ir tão livre de mim mesmo, tão sem caminho traçado com o rigor dos compromissos sociais? Não me havia lugar próprio à alma em festa, vestida assim de Chacrinha com chifres dos lados (inclusive os chifres que você pensou), folhas de pitanga nos ombros, abacate no pescoço, nos pés os sapatos tal como os palhaços o calçam nos picadeiros. Na testa, uma lâmpada

⁴⁴ _____ . Meu Jesus particular não ressuscitou *A Tarde*, Salvador, p. 16, 24 abr. 1973.

⁴⁵ _____ . Eis o que sou diante do Senhor Morto. *A Tarde*, Salvador, p.14, 16 abr.1974.

⁴⁶ CARVALHO, Jehová de. Ó subcomunicação, não obedeci! *A Tarde*, Salvador, p.15, 24 maio 1973.

em acrílico, dizendo: “quem salvará o meu mundo em tensões particulares”? Compreendam: se a alma é a minha, faço-a e sinto como o quiser e bem entender. Por isso, que, em certas ocasiões como essa, ela tem todos os atributos e formas do meu corpo. Apenas, seus vícios são mais puros porque são, simplesmente, vícios da alma e não do corpo. São vícios imponderáveis em sua mecânica.⁴⁷

E os devaneios da sua alma boêmia parecem não ter fim. A subjetividade marca seu texto com lirismo pungente, despejando para leitor as suas impressões de si, do seu cotidiano dilacerado por um vazio existencial, traduzido na busca noturna pelas casas de tolerância, abrigo para que o seu grito de socorro seja ouvido, como se vê na narrativa:

entrei no casarão de número 63. A fachada pintada em verde, de onde se abre mais uma porta, “uma porta policial preventiva”, que o Delegado de Costume mandou instalar como uma das metas práticas de sua reforma no domínio das diversões noturnas da cidade. Na mesa do canto está a Nêga Tereza. Não sei onde estava. Mas tudo indica que está vindo de um grande cansaço. (...) A Nêga me veio falar por alguns minutos, de que é sofrendo que se vai gozando. Em seus olhos, como luz ambiente, se escasseava o brilho antigo. Distribui-o pelas boates por onde passeou sua vontade de viver a ansiedade de buscas. Penso em lhe tocar o rosto e convidá-la à festa que trago por dentro. Mas ela desaparece pela porta verde. No Forte São Marcelo, entregue à sua paz de barravento, um barco me olha pelo tombadilho.⁴⁸

Quantas fugas e refúgios são necessários para o cronista se distanciar da realidade e de si mesmo? Em certos momentos, Jehová, em diálogo com o seu “eu”, delira ou transcende o campo material, buscando abrigo em Onésimo. Mas quem é Onésimo? Responde Jehová na crônica “O fantasma que nasceu comigo”: “É um fantasma que me visita somente em momentos de amargura ou de perigo. Nasceu quando eu nasci, cresceu comigo e tem seus caprichos quase humanos; melhor dizendo: quase mortais⁴⁹. Trata-se de um personagem criado pelo autor, que busca forças para sair dos dilemas existências. Durante a narrativa ele continua:

A cabeça me dói. Vou ao espelho a olhar como estaria meu rosto. É quando uma espécie de neve me cobre todo o corpo. Tenho uma flauta - das que tocavam os pastores dos salmos de Salomão – à

⁴⁷ _____ . Estou me entregando/aceite-me *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 55.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ CARVALHO, Jehová de. O fantasma que nasceu comigo. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 12 maio 1971.

minha frente com uma ordem expressa em salmos: - Toca a flauta. E seja o teu canto e meu canto. Faze que a noite não se acabe em pranto. Dize aos velhos e aos moços que caminharemos os astros.⁵⁰

Usando metáforas, “tenho uma flauta - das que tocavam os pastores dos salmos de Salomão – à minha frente com uma ordem expressa em salmos”, para afirmar a necessidade de se ter fé para que sua vida “não se acabe em prantos”, o cronista continua no intuito de dar sentido e esperança a sua vida. Durante essas reflexões, o seu vizinho Raimundo Carvalho bate a sua porta, gritando:

Levanta companheiro. A água já está chegando aqui. O jornal ao meu lado revela: “Mãe flagelada dá luz ao desabrigado.” / “Falcões querem guerra”/ “Comunistas violam cessação de fogo.” Abro a janela. Procurei Onésimo, esquecido de que, poucos minutos antes, ele havia desaparecido na pia em que lavei meu rosto vulnerado de paisagem nunca vista.⁵¹

Escrevendo suas crônicas, Jehová revelava o seu espírito conturbado, por vezes contraditório - se considerada a sua formação de orientação evangélica, disciplinada - e inquietador, pleno de fantasias e de dilemas próprios do seu “eu”. Entretanto, foi um homem de intensa vida cultural, principalmente encetada por sua importante atuação como jornalista.

1.2 O HOMEM DE LETRAS, “DO PROTESTO E DO MANIFESTO”

A trajetória de Jehová como jornalista começou na década de 1950 quando recebeu o convite feito por Clodomiro Morais, dono do Jornal *A Crítica*⁵². A presença Jehová nesse semanário se deveu a razões políticas, pois o jovem articulista era simpatizante do mesmo partido político de Clodomiro, o Partido Comunista Brasileiro; além disso, ambos eram conterrâneos. O jovem fez carreira nesse pequeno jornal, o que lhe possibilitou transitar por vários ambientes próprios de sua profissão e conhecer outras pessoas ligadas ao ramo. Devido a sua competência profissional, recebeu a proposta de Jorge Calmon, em 1954, para trabalhar no jornal *A Tarde*, o mais importante do Norte

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

⁵² O semanário *A Crítica* combatia o governo de Régis Pacheco, que chegou à prefeitura de Vitória da Conquista com a ajuda do interventor Landolfo Alves de Almeida, de 1938 a 1945, com o apoio da ditadura Vargas.

e Nordeste do Brasil. No seu novo emprego, desenvolveu atividades de revisor, redator, repórter especial para assuntos da cidade, e logo surgiu a oportunidade de cobrir reportagens de cunho policial.

A sua vivência no diário *A Crítica* abriu-lhe as portas para outros jornais como o *Diário de Notícias*, no qual assumiu a função de chefe de reportagem. Em 1957, foi integrante da primeira redação do *Jornal da Bahia* e convidado para o *Jornal Tribuna da Bahia*. No rádio e televisão, atuou na Rádio Sociedade da Bahia como radialista e trabalhou como repórter da extinta TV Itapoã. Na imprensa nacional, integrou a equipe da revista *O Cruzeiro*, na sucursal do Estado da Bahia, ressaltando-se a edição sobre a Bahia no ano de 1971. Ainda nessa década, passou a assinar as colunas, nos *Diário de Notícias* (1967-1974) e *A Tarde* (1972-1980), “A cidade que não dorme”, “Foro” e “Velha e nova Bahia”, além da folclórica “Bahia, beco e boteco”. A “Foro” cuidava de assuntos forenses e tecia comentários sobre fatos momentosos ocorridos no universo do Judiciário. Quando passou a ter sob sua responsabilidade essas colunas, nascia um dos mais expressivos escritores de crônicas do Estado. O *Diário de Notícias* trouxe uma matéria que fala da relevância de Jehová, quando ele passou a conviver com os grandes jornalistas baianos:

Trabalhar ao lado de renomados jornalistas como Jorge Calmon, Florisvaldo Matos, João Batista de Lima e Silva, Fred Souza Castro, Glauber Rocha, Zé Maria Rodrigues, entre outros, foi, sem sombra de dúvida, de suma importância para seu reconhecimento como profissional, além de grande aprendizado. Sua admiração por Jorge Calmon de *A Tarde* o fez escrever, no *Diário de Notícias*, a matéria intitulada “O Jornalista não será um jornalista se esquecer a dignidade da profissão”⁵³.

Para Jehová, trabalhar na área jornalística não era apenas escrever matérias, mas aprender com os mais experientes. Produziu suas crônicas e seus textos jornalísticos com o intuito de que chegassem ao público leitor com veracidade, evitando divulgações e informações falsas. Para ele, era importante, antes da divulgação de um fato, que este fosse

checado para que se evitasse ofensa à honra alheia [...] o texto jornalístico é, por sua natureza, um material explosivo. Mais o é se o

⁵³ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 5, 19 abr. 1969.

texto envolve tragédias humanas que desembocam nos socavões da polícia ou nas salas de audiência do Judiciário. Quantas pessoas, quantos pais de família perderam empregos, recorreram ao suicídio, tiveram sua família tresmalhada e vida desgraçada devido à veiculação de matérias trabalhadas sem o devido respeito às suas figuras. Algo que me parece pleno de um sadismo, quando cidadãos atingidos buscam o direito de resposta, que lhe é assegurado por lei, e não lhe devolvem o mesmo espaço que fora utilizado para a matéria ofensiva à sua honra.⁵⁴

O jornalista chamava a atenção para os repórteres de polícia que passavam informações sem averiguar a verdade dos fatos, como também para a falta de democracia nos jornais já que não permitiam o direito de resposta ou defesa da pessoa ofendida. Durante a sua carreira de repórter policial, acreditava que a “Secretaria de Segurança Pública localizada no centro da cidade [...] facilitava a cobertura dos fatos como também o respeito entre jornalistas do mesmo setor, destes para com agentes, detetives, investigadores e comissários.⁵⁵ Porém, questionava a qualidade das crônicas policiais.

Tenho tido algumas decepções com a crônica policial [...] é imperdoável dizer que o “juiz deu parecer” e “o promotor ofereceu sentença”. Que “tarado estuprou garoto de 11 anos”. Que custa ao jornalista saber que estupro é crime sexual praticado por homem contra a mulher [...] Vejam a manchete da página policial publicada, há cerca de oito meses, em diário local: “Mãe comete infanticídio em filho de três anos”. É o cúmulo da incompetência, que não pode honrar nem o repórter nem seu jornal. Esse delito acontece logo após o parto, em estado puerperal cuja duração, segundo os criminologistas, pode chegar a uma semana.⁵⁶

Sua crítica às crônicas policiais também se orientavam para o desconhecimento da língua portuguesa que por vezes se evidenciava, dentre outros conhecimentos necessários para atuar na profissão: “Há uma falta de domínio da língua portuguesa e de um conhecimento humanístico, de um conhecimento geral. O jornalista tem que ser um homem informado do seu tempo, que precisa ir até o povo [...]”⁵⁷

Jehová defendia com muita convicção o que considerava o verdadeiro papel de um jornal: informar e formar opinião; sem qualquer preocupação com

⁵⁴ CARVALHO, Jehová de. Texto policial não acompanha padrão tecnológico do jornal. *A Tarde*, Salvador, 18 ago. 1993.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ CARVALHO, Jehová de. Texto policial não acompanha padrão tecnológico do jornal. *A Tarde*, Salvador, 18 ago. 1993.

⁵⁷ Matéria Jehová de Carvalho, protótipo do jornalismo boêmio, *A Tarde*, Salvador, pp. 14-15, 18 agosto 1993.

a extensão dos textos. Para ele, o texto deveria ser claro, redigido de forma legível para o maior número de pessoas, isso porque, segundo ele, “o leitor não é burro, ele sabe o que quer ler.”⁵⁸

No *Diário de Notícias* publicou importantes reportagens, com fotografia de Arestides Baptista, tais como: “O jornalista não será um jornalista se esquecer a dignidade a profissão”, “Batatinha, panela e garrafão: o samba é o desabafo da vida dura que enfrentam”,⁵⁹ que contava um pouco da história desses três sambistas baianos sem visibilidade no meio musical; “Monumentos dilapidados são um desrespeito à história”⁶⁰, em que chamava a atenção das autoridades para a depredação e destruição de muitos monumentos, em especial o de Castro Alves; “Arcanjos e santos saem da madeira mais sofrida”⁶¹, que trata de um artista popular conhecido como Zu Campos; “Sobe e desce do ‘Lacerda’ testemunha a vida baiana”⁶², matéria em que narra o cotidiano de pessoas que precisam usar todos os dias o Elevador Lacerda, onde ocorrem brigas, roubos, casos de traição, tragédias e suicídios.

Assim, o jornal lhe proporcionou o exercício da escrita, que seria, posteriormente, desenvolvida intensamente na publicação das crônicas. Além disso, o convívio com intelectuais e escritores, próprio da sua vida profissional, e também uma dedicação aos estudos literários lhe possibilitaram a publicação do seu primeiro livro de poesias e de outros que viriam a seguir.

Dessa maneira, sua veia literária foi divulgada em 1966, ano de lançamento do seu primeiro livro de poesias *Um passo na noite*, com prefácio de Jorge Amado, cujas palavras apresentam o escritor:

Um mundo romântico, da poesia de Jehová de Carvalho, da qual dirão talvez ser voz de acento lírico, despida de modismo, falta de certa busca moderníssima. Mas, em verdade, pode-se dizer da poesia que ela é antiga ou moderna, pode-se julgá-la partindo de seu condicionamento à última receita ditada em qualquer parte do mundo? Simples e clara ou resultado de experiências novas e obscuras, a poesia será sempre o pão do homem. No canto apaixonado de Jehová de Carvalho, encontro o homem e o mundo, sua dor, seu protesto, sua luta, “a aurora e sua mensagem rubra” e o amor “sobre o tempo e sobre a vida”. Seu canto de protesto não é simples arrumação de palavras nem demagogia nem generosa

⁵⁸ Ibid., p. 15.

⁵⁹ *Diário de Notícias*, Salvador, 2 caderno, 23 jan. 1970.

⁶⁰ *Diário de Notícias*, Salvador, 3 caderno, 23-24 mar. 1969.

⁶¹ *Diário de Notícias*, Salvador, 2 caderno, 29 ago. 1970.

⁶² *Diário de Notícias*, Salvador, 3 caderno, 30 mar. de 1969.

inconsciência: o poeta tem plena consciência de seu tempo e seu gesto nasce do conhecimento: “Não por ser jardineiro entregue a rosa a quem ame. Entrego-a a quem por amor continua o tempo havendo e põe o povo na aurora [...]”⁶³

Jehová tornou-se popular não somente por suas matérias jornalísticas, poemas e crônicas, mas também pela sua vida intensa na militância política e por seus recitais poéticos em mesas de bar e casas de “tolerância”. Sua forma irreverente marcou toda sua trajetória de vida.

Erico Verissimo, referindo-se ao livro, afirma: “Vê-se que seu passo na noite não é, apenas, um passo, mas um caminho de esperança.”⁶⁴ Com essas palavras, Erico compreende que esse livro é marcado por uma concepção política voltada para a realidade popular, na qual se denuncia as mazelas do povo baiano, como forma de investir na possibilidade de mudança.

Em entrevista sobre o livro ao *Diário de Notícias*, o autor declara:

“Um Passo na Noite”, título que é apenas simbólico. A idéia de lançar um livro vem de 14 anos atrás, na velha Pastelaria Triunfo e surgiu do Artur de Sales o último dos grandes parnasianos baianos. Presentes Nathur de Assis Castellar Sampaio e o velho Alfeu França. De lá para cá, houve várias tentativas, inclusive listas de amigos mas deu tudo em nada. A época estava em franca evidência o Movimento Cadernos da Bahia, com Adalmir Miranda, Heron de Alencar, Otacilio Lopes e Wilson Lins. O velho Sócrates de Marback chegou mesmo a escolher a Tipografia Regina para imprimir o livro. Tentou-se também, a IOB, mas ficou só na idéia. Com o lançamento satisfaço a um grupo de pessoas que me ajudaram a viver com seu afeto e que esperavam uma justificativa do meu comportamento existencial que é de certo modo, o mesmo dessas pessoas.⁶⁵

Desconhecidos, gente do povo, também manifestaram seus sentimentos acerca dessa primeira obra de Jehová, o que evidencia sua boa receptividade junto ao público.

O livro não foi publicado pelas editoras privadas de Salvador, por julgarem que seus escritos não tinham credibilidade, em decorrência do uso de uma linguagem popular e ainda, pelo fato de que suas poesias apontavam para as mazelas sociais. Jehová contou com o apoio dos amigos, conseguindo

⁶³ AMADO, Jorge. Prefácio. In: CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiros da Fé, 1966. p. 5- 6.

⁶⁴ VERISSIMO, Erico. Opiniões sobre o autor. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 15.

⁶⁵ CARVALHO, Jehová de. 20-22 abril 1969. Salvador: *Diário de Notícias*.

lançá-lo pela livraria Civilização Brasileira em Salvador e na sede do Governo do Estado, com a participação de amigos e apaixonados pela poesia. Trazendo uma nova forma de se fazer livro na época, a publicação vem com desenhos, em algumas páginas, feitas por artistas plásticos baianos.

Após a divulgação e circulação de *Um passo na noite*, em plena ditadura militar, Jehová foi levado em presença dos militares para dar conta do tom esquerdista de seus poemas, como se pode observar no texto que segue chamado “Canto ao açougueiro morto”:

Em sua atitude de hirsuto
de uma íntima dimensão
é João é vivo e é forte
sua revolta é mais revolta
porque é revolta na morte.
Os meus sonhos retesados
já nada podem fazer
seus lábios enregelados
já nada podem dizer
que traduzem a esperança
que tôda revolta traz
na esperança interrompida
que, aí, a morte é mais vida
O pranto que molha a sala
onde todos morrem em parte
na refeição espontânea
na indisciplina dos gestos
nos batuques nas novenas
no dominó sabatino
na obrigação de lansan
- êsse pranto é linfa livre
nas mãos da prole sofrida
para regar a semente
da rosa que hoje é rosa
e será fruto amanhã.
É fácil ver João presente
em cada hora infantil
de suas crianças órfãs
no esforço interior
da companheira deixada
no mundo particular
da mesa quase vazia
da casa sem João nem rumos
Ah presença visual
da mesa prêsa à parede
ilimitada e frustrada
em seu espaço e em seu tempo!
Ah longos olhos de Flora
no seu nasce o dia inteiro
no seu morre o dia inteiro
em seu crepúsculo de sangue
em sua aurora de carne!
É fácil ver João parado
nos olhos da companheira

nas serrilhas de outras mãos
 iguais às mãos que trazia
 sôbre o corpo e sôbre a alma.
 Eu canto por João de Beco
 mulato ginga de rua
 João bofetada de esquina
 João cachaça de quitanda
 João capoeira de largo
 João porta de sindicato
 João do povo e do futuro
 - carne de peito, zangado
 chupa-môlho pra família
 ôsso duro pro patrão.
 Eu canto por ti, João,
 Canto por ti, meu irmão⁶⁶.

Mais tarde, em entrevista ao Jornal *A Tarde*, Jehová comenta:

vinham aqueles indivíduos com aquela arrogância militar e mutilavam o nosso texto. Fui vítima disso várias vezes. Uma vez, publicaram na *A Tarde* um poema que eu fiz chamado “Canto ao açougueiro morto”. Era um poema libertário e eu tive que prestar depoimento por causa dele. Disseram que eu era socialista e eu falei que não era filiado a partido algum...ganhei umas bofetadas e me libertaram, mas avisaram para nunca mais publicar poema algum no jornal.⁶⁷

Fatores externos passaram a ofuscar o autor e a sua obra. O primeiro foi o ideológico, em razão de muitas de suas poesias promoverem a defesa dos excluídos; o segundo, de ordem moral, a começar pela capa do livro, que traz como pano de fundo uma mulher com os seios à mostra, além de outros desenhos e, também, de um glossário de gírias baianas no final do livro⁶⁸, com o título “Termos populares e gíricos da Bahia”.

A mulher seminua, a linguagem utilizada, as gírias e a valorização da cultura popular constituíram um ataque aos princípios morais e conservadores de uma cidade católica, o que também contribuiu para criar uma reputação negativa do poeta. Guido Guerra escreveu, no posfácio do livro de Jehová de Carvalho:

⁶⁶ CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969 p. 19.

⁶⁷ _____. Salvador: *A tarde*, 1997.

⁶⁸ Iansã – Orixá feminino do culto afro-baiano correspondente à Santa Barbara na relação dos santos da Igreja Católica Romana [...]. Maldita (erva maldita) – referente à maconha. Gimbar – acontecer. Espírito – arruaça provocado por indivíduos amaconhados. Espiantar – desaparecer, fugir sem deixar pista. Endoidecer – ficar sobre efeito da maconha. Perna – quantidade de maconha. Bôcas – locais onde se reúnem viciados [...] Majorango – Delegado. Foi esbirro fechar – foi tolice a briga. Bandeira – fazer cobertura, ficar frente a frente. [...] Tapar – resolver o problema com ajuda do advogado [...] Ogan – zelador do candomblé, respeitado pelas iaôs. CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiros da Fé, 1966. p. 45.

Não sei de poeta popular da Bahia mais importante que esse Jehová de Carvalho, sujeito bacana, homem da noite, do protesto e do manifesto. Creio, inclusive que, pela qualidade de sua poesia, ele tem sido vítima de grandes injustiças. A primeira delas, a de ser omitido, muito de propósito por uma certa igreja do elogio mútuo, de pseudo-valores, que assentou sede na Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Inexplicavelmente, os álbuns, as antologias que se editam, oficialmente, não trazem nenhuma produção de Jehová de Carvalho. As noites de poesia que, de quando em vez, se organizam, omitem-no igualmente sob todos os pretextos, os mais idiotas: não é um jovem poeta. Quer dizer: ao invés de qualidade, exige-se que o poeta ainda esteja cheirando a mijo. Que o poeta ainda não seja poeta, que os versos ainda não sejam seus. Enfim, que seja neologista inseqüente, um “renovador”, um defensor intransigente da bestice que assola esta geração, à qual pertença apenas cronologicamente.⁶⁹

Guido aponta que o não reconhecimento do poeta e cronista como um grande expoente destes gêneros se dá por razões políticas. Jehová confirma essa premissa no *Diário de Notícias*, e vai além quando explica sobre o “nascimento” da poesia e sua relação com a realidade e com o povo:

as elitezinhas poéticas se fazem não digo desconhecendo o povo mas sob o temor do povo. O que lhes importa é a importação das concepções de outros povos sem a nossa marca, os nossos problemas, nossa vocação e nossas tragédias e nos apresentam como o resultado das buscas que eles se atribuem. O cristianismo tupiniquim acolhe e eles se promovem e se rotulam donos da alquimia da poesia e se selecionam entre si como os donos dos segredos da poesia. A poesia tem que ser vivida; ela surge de cada momento vivido [...] É o estado de inspiração. Que pode ocorrer em um cemitério, num bar, numa igreja e independente da ambiência que esteja a viver o poeta.⁷⁰

Para Jehová, a década de 1960, se comparada aos anos de 1950, quando ingressou no jornalismo, foi marcada por ambiguidades. Em um primeiro momento o poeta e cronista assumiu uma postura política de esquerda; em outro, tornou-se um burocrata quando passou a trabalhar para o Governo. Sua afinidade com o comunismo, segundo ele, começou muito cedo: “– Eu li *O Capital* aos 14 anos de idade”. A afirmativa foi mais desejo do que realidade ou uma necessidade de autovalorizar-se como um homem estudioso e intelectualizado.

⁶⁹ GUERRA, Guido. Posfácio In: CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiros da Fé, 1966. p. 46.

⁷⁰ CARVALHO, Jehová de. 20-22 abril 1969. Salvador: *Diário de Notícias*.

Em contraposição ao regime militar, que impunha a censura, Salvador, nessa época, viveu o auge de uma produção artística, cultural, educacional e política. A paixão pelas letras e arte levou muitos escritores ao teatro e a realizarem declamações em muitos pontos da cidade. As escolas secundaristas foram fomentadoras do conhecimento literário, apoiando e incentivando os recitais poéticos, que terminaram por despertar talentos em diversos campos das artes.

Jehová fez parte do caldeirão estético e cultural que se esboçou de forma política e popular, buscando novas ações e práticas capazes de alavancar os modos de vida de uma cidade com forte ranço colonial.

Afirmava Jehová: “Sempre fui de esquerda. Eu fui da Juventude Comunista nos anos cinquenta”. Seu convívio com os militantes do Partido Comunista Brasileiro se deu no jornal *A Crítica*, que o coloca em contato direto com o grupo. Apesar dessa aproximação, Jehová não se filiou ao partido.

Com o golpe militar de 1964, os comunistas passaram a ser perseguidos, inclusive Jehová de Carvalho. Com o AI-5, decretado em 1968, a sociedade e os meios de comunicação, rádio, TV, jornais e revistas, foram atingidos. Assim, surgiram grupos de resistência que criaram uma imprensa alternativa como um instrumento de luta. Entre os jornais, destacam-se *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e tantos outros, como *Invasão*, *Boca do Inferno* e *Verbo Encantado*, nascidos em Salvador.

Depois de ter participado dos movimentos culturais e da esquerda e ter sido preso em 1968, Jehová se contradiz com sua prática política quando, em plena ditadura militar, que tanto contestava, assumiu diversos cargos públicos estatais e privados. Foi Assessor-Chefe de Comunicação Social da Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), cuja implantação lhe coube, em 1966, e membro da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador. Em 1973, formou-se em Direito e, três anos depois, passou a ser Assessor e Planejador de Comunicação Social de Fundação Cultural do Estado, como também Assessor de Comunicação da Secretaria de Segurança Pública, no período 1975-1979. Foi diretor do Sindicato dos Advogados no Estado da Bahia e orador oficial do Afoxé Filhos de Gandhi.

Entretanto, os anos 1970 foram de reviravolta na vida do escritor. Passando a conviver com a intelectualidade baiana e com políticos de diversas tendências ideológicas, ganhou notoriedade quando se formou em Direito pela Universidade Católica do Salvador.

A convite de Nelson Pereira dos Santos, participou dos filmes *Tenda dos Milagres*, em 1976/1977, e *Mistério de Azanaodô*, de Agnaldo Azevedo, dentro do projeto de produção da Embrafilme. Referente a sua participação em *Tenda dos Milagres*, o Jornal *O Estado de S. Paulo* lançou a seguinte matéria:

A propósito do filme “Tenda dos milagres”, de Nelson Pereira dos Santos, baseado na obra homônima de Jorge Amado. Os jornalistas terão, na verdade, muitas surpresas, porque, atores escolhidos, entre os quais o advogado, o poeta, o homem de jornal, Jehová de Carvalho, cuja figura se enquadra em vários papéis – não só na opinião de Nelson Pereira dos Santos, o diretor, como de Jorge Amado, o autor do romance, para quem além de ser poeta do povo é um homem altamente consciente das responsabilidades do seu tempo.⁷¹

No final dos anos 1970⁷², tornou-se Ogã⁷³ do Bogun⁷⁴, conhecendo de perto não só a religião africana como também a história dos africanos na Bahia. Em 1977, lançou outro livro, *Reinvenção do reino dos voduns*, que trata da conciliação linguística e semântica entre as remanescências jeje-nagôs e a língua portuguesa, em sua expressão baiana e brasileira, sendo, na verdade, uma coletânea de poemas. Segundo Lucênia Carvalho, filha de Jehová, “esta obra teve uma boa vendagem com repercussão nacional ou até mesmo internacional. Com relação à tiragem do livro, a família nunca teve informações sobre a quantidade comercializada”.⁷⁵

O livro *Reinvenção no reino dos voduns* teve espaço apenas nos meios acadêmicos e entre os estudiosos do assunto. Havia uma particularidade que marcava o livro: o ineditismo de mesclar a língua portuguesa com a língua africana.

Nos anos 1970, o jornalista, escritor e advogado foi considerado um dos

⁷¹ O Estado de S. Paulo, São Paulo, 12 out. 1976. In: CARVALHO, Jehová. *Reinvenção do reino dos voduns*. Salvador: Ouro Negro, 1977. p. 12.

⁷² A referente pesquisa não encontrou fontes orais e escritas que pudessem precisar com exatidão o ano em que Jehová de Carvalho se tornou Ogã do Terreiro do Bogum.

⁷³ Ogã – É um nome dado aos homens que tomam conta do terreiro de candomblé é um chefe que possui determinados poderes na casa.

⁷⁴ Bogum – Terreiro de candomblé localizado no Engenho Velho da Federação.

⁷⁵ Entrevista dada ao autor no dia 04 de setembro de 2010.

maiores estudiosos da cultura africana, marcando presença em várias palestras, inclusive fora do Estado. Essas comunicações tiveram repercussão no exterior, a ponto de o professor da Università degli Studi di Roma La Sapienza, Massimo Canevacci, desejar conhecer os estudos de Jehová sobre o sincretismo religioso. Com essa finalidade escreveu, para Jehová no dia 21 de Maio de 1991 o convidando para comparecer na Universidade de Roma para falar sobre o sincretismo religioso.⁷⁶ A iniciativa do professor italiano foi a confirmação de que o seu domínio sobre o universo da religião africana ultrapassou as fronteiras do país.

Sua dedicação e pesquisa sobre a religião africana levaram-no a ministrar diversas conferências no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, no Ciclo de Estudos da Natureza das Nações. Participou, em Salvador, do II Encontro Mundial de Tradição Orixá, apresentando a temática sobre o Povo Jeje e sua contribuição ao movimento libertário de 1835, na Bahia. Esse seu desvelo à religião africana levou o jornalista Clodomir Leite exaltar Jehová da seguinte maneira:

Pelo aconchego ao misticismo. Pelo estímulo ao sincretismo [...] Papa de assuntos de Candomblé sério. Culto das tradições mais sérias da Bahia. Enciclopédia ambulante, carregando, consigo, passado, presente e futuro da Boa Terra. Quem lê Jehová tem pão de espírito [...].⁷⁷

Em razão da sua popularidade, e sempre encontrando tempo para fazer tudo que desejava, foi convidado pelos líderes do Partido Democrático Trabalhista para se candidatar a vereador. Assim, lançou-se como candidato nos anos 1980 com o seguinte *slogan*: “Jehová de Carvalho, testemunha do povo, número 12655”. Segundo Fred Souza Castro, escritor e amigo do político, “ele não se dedicou à campanha em razão de estar sempre ocupado com a vida boêmia. Talvez por isso não tenha vencido as eleições”. Franco Barreto, reportando-se à vida política do jornalista e boêmio, escreveu:

Militante de esquerda, dono da cidade, dos sofrimentos dela e do seu povo, foi candidato duas vezes, não se elegendo por falta de dinheiro para sustentar uma campanha com os sabidórios, putos e macacos-

⁷⁶ Essa carta faz parte do arquivo da família de Jehová de Carvalho.

⁷⁷ LEITE, Clodomir. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 16.

velhos da política local, estadual e nacional. Não tinha nem comitê eleitoral. Seria um vereador atuante.⁷⁸

Abandonou a militância política e deu continuidade a sua vida como escritor. Assim, resolveu fazer uma coletânea de suas crônicas publicadas nos Jornais *A Tarde* e *Diário de Notícias*, intitulada *A cidade que não dorme*: crônicas, com sua primeira edição em 1980 e a segunda em 1994, denominada *A cidade que não dorme*: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia, tendo a Academia Baiana de Letras como espaço para tarde e noite de autógrafos.

A segunda edição teve como objetivo adquirir dinheiro para tratamento de sua saúde, debilitado por um acidente vascular cerebral (AVC). Como não possuía casa própria e passara a viver com um pequeno salário, restou-lhe a ajuda de amigos, que fizeram campanha através de jornais para arrecadar dinheiro a fim de auxiliar o escritor. Foram impressos dois mil exemplares na tentativa de vendê-los no lançamento.

O *Diário Oficial do Legislativo*, da Câmara Municipal de Salvador, com a intenção de valorizar o escritor, publicou a seguinte matéria:

O advogado, jornalista e escritor Jehová de Carvalho, conhecido pelo seu trabalho de divulgação da cultura afro-baiana, recebe hoje a Medalha Thomé de Souza, durante cerimônia marcada para as 20 horas. A homenagem foi uma iniciativa do vereador Germano Tabacof (PDT). Durante a sessão será vendido o livro "A cidade que não dorme", de Jehová de Carvalho.⁷⁹

A cidade que não dorme chocou o público leitor, não só pelas crônicas, mas pelas ilustrações irreverentes e pornográficas. Essas eram os espaços trilhados e vivenciados por Jehová que denota um saudosismo ao trazer a imagem do bonde, quando esse não mais fazia parte do cenário urbano, no período em que o livro foi lançado.

⁷⁸BARRETO, Franco. Posfácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme*: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.176.

⁷⁹*Diário Oficial do Legislativo*, ano II, n. 292, p.1, 15 ago. 1996.



Uma das ilustrações do livro a Cidade que não dorme.

A proposta de Jehová em lançar um livro de crônica, com essa formatação, que na época foi o único, que se tem notícia em Salvador, demonstra como ele foi influenciado pelos movimentos de vanguarda, presentes no Brasil e na Bahia.

Muitos escritores nacionais e estrangeiros eram admiradores de Jehová e de suas crônicas, e se pronunciaram, no prefácio do livro, Carlos Drummond de Andrade o elogia:

A cidade que não dorme é a Bahia em toda a sua beleza luso-africana. A crônica "Do carroceiro Diodé no Largo do Ouro" traz a

leveza da prosa de Rubem Braga. Apenas os elementos ambientais são marcados pela cor do dendê e pelos mistérios dos orixás.⁸⁰

Seu último livro, *Memória da cantina da lua*, foi lançado pela editora Edufba e Câmara Municipal de Salvador em 1995, e, segundo Jehová, em depoimento ao *A Tarde*:

O livro é um passeio por personagens que marcaram a história da “Cantina da Lua” E Jehová garante: “A Cantina é um espaço necessário a compreensão de um pedaço da história da nossa terra”.⁸¹

No dia 13 de outubro de 1995, Jorge Amado e Zélia Gattai Amado enviaram-lhe um bilhete, dizendo-lhe: “Querido Jehová, Zélia e eu, agradecemos o pequeno livro sobre a ‘cantina’ e a dedicatória⁸².”

O bar era um ponto de encontro de boêmios, bacharéis, jogadores de dominó, como também espaço para se refletir sobre a existência, a cidade e o amor. Pergunta Jehová:

Ah! Que amor nos faz estar juntos na Cantina da Lua, ouvindo que têm a dizer ao seu mundo homem anônimos do resto da cidade, dormindo entre uma e outra festa de Largo, coberta agora pelos longos cabelos de Yemanjá? Respondo-o: é o amor que extrapola o coração e o cérebro, o sangue, a carne, e se derrama por becos e calçadas, reconhecível em todas as gravatas, nas golas díspares das camisas e dos paletós, no macacão operário, na carroça à tração animal sobre ferraduras fetichistas. Sei lá! Um amor que não se conta em tempo e espaço. Porque não se dispõe em dimensões geométricas [...].⁸³

A sua vida conturbada como jornalista, advogado, escritor e, acima de tudo, boêmio, o fez esquecer da compra da casa própria; contudo, após ter sofrido um AVC, com a ajuda dos amigos, consegue ter a sua própria casa. O Jornal *A Tribuna da Bahia* apresenta uma matéria com o seguinte título: “Amigos fazem campanha para ajudar jornalista”:

Contando apenas com a ajuda da mulher e dos filhos, aos 73 anos,

⁸⁰ DRUMOND, Carlos. Opiniões sobre o autor. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 18.

⁸¹ *A Tarde*, Salvador, 25 de setembro de 1995.

⁸² Documento pessoal da família de Jehová.

⁸³ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 77.

recebe, a título de aposentadoria, cerca de R\$ 1.220,000. Dessa quantia, paga R\$ 800,00 ao plano de saúde. Segundo sua mulher Vandete Carvalho, os R\$ 420,00 restantes são para cobrir as despesas com remédios, alimentação e fraldas geriátricas⁸⁴. Foram feitos vários convites, assinados por José Carlos Capinam, no valor de R\$ 20,00 para o Jantar de Solidariedade a Jehová de Carvalho que foi realizado no dia 22/04 na Rua João Gomes, 25, Rio Vermelho (Casa do acarajé – Dinha) 20 horas.⁸⁵

Todo esse movimento de ajuda ao escritor foi “Deflagrado pelo Clube Ação da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, através de presidente Edmilson Pinho” contando com a “adesão da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, através do médico Anorailton Conceição.”⁸⁶

No dia 11 de julho, Jehová de Carvalho faleceu no Hospital São Rafael. O Jornal *Tribuna da Bahia* anunciou a morte do escritor com a seguinte matéria: “Jehová de Carvalho. Adeus ao defensor dos pobres e poeta da noite ainda criança”. Durante o funeral, para surpresa de muitos, filhos e filhas de santo do terreiro de candomblé do Bogun “entoaram lamentos fúnebres em língua fôn. [...] Consternada, mãe Índia, atual governante da casa, compareceu com vários filhos-de-santo para saudar a passagem de seu ogã para outra vida”.⁸⁷

Morreu não apenas o escritor e jornalista, mas a sua obra. As crônicas conhecidas por alguns se encontram no livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador*, enquanto tantas outras permanecem no passado dos jornais *Diário de Notícias* e *A Tarde*.

Após o falecimento de Jehová, criou-se uma polêmica em torno da qualidade dos seus trabalhos e sua importância para a cultura baiana. O artista plástico Ângelo Roberto e o escritor Fred Souza Castro acreditam que “suas poesias, crônicas e estudo sobre a cultura africana são documentos vivos de uma época que deveria ser divulgada e preservada como um tempo de uma Bahia rica em produção literária”.⁸⁸

Jehová de Carvalho foi esquecido por não economizar palavras ao escrever seus textos, afetando muitas vezes princípios morais de uma cidade

⁸⁴ Amigos fazem campanha para ajudar jornalista. *Tribuna da Bahia*, Salvador, p.13, 24 abr. 2003.

⁸⁵ *Tribuna da Bahia*, Salvador, p.13, 24-25 de maio 2003. Informações extraídas do convite feito por amigos de Jehová.

⁸⁶ Informações extraídas do convite feito por amigos de Jehová.

⁸⁷ *Correio da Bahia*, Salvador, p. 21, 13 de jul. 2004.

⁸⁸ Entrevista dada ao autor.

com marca oligárquica tradicional, despreparada para a ousadia de sua obra. Mas, nem por isso, deixou de receber aplausos e elogios, assim como fez o ministro Coqueijo Costa:

Como é bela a arquitetura das palavras construídas pelo Poeta Jehová de Carvalho, nos botequins e nos mistérios da noite virtuosa que besunta a Bahia de amor e paixão... É noite alta, e eu me recolho ao embalo de seus versos: "A noite ventre de aurora/ eterno imenso fecundo/toca os seus cabelos negros/ no corpo exausto do mundo". Obrigado por tanta beleza, poeta.⁸⁹

José Carlos Capinam, prefaciando o livro *A cidade que não dorme*, escreve:

Soteropolitano que se preze tem que conhecer as figuras humanas que representavam a alma de sua cidade. Ao seu tempo, diríamos que o cidadão do Salvador não tinha o direito de desconhecer Cuíca de Santo Amaro nem de deixar de admirar o Major Cosme. São criaturas que estenderam até a contemporaneidade a presença de Gregório, de Cecéu, de Mahim, humanizando a nossa urbanidade com uma paixão que os tempos não vão apagar, tornando Salvador, pela vivência das andanças, pelo saboreio dos percursos, um lugar real, fruído, existente, amado, conquistando e não apenas décor modernoso da pieguice de nossa elite conservadora [...].⁹⁰

Jehová foi quem mais representou e registrou, através de suas crônicas, o cotidiano de Salvador, de forma poética, política, popular e como participante direto de seus vários fenômenos sociais. Escrevia em versos e em prosa num tom lírico, com sons nas palavras, que poderiam ser musicadas, como observa Jorge Amado:

outros poemas parecem-me reclamar música, festa popular à maneira de Geraldo Vandré. Não sei se Jehová de Carvalho, homem do jornal, do comércio, da vida na hora do cotidiano, pensou em dar nova dimensão a certos poemas seus entregando-os a um compositor com a mesma linha de inspiração e de temática [...].⁹¹

⁸⁹ COSTA, Carlos Coqueijo. Opiniões sobre o autor. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 17.

⁹⁰ CAPINAM, José Carlos. Prefácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.13.

⁹¹ AMADO, Jorge. Prefácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 6.

Jehová e a cidade se confundem: podemos confirmar essa assertiva ao analisarmos o título da sua obra *A cidade que não dorme*, essa cidade circula no seu sangue. Ele era seu povo espalhado nos mais recônditos espaços de Salvador. Era conhecido por jornalistas, escritores, advogados, professores, músicos e gente simples, com quem se encontrava antes e depois do expediente do jornal ou do tribunal, conforme narra Lázaro Guimarães:

é admirado pelos pescadores de Piatã, pelos barraqueiros das Sete Portas, do Mercado Modelo, do Mercado Popular; cultuado nas rodas de intelectuais, nos terreiros de Candomblé, nos botecos, nas boates. Da grandeza desse personagem restam pouquíssimos homens. Jehová de Carvalho fez um nome na poesia, um nome no jornalismo baiano, um nome no jornalismo nacional.⁹²

Por isso, foi reconhecido como um dos melhores cronistas da Bahia, com traços estilísticos comparados aos de Rubem Braga. Pablo Neruda referindo-se a Jehová: “Canta, canta siempre, Jehová de Carvalho”⁹³. O cantar, para Neruda, é escrever, usar a palavra como documento para registrar a história de uma cidade rica culturalmente, o que Jehová fazia muito bem.

Segundo Franco Barreto, Jehová era “Dono da cidade, dos seus becos, bares, botecos, mercados, ladeiras e puteiros [...] dos sofrimentos dela e do seu povo [...] das suas cores e dores, [...] pau-de-resposta, catuaba, mestre em centralizar as atenções, contando causos e mais causos (...)”.⁹⁴

Glauber Rocha o aplaude, afirmando: “a nossa geração toda bateu palmas para você. Vi, depois o menestrel dos bares e das bocas de sacanagem, (...). Lições, ao vivo, do compromisso social que assumiu, a duros preços.”⁹⁵

⁹² GUIMARÃES, Lázaro. Opiniões sobre o autor. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.16.

⁹³ NERUDA, Pablo. Opiniões sobre o autor. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 15.

⁹⁴ BARRETO, Franco. Posfácio. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 176-177.

⁹⁵ ROCHA, Glauber. In: CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 16-17.

O estudo sobre a crônica de Jehová de Carvalho impõe uma revisão sobre esse gênero textual para melhor contextualizar a produção do autor baiano e entender a sua importância, não só no cenário da cidade e do estado, mas em âmbito nacional, no que se refere à constituição da crônica como gênero singular.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

O termo crônica, que vem do grego - *Khronos* - tempo -, inicialmente dizia respeito ao relato dos acontecimentos em ordem cronológica, relacionando-se, assim, a fatos verídicos. Visava a registrar histórias do povo, dos reis e suas grandes vitórias nos campos de batalha. A crônica era, pois, uma narrativa histórica e não literária.

Nesse sentido, crônica, enquanto narrativa histórica, atravessou toda a Idade Média, ganhando uma nova definição, de cunho literário, no século XIX:

“Crônica” e “cronista” passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo [...] O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produziu. Assim, “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas.⁹⁶

É sabido que este gênero antes de ser crônica

foi folhetim e não nasceu propriamente do jornal [...] Nesta caracterização, autores renomados como Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto contribuíram em muito para a construção da crônica enquanto gênero. Produto de notícias efêmeras, aparentemente despretensiosas, a crônica nutre-se do dia-a-dia, da vida cotidiana, da pressa dos homens, da linguagem despojada [...] de conversas, do humor lírico ou amargo, enfim: retira o máximo do mínimo.⁹⁷

A crônica obteve destaque de fato nos jornais quando estes se modernizaram e cresceram. Esses veículos de comunicação tornaram-se empresas e, conseqüentemente, abriram mais espaços em suas páginas para escritores desse gênero literário, que abordava os mais diversos temas. No entanto, não foram poucos os escritores no século XIX que usaram desse meio para escreverem textos de cunho romântico.

⁹⁶ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v 6. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v.6. Editora da UFF. p. 121.

⁹⁷ BARZOTTO, Leone Astride. A intervenção da memória nas crônicas de Marina Colasanti. *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários Volume 8 (2006) – 2-10. ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>. p. 4.

Embora existam diversas definições de crônicas; há consenso de que o recurso temporal é um elemento sempre constante.

Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo (...). Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados um registro de vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.⁹⁸

Abordando o cotidiano de indivíduos, grupos sociais, suas futilidades e tudo que salta à frente de quem gosta de escrever sobre as particularidades de um dia ou de um instante, a crônica traz a ficção ou a não exatidão de um acontecimento. Ela nasce sem pretensões de ser algo histórico. Carlos Ribeiro assim acredita:

A crônica é um gênero paradoxal. Experimente defini-la, com razões muito bem fundamentadas, que logo ela tortuosamente apresentará uma outra face que o surpreenderá- isto é, se você conseguir flagrá-la além dos estereótipos que lhe foram impostos.⁹⁹

Marília Rothier Cardoso a nomeia como um “texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente (registro do instante, resgatado da viagem para a fama).”¹⁰⁰

Alceu Amoroso Lima, de forma bem particular, compreende a crônica como arte, sendo ela “uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra. Essa obra, para ser arte estética, e não apenas arte mecânica ou liberal, deve fazer do seu modo de expressão o seu fim.”¹⁰¹

Como defini-la, sendo ela fruto de uma criação, de um instante vivido de quem a escreve? A crônica foge, escapa naturalmente entre os dedos e a pena, com a intenção de não cair no rol das definições exatas, para não ser chamada de ciência. Ela se contenta em ser pura subjetividade, ou seja, a crônica é fruto do seu criador com todos os defeitos e virtudes que ele possui.

⁹⁸ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentários: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51.

⁹⁹ RIBEIRO, Carlos. *O instante que permanece*. Disponível em: http://www.carlosribeiroescritor.com.br/livros_oinstantequemaneca.html, acesso em 01 de fev. 2013.

¹⁰⁰ CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In. CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 137.

¹⁰¹ LIMA, Alceu Amoroso *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960. p.42

A crônica e seu autor constituem um só corpo; ela nasce, pois, de uma vontade sem limites de quem a escreve, fundamentada sempre no cotidiano das pessoas. Desse modo, ela se constitui como um:

discurso “polifacético” [...] que expressa as diferentes vozes- mesmo que contraditórias- de um determinada tempo social e que, dessa forma, se transforma num “monumento”, ou numa memória desse social [...] Assim pensar a crônica pressupõe pensar a própria atividade do cronista bem como seu papel de personagem da cidade.¹⁰²

Machado de Assis, referindo-se ao surgimento da crônica, comenta com humor:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi a coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.¹⁰³

A partir dessa leitura podemos afirmar que Machado acredita que a crônica se origine do diálogo, do cotidiano, de uma linguagem coloquial, livre na sua forma de pensar e falar sobre a vida, sendo apenas o momento, o instante; é passageira e popular, e pode nascer num piscar de olhos, de um ato simples e frívolo.

Por outro lado, a crônica não se pretende verdade, aprisionando o instante vivido da maneira como ele foi presenciado. A aparente verdade torna-se uma ilusão, já que o cronista pode distorcer ou simplesmente narrar da maneira que lhe pareça mais interessante o fato que a motivou. Nunca, entretanto, será o real propriamente dito, por conta da memória que refaz o fato e o reconstrói no tempo pretérito - o da própria memória. Em função dessa recriação de histórias individuais ou coletivas:

¹⁰² SCHENEIDER, Cláercio Ivan. *Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?* Disponível em: www.faq.edu.br/adverbio/v5/artigos/crônica_jornalistica.pdf, acesso em 01 de abril de 2013. p. 2.

¹⁰³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O nascimento da crônica*. Disponível em: <http://literatortura.com/2012/06/26/cronos-da-crônica-machado-de-assis-estreia/>, acesso em 23 de maio de 2013. p. 1.

Cronista é o narrador da história[...] tanto o cronista, vinculado à história sagrada como o narrador, vinculado à história profana, participam igualmente da natureza da crônica a tal ponto que, em muitas de suas narrativas, é difícil decidir-se se o fundo sobre o qual elas se destacam à trama dourada de uma concepção religiosa da história ou a trama colorida de uma concepção profana.¹⁰⁴

O escritor que a cria, guarda-a no seu íntimo, carrega-a até certo lugar para escrevê-la e, nesse minúsculo ou maiúsculo espaço de tempo, ela já é passado. É, pois, um momento da história vivida, sentida na alma de quem a escreve, por isso:

é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. Crônica vem de Cronos, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando muito, o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade.¹⁰⁵

E assim, tão despretensiosa, termina por se constituir como um valioso documento vivo de comportamentos e discursos humanos em um dado momento da vida das pessoas e das ruas. A crônica é a cidade e os tempos modernos, por isso tão solta e descomprometida com um discurso rígido, eclético e formal, quebra todos os ditames da escrita literária clássica e, talvez por isso, seja considerada por alguns apenas jornalismo. Como afirma José Castello:

Nas fronteiras longínquas da literatura, ali onde os gêneros se esfumam, as certezas vacilam e os cânones se esfumam, resiste a crônica. Nem todos os escritores se arriscam a experimentá-la, e os que o fazem se expõem, muitas vezes, a uma difusa desconfiança. Para os puristas, a crônica é um "gênero menor". Para outros, ainda mais desconfiados, não é literatura, é jornalismo – o que significa dizer, simples registro documental. Alguns acreditam que ela seja um gênero de circunstância, datado – oportunista [...].¹⁰⁶

Diante de tantas tentativas de definições e reflexões sobre gênero,

¹⁰⁴ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986. pp. 209-210.

¹⁰⁵ CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 142.

¹⁰⁶ CASTTELO, José. *Crônica, um gênero brasileiro*. Disponível em: <http://malholiterario.blogspot.com.br/2014/02/cronica-um-genero-brasileiro-por-jose.html>, acesso em 20 jun. 2011. p.1.

não podemos dissociar crônica de flexibilidade, polimorfismo e extraordinário poder de criatividade e invenção. É a retomada do banal do avulso, recriando e levando ao leitor um retrato pitoresco do dia a dia em toda a sua beleza e fantasia. Na verdade, a crônica é uma estrutura poética, que sensibiliza mais pela criatividade original do que pela extensão. [...] Assim a crônica transcende seu caráter apenas referencial e jornalístico para se transmutar em obra de arte literária [...].¹⁰⁷

Por isso, ela é social/humana, trazendo temas e narrativas dos sujeitos, que são históricos e, conseqüentemente, tecem as armadilhas, fatos e alterações do cotidiano que compõem as cidades, através de uma linguagem subjetiva, poética e lírica.

Desse modo, o cronista, como observador constante do dia a dia, produz temas e narrativas à medida que a história e a cultura de uma sociedade se modificam, alterando todo o olhar e, assim, o discurso do cronista¹⁰⁸.

O cronista é dotado de criatividade, imaginação, assim a crônica “tende a poeticidade, é ideologicamente marcada pela pessoalidade e (...) é usada no sentido conotativo”¹⁰⁹, enquanto a linguagem jornalística busca a objetividade, a clareza dos fatos, “denota algo factual, tende ao referencial, é ideologicamente marcada pela impessoalidade e é usada no sentido denotativo”¹¹⁰.

A crônica e o cronista, ao se constituírem como um só, formam o texto livre, poético, lírico, que fala aos seus leitores ávidos de sonhos e, ao mesmo tempo, reflexões sobre os fatos. Justamente por isso, o gênero foi muito apreciado no século XX, porque ele externa a vida cotidiana de forma simples, encontrando a beleza nas coisas mais fugazes, parecendo ser poesia na sua narrativa em prosa.

Apesar dessa relação, existem especificidades, ou antes, diferentes tipos de crônicas, como aponta Afrânio Coutinho:

a crônica narrativa, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o

¹⁰⁷ MARTINS, Dileta A. P. Silveira. *As faces cambiantes da crônica moreyrana*. 1977. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977. pp. 16 -17.

¹⁰⁸ CARDOSO, Joselina Alves. *Crônica literária no jornal: história, estrutura e funcionamento*. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. p.14.

¹⁰⁹ Ibid. p. 72.

¹¹⁰ Ibid.

conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo, meio e fim [...]

a) a crônica metafísica, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens. [...]

b) a crônica poema-em-prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significados [...]

c) a crônica comentário dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspares [...]

d) a crônica-informação, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.¹¹¹

Afrânio Coutinho alerta que essa proposta de classificação deve ser vista com cuidado, pois tais tipos podem se fundir, carregando traços de um ou de outro, pois é próprio dela a tendência à flexibilidade, à mobilidade, à irregularidade: “Há mesmo, entre os cronistas, os ecletismos, que se deliciam a borboletear em torno de diversos assuntos ou temas ou motivos, não se deixando jamais prender a nenhum deles permanentemente.”¹¹²

Já para Luiz Beltrão, a crônica pode ser *geral*, quando “tem espaço fixo no jornal e enfatiza uma diversidade de temas para um público também diversificado”; *local* quando se volta para “a vida cotidiana, também difundida como crônica urbana ou da cidade”; a *especializada*, quando o cronista é especializado numa área, desdobrando-se em *analítica* - quando apresenta os fatos e traz o posicionamento do cronista sobre o referido tema -, *sentimental*, quando traz “o olhar lírico, pitoresco e épico”, ou a *satírico-humorística*, que tem por objetivo propor uma crítica, “ridicularizando e ironizando os fatos e os personagens.”¹¹³

Essas possibilidades de classificação comprovam que a crônica é um gênero endereçado a qualquer público, com o objetivo de levar informação e tratar de assuntos diversos. Esse estilo livre não deixou de ser um exercício para os iniciantes na vida jornalística, mas principalmente para os que se aventuravam em expor sua criação literária. Para quem sonhava em ser escritor, sem dúvida a crônica era uma vitrine feita em prosa para chegar aos olhos dos leitores e de escritores.

¹¹¹ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v 6. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v.6. Editora da UFF. p. 133.

¹¹² Ibid.

¹¹³ BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980. p. 55.

Viver o ambiente do jornalismo não deixou de ser um caminho para muitos jovens escritores se destacarem. Como também lhes serviu como uma oportunidade para se aproximarem de intelectuais e políticos, lhes dando a chance de fazer parte de grupos sociais dotados de prestígio e poder, o que lhes poderia render futuras promoções sociais.

Dentro dos jornais, “a crônica nasceu com o intuito de assumir o papel intermediador entre o noticiário das “coisas sérias” e a descrição de assuntos leves, cuja finalidade seria o entretenimento e o experimento estético”¹¹⁴. Por esse seu caráter a crônica é capaz de quebrar a linguagem mais densa do jornalismo de forma leve, dando ao jornal uma brandura na escrita, criando uma maior comunicação com o público, ao possibilitar ao leitor liberdade imaginativa, fantasiosa, já que é uma mistura de realidade e ficção.

Inicialmente o crescimento e a divulgação da crônica no Brasil foi fruto da competência de escritores como Francisco Otaviano de Almeida Rosa (*Jornal do Comércio e Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro) e José de Alencar (*Correio Mercantil*) que deram à crônica *status* intelectual nunca antes alcançado¹¹⁵. Coutinho ressalta que “as crônicas de Alencar tinham o título de “Ao correr da pena”, comentando com vivacidade e juventude, como diz Artur Mota, “os fatos da semana, desde um simples incidente policial até os acontecimentos da guerra do Oriente”.¹¹⁶

Para ser um cronista, não bastava apenas saber escrever, mas vivenciar os momentos sociais como: teatro, reuniões políticas, recitais poéticos, vida noturna, festas populares, ou seja, viver a cidade. Só dessa maneira, um bom cronista podia extrair a matéria-prima para seu trabalho, colhendo os retalhos do cotidiano para colocar em suas crônicas. Assim, o jornal tornou-se um atrativo de cunho literário, sendo o mediador entre a sociedade e a cultura, criando hábitos e suscitando debates.

A crônica é, nesse sentido, a possibilidade de mergulhar na antropologia urbana. Ela se alimenta do cotidiano, sem a intenção de perseguir a verdade.

¹¹⁴ CARDOSO, Joselina Alves. *Crônica literária no jornal: história, estrutura e funcionamento*. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. p. 20.

¹¹⁵ Vários outros cronistas se destacaram no século XIX, como: Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, França Júnior.

¹¹⁶ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. p. 125.

Crônica e jornalismo se comungam com uma linguagem de simples entendimento, em que é possível o encontro da ficção com a realidade ou da literatura com o jornalismo, como sinaliza Medel:

As relações entre jornalismo e literatura são múltiplas e extraordinariamente variadas. Não se trata apenas de que, em um e outro caso, o instrumento fundamental – a palavra e suas estratégias discursivas verbais – seja comum. No processo de desenvolvimento histórico e de institucionalização de ambas as séries discursivas encontram-se coincidências muito interessantes e interações mútuas. Resulta inegável a influência de pautas de escritura e modelos literários para a construção de determinados discursos jornalísticos, não é de menor importância a presença do jornalismo (com seus temas, recursos, procedimentos e técnicas) na criação literária (especialmente no século XX), sem esquecer o fato de que as figuras do escritor e do jornalista (sobretudo de opinião) às vezes coincidem com a mesma pessoa.¹¹⁷

É dessa forma que a crônica “tem a total ambição de aprisionar um momento, um rosto, uma frase, um acontecimento banal, uma paixão demolidora, para que não se perca na voragem dos instantes”¹¹⁸. Antonio Candido, pensando no papel da crônica, acredita que essa

está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.¹¹⁹

Com ou sem humor, a crônica marca o seu próprio tempo, produzindo uma forma muito particular e criativa de fazer história.

2.1 CRÔNICA E HISTÓRIA

Ao retratar a história dos indivíduos ou um simples acontecimento datado, situado em determinado espaço, o cronista constitui-se no historiador

¹¹⁷ MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 15.

¹¹⁸ VIEIRA, Cunha Liberato. O que é crônica? *Vox*, Porto Alegre, ano 1, n. 4, fev. 2001. p. 50.

¹¹⁹ CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14.

do dia a dia e do indivíduo. Conforme Agnes Heller “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social.”¹²⁰

Assim, o cronista constrói discursos, comportamentos; externa opiniões das mais variadas, pinçando o circunstancial e transformando-o em histórias, enfim, fazendo a crônica do cotidiano. Trabalhar com o cotidiano das pessoas no espaço da cidade é mergulhar, muitas vezes, na sua intimidade e também na cultura de uma sociedade, buscando, por vezes, o passado que se fixa no presente e se reconstrói, recriando-se e transformando-se. Nesse sentido é que a crônica deve ser considerada como importante material para a história, uma vez que constitui importante documento de registro. Desse modo, configura-se, como uma narrativa histórica:

Ao assumir a condição de relato histórico, com alguns matizes literários, a crônica volta, novamente, a ter seu significado ampliado. Assim, vamos ter uma nova noção de crônica que não se legitima apenas através da organização cronológica dos eventos, mas na forma de relatá-los. O indivíduo encontra, agora, uma maneira de tratar os eventos sociais que se sucedem ao seu redor, adequando-os de acordo com as normas sociais e a tradição de seu povo.¹²¹

É fato que os métodos do cronista não são os do historiador, que tem caminhos próprios para buscar a verdade; o cronista narra o acontecido não como este ocorreu (o que até para os historiadores constitui-se em árdua tarefa), mas como foi recordado por ele, imprimindo suas impressões, suas opiniões, seu colorido.

Da mesma forma, o cronista, diferentemente do historiador, é livre, não estando engessado em teorias históricas ou sociológicas para explicar fatos cotidianos, como também não está preso ao passado, mas ao presente, o agora vivido. Machado de Assis, fazendo um contraponto entre o historiador e senso-comum dirá: o “historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado humanista; o contador de história foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio e entende que contar o que se passou é só fantasiar”.¹²²

¹²⁰ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 20.

¹²¹ PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004. p. 18.

¹²² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995. p. 55.

Embora apresentem diferenças notáveis aproximam-se historiador e cronista, principalmente porque as crônicas oferecem fontes, pistas, retratos, para o estudioso da história, apresentando-se como rico material para a compreensão e análise dos fatos passados.

Buscando-se uma proposta heterodoxa, como também

Fraterna e inclusiva, arriscamos dizer que se a literatura e a história, compreendidas respectivamente como espaços próprios do texto e do contexto, constituem hoje empreendimentos extemporâneos, por outro lado, é em razão dessa maneira extemporaneidade que podem os dois campos ter a sua “chance”.¹²³

O cronista, a crônica e a história são lugares de memória que se misturam e se confundem, pois trabalham com a realidade em constante mudança, fazendo com que a memória seja elaborada, reelaborada e interpretada de acordo com o momento vivido. Se a crônica busca “estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”¹²⁴ dentro do cotidiano, isso se faz pela memória, ou seja, ela se constitui no próprio trabalho da memória. Portanto, o

esforço de reordenação das imagens passadas é condicionada pelo presente de quem lembra [...] Não sem razão, Ecléa Bosi escreveu que o trabalho da lembrança não é um afastar-se para reviver o passado tal como ele se deu, como se pudéssemos guardar em estado puro [...] Tal qual o historiador cujo trabalho é o de reconstruir significações pretéritas a partir de seus condicionantes presentes, a relembração é uma reconstrução orientada pela vida atual, pelo lugar social e pela imagem daquele que lembra [...].¹²⁵

A crônica é um documento vivo, oriundo das lembranças, captando fatos dos mais diversos que, por vezes, entraram em contradição com a história oficial, contrariando os interesses políticos e ideológicos de uma época. Assim, história e crônica se interligam, percorrendo caminhos da memória ao ouvir e conviver com diversas vozes, dos mais diferentes grupos sociais presentes na cidade. Charles Monteiro, abordando à relação entre crônica e história, afirma:

¹²³ SEIXAS, Jacy; MUYLAERT, Joana. Introdução. In: CAMILOTTI, Virginia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 15.

¹²⁴ CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas SP Editora da Unicamp RJ: Fundação casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14.

¹²⁵ MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 31.

Crônica e história são formas de escritas que elaboram a passagem do tempo e a memória de um grupo ou de uma sociedade por meio da seleção proposta pelo filtro do presente. Cronista e historiador desempenham o papel social de interpretes da memória coletiva [...] Ambos produzem uma memória social, a partir da ótica e dos interesses de determinado grupo [...].¹²⁶

Já Margarida Neves de Souza aponta para a possibilidade de ambas – história e crônica – construir memória, e “se é verdade que a memória construída pela história tem como referência principalmente o recorte nacional, aquela que é tarefa mais eminente da crônica é, sem dúvida, a memória da cidade.¹²⁷ É, pois, na cidade que a crônica nasce e se fixa com laços de identidade com as ruas e as experiências nelas vividas.

2.2 A CIDADE E A CRÔNICA

A cidade deve ser aqui entendida como espaço das necessidades humanas, que reflete as formas como os indivíduos são capazes de organizar e desenvolver seus modos de vida. Daí afirmar que os homens e a cidade se refletem de alguma forma, modificando-se com o decorrer das novas exigências da história.

Em nome do desenvolvimento, lembranças do passado, acorrentadas na paisagem urbana são destruídas. Casas, que são verdadeiras relíquias de um tempo – com seu desenho, imagens na fachada, data da construção gravada no alto da porta - guardam memórias de uma época. A paisagem urbana, contudo, vai sendo alterada e com ela a sociedade e sua cultura.

Não há mudanças, econômicas, políticas, sociais, culturais e urbanas que não gerem conflitos. Como consequência, a cidade nasce e cresce em tensões, entre o “novo” e o “velho”, desenvolvimento e tradição.

Segundo Halbwachs

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro que se escreve e depois se apagam números e figuras. [...] Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos

¹²⁶ MONTEIRO, Charles. História e memória da cidade nas crônicas de Aquiles Porto (1920-1940). *História Unisinos*, v. 8, n.10, jul./dez. 2004. p. 83.

¹²⁷ SOUZA, Margarida Neves. História da crônica: a crônica da história. In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995. p. 25.

espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos.¹²⁸

A memória da cidade pode ser encontrada em uma viela, beco ou casa abandonada. Mas também naqueles que a vivenciaram e recordam os fatos, lugares e acontecimentos de forma emocional que ela parece fazer parte do próprio corpo, mutilado com a destruição imposta pelas emergências da modernidade.

Cidade e memória se eternizam no tempo em fotografias, poesias, romance, contos ou crônicas, o que equivale a dizer que é um campo vasto para ser pensado, pesquisado e recriado pelas artes. A crônica, nesse quesito, desempenha papel preponderante, pois se constitui fonte inesgotável para melhor conhecermos a história e a cultura de determinado lugar.

A crônica, afirma Margarida Neves, “como a história, de modos certamente diversos, se constituem numa escrita memorialística[...]”.¹²⁹ A crônica, enquanto lugar de memória, surge com o estranhamento perdido no espaço cultural da cidade grande, onde os conflitos entre campo e cidade, mulher e homem e entre classes sociais se materializam. O ato de registrar em palavras o cotidiano configura-se como uma forma de perpetuar experiências vividas. Embora apontada como narrativa efêmera, que relata episódios passageiros de uma dada comunidade, a crônica não deve ser pensada apenas como

um simples eco da “memória coletiva”, mas uma seleção, com cortes, silêncios e ênfases sobre certos sujeitos, lugares e tempos da experiência coletiva que produzem uma imagem do passado, uma explicação sobre a passagem do tempo, as transformações sociais, culturais, econômicas e da paisagem urbana.¹³⁰

Diante do exposto, compreendemos que a cidade e a crônica se entrelaçam, tornando-se um só corpo, onde não só fatos, mas sentimentos de toda a ordem são trabalhados pelo cronista. Como diria Paulo Barreto, conhecido como João do Rio:

¹²⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1990. 2011, p.159

¹²⁹ NEVES, Margarida de Souza, *Histórica da crônica*. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (Org). *Cronistas do Rio*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2001. p. 27.

¹³⁰ MONTEIRO, Charles. História e memória da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940). *História Unisinos*, v. 8 n. 10, julho/dezembro p. 84-85. 2004.

Há ainda uma rua, construída na imaginação e na dor, rua abjeta e má, detestável e detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo trânsito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo [...].¹³¹

Assim, a cidade do cronista é a cidade letrada, possuidora de uma carga de subjetividade; é onde ele expõe suas ideias, opiniões, sentimentos e críticas. Para isso, ele precisa perambular, “vagabundear” pelos seus becos e ruas, conversando com os diversos personagens e tipos humanos que fazem o cotidiano do urbano.

Para Rama existe um

labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem. Esta é obra da cidade letrada. Só ela é capaz de conceber, como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver inclusive em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum.¹³²

A crônica é essencialmente a cidade que tomou para si a responsabilidade de descrevê-la, quer seja de forma objetiva, humorada ou lírica, usando as páginas dos jornais para comunicar ao leitor a visão crítica e sentida da cidade.

A cidade e a crônica formam uma parceria advinda do progresso, da indústria, da velocidade do tempo corrido. Nessa insólita parceria, constituem “um regime mais ou menos fiel de comunhão de bens e de males, essa palavra que vem sendo escrita pela caligrafia das ruas”.¹³³

Nessa comunicação com a cidade, o cronista interage com ela, traz na sua narrativa múltiplas histórias dentre tantas das quais ele faz parte; aparece, se revela, dialoga com pessoas de classes sociais diversas e assume posições políticas. Isso porque o cronista não é neutro: onde está a subjetividade, a neutralidade axiológica torna-se impossível.

¹³¹ Apud CALADO, Luciana. *A Belle Époque nas crônicas de João do Rio: o olhar de um flâneur*. 1997. p. 82. Disponível em: http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Luciana-Calado.pdf, acesso em 7 fev. 2011.

¹³² RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 53.

¹³³ PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio Editores, 1985. p. 5.

A cidade está, portanto, na alma do cronista, revelando sensações e emoções causadas pelas mudanças que a atinge como também a ele.

Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis.¹³⁴

Refletir e estudar as imagens presentes na cidade significa entender a dimensão histórica na qual essa está incluída. Dentro dela, fazem parte elementos do ontem justapostos ao presente, ou seja, à contemporaneidade.

É nela e através da escrita, que se registra a acumulação de conhecimento. Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, vez que se fixa em uma memória que, ao contrário, da lembrança, não se dissipa com a morte. A cena escrita da cidade permanece. E não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, registros, mapas, plantas baixas, inventários etc.) que fixam essa memória: a própria arquitetura urbana (ou se preferem, a escrita enigmática do texto urbano) cumpre também este papel. O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de contar a experiência daqueles que os construíram, revela o seu mundo.¹³⁵

A cidade está dentro de nós e, conseqüentemente, temos uma relação orgânica com ela. Em outras palavras, ela é uma construção do sujeito histórico e nela tudo é possível criar, modificar e imaginar. Através dela, extraímos do cotidiano experiências que podem ser representadas pela literatura. Pensar e refletir sobre a cidade é questionar suas representações:

Nesta perspectiva, indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura é, basicamente, ler textos que leem a cidade, considerando não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.¹³⁶

Então, se a crônica registra um fato social ou um acontecimento que aponte mudanças significativas ou que faça críticas a uma sociedade de forma

¹³⁴ BOSI, Ecléa apud MATOS, Maria. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 35.

¹³⁵ PINHEIRO, Délio; SILVA, Maria (Org.). *Visões imaginárias da cidade da Bahia: um diálogo entre a geografia e a literatura*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 22.

¹³⁶ PIRES, José Cardoso. Cidade: um corpo para ler. *Revista Semeiar*, Rio de Janeiro, PUC-RJ, n.1, 1994. p.1. Disponível em: <www.letas.puc-rio.br/catedra>, acesso em 10 jul. 2011.

lúdica ou não, sem dúvida ela passa a se constituir como um documento que serve para identificar e compreender uma época. Para Margarida de Souza, nas crônicas produzidas na transição do século XIX para o século XX, no Rio de Janeiro,

é possível uma leitura que as considere “documentos” na medida em que se constituem como um momento de transformação. “Documentos”, portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo. “Documentos”, nesse sentido, porque imagens da nova ordem. “Documentos”, finalmente, porque “monumentos” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “progresso.”¹³⁷

Assim a crônica é, por excelência, o seu tempo histórico, as relações que se instalam no cotidiano, pois, filha do progresso e do desenvolvimento das cidades, capta as mudanças dos seus espaços, o sofrimento de sua gente no teatro vivo das ruas, onde dramas circulam todos os dias, independentemente das estações do ano. Diante do exposto, endossamos a seguinte afirmação:

O “tempo vivido” é o ideário do cronista. Ele estipula as estruturas narrativas de acordo com o se vive ou se viveu naquele dia de feitura do texto ou no dia anterior [...] ele escreve à medida que discute o seu dia-a-dia que nutre o discurso do tempo real, vivido ao longo do dia. Por isso, pensar o tempo na crônica é pensar o autor no tempo.¹³⁸

O tempo histórico é aquele presente nas crônicas e, conseqüentemente, vivenciado, observado e sentido pelo cronista. É esse cronos que direciona os sentidos do narrador, ou seja, o tempo da construção da crônica é ditado não pelo relógio, mas pelo ocorrido apreendido naquele instante pelo escritor.

No Brasil, a trajetória da crônica revela a representação dos grandes centros urbanos, no olhar aguçado e particular dos nossos escritores.

¹³⁷ NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 76.

¹³⁸ CARDOSO, Joselina Alves. *Crônica literária no jornal: história, estrutura e funcionamento*. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. p. 31.

2.3 A CRÔNICA NO BRASIL

Jorge Sá, discorrendo sobre a crônica no Brasil¹³⁹, toma como referência a carta de Pero Vaz de Caminha, que informa a D. Manuel sobre o descobrimento do Brasil e as riquezas aqui encontradas. Para o autor a Carta “é recriação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes”.¹⁴⁰ Constitui-se, pois, como a primeira crônica em terras brasileiras feita por um lusitano. Desse modo, “oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica”¹⁴¹.

Diante essa afirmativa, faz jus a afirmação de Antonio Candido quando diz que a crônica

ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível [...] No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro [...] Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas e literárias¹⁴².

Para Candido o gênero surgiu no *Correio Mercantil*, de 1854 a 1835.¹⁴³ Segundo Arrígucci, os escritores desse século viam a crônica com um

ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela afloravam em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos [...]¹⁴⁴

No começo do século XX, Rio de Janeiro e São Paulo possibilitaram novas formas de comunicação como o rádio, revistas e jornais para uma sociedade ávida pelo novo. A cidade passou a exercer uma fascinação pelo

¹³⁹ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. p. 5.

¹⁴⁰ Ibid.

¹⁴¹ Ibid., p. 7.

¹⁴² CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 15.

¹⁴³ Ibid.

¹⁴⁴ ARRÍGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 57.

seu excesso de luzes, cores, lojas, cinemas e modas. Na cidade movimentada e veloz está a matéria-prima para diversos escritores em busca da novidade para transformá-la em livro ou matéria de jornal. Dentre eles Paulo Barreto, tendo como pseudônimo João do Rio. A obra desse cronista:

Representa a mais ousada tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante. Tinha ele a impressão de que a crônica podia ser “o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro [...] Produzir história social, através da crônica, foi contudo a sua diuturna preocupação [...] Paulo Barreto foi o iniciador da crônica mundana.¹⁴⁵

João do Rio deu à crônica uma nova roupagem. Observou o cotidiano para mais tarde revelar os fatos citadinos através de suas matérias, com a intenção de transformá-las em história social para a posteridade. Viveu intensamente o progresso e a modernidade, o que causava estranheza e euforia ao cronista. João do Rio, em 1915, afirmou:

que nada de novo houve no mundo depois da descoberta da América e da expansão do jornal- duas utopias iluministas. Como instituição social, o jornal aparece, a seus olhos, como a mais salutar delas: farol de opinião nas democracias [...]¹⁴⁶

Outros escritores-jornalistas, contemporâneos a João do Rio, se destacaram na arte de fazer crônicas dentre eles: João Luso, José do Patrocínio, Humberto de Campos e Oestes Barbosa.

O Movimento Modernista de 1922 fortaleceu e inaugurou um novo momento para a crônica e o cronista, a começar por Álvaro Moreira, Olegário Mariano (João da Avenida), Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Rubem Braga, expoente maior desse gênero.

O jornalista Álvaro Moreira tomou o Rio de Janeiro como fonte de inspiração, lançou seu olhar sobre a cidade e encontrou nela diversos fatos e acontecimentos, que se fizeram crônicas. A história do cotidiano da mulher carioca foi um dos temas sobre os quais Moreira se debruçou, demonstrando seu lado sensível, o que terminou desembocando na obra *A cidade mulher*.

¹⁴⁵ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. p. 128.

¹⁴⁶ ANTELO, Raúl. João do Rio, Salomé. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992. p. 153.

Olegário de Matos, sob o pseudônimo de João Avenida, em 1923 foi o escritor artista que juntou texto e imagens nas suas

crônicas mundanas em forma de versos [...] essas crônicas foram, em 1924, reunidas em livros [...] intitulada Ba-ta-clan [...] o volume traz, em suas 176 páginas, 52 crônicas, em versos, todas com ilustrações –“figurinhas de J. Carlos” [...] A maior parte das ilustrações de Ba-ta-clan compõe-se de figuras femininas isoladas, que traçam um amplo painel de figurinos da moda da época. Outra parte compõe-se de cenas carregada de humor [...]¹⁴⁷

Considerado expoente maior como cronista, Rubem Braga sofreu toda a influência das tensões políticas entre a esquerda e a direita no país, concomitantes ao Movimento Modernista de 1922 em São Paulo, que marcou toda uma geração de artistas e escritores brasileiros.

Rubem Braga, sob o *glamour* da ideia de nacionalidade e da valorização da cultura popular, usando uma maneira bastante coloquial, e até se mostrando antigramático, tornou-se o maior cronista brasileiro, no sentido de construir uma relação de representação e mediação entre ele e seu público leitor. Desenvolveu uma maneira particular

feita com a mescla de elementos variados, vindos até onde se pode perceber, da antiga tradição do narrador oral (no caso do contador de causos do interior) e da bagagem do cronista moderno [...] experimentado na labuta das grandes cidades do nosso tempo [...]¹⁴⁸

A preocupação em retratar o cotidiano das grandes cidades não era apenas de Rubem Braga, mas de tantos outros cronistas de sua época como Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, Lourenço Diaféria, Paulo Mendes Campos, dentre outros. Embora tivessem essa mesma preocupação cada cronista possui estilos particulares de escrever sobre a realidade observada e vivida.

Fernando Sabino valorizava as pessoas na vida diária como se elas pudessem trazer para ele, e para todos que o lessem, o cotidiano mais humano, “descobrimo a beleza do outro, ainda que expressa de forma simplória, quase ingênua, mas sempre numa dimensão que ultrapassa os

¹⁴⁷ LYRA, Helena Cavalcanti. BA-TA-CLAN. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992 p. 243.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 55.

limites do egocentrismo.”¹⁴⁹ Desse modo, o cronista, de maneira lúdica, apreendia o pitoresco, ficando mais “à vontade para explorar o humor das situações que melhor exemplificam o lado tragicômico da realidade urbana, quase sempre em contraponto ao espaço rural.”¹⁵⁰

Uma outra característica desse autor foi o olhar sobre tipos humanos que foram se somando em muitos momentos de suas crônicas, porém, sem perder a criticidade do fato narrado. Segundo Jorge Sá, “essa ligação com o real aproxima a crônica da estrutura dramática, o que permite ao cronista de ‘A companheira’ explorar o confronto de caracteres de diálogos engraçados, irônicos, sem agressividade – afinal, ele não esquece que está compondo um texto cuja característica básica é a leveza -, mas sempre com visão crítica.”¹⁵¹

Os tipos urbanos construídos por Fernando Sabino nas crônicas “A longa viagem de volta” e “As coisinhas do poeta” “abordam o contraste entre o homem obediente aos padrões sociais e o artista rompendo com esses mesmos padrões.”¹⁵² Os contrários e os conflitos se perfilam, porém, com humor.

Quanto ao paulistano Lourenço Diaféria, a grande metrópole brasileira, São Paulo foi a sua musa inspiradora. Debruçando sobre as suas particularidades cotidianas, imprimiu um tom próprio as suas narrativas cronísticas, ao se prender “ao humorismo, ao banal, o social e o efêmero.”¹⁵³ Os marginalizados tinham uma atenção especial nas suas crônicas, oferecendo ao leitor “a emoção como fator predominante”¹⁵⁴, porém, em muitas narrativas, o autor termina por se envolver com o relato, criando no leitor um posicionamento diante do fato descrito. Como nas famosas cinco crônicas chamadas “Os gatos pardos da noite”, que fazem parte da obra *Um gato na terra do tamborim*. Na apresentação “ele afirma que vai “tentar decifrar as besteiras que todos os dias se cometem por aí”, atingindo “os desvalidos, os chutados, os amofinados, que se equilibram nos muros da vida [...] – que não

¹⁴⁹ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. p. 22.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 23.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 24.

¹⁵² *Ibid.*, p. 25.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 39.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 40.

têm tempo, nem saco, nem dinheiro para fazer masturbação mental em frente de um copo de uísque”¹⁵⁵

Os cronistas citados acima nos remetem a Jehová de Carvalho: há semelhanças com João do Rio, Rubem Braga, Fernando Sabino, Lourenço Diaféria e em especial com Paulo Mendes. Este

vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida [...] esse caçador de imagens esmagado pelo tédio do asfalto e sempre reanimado pelas lembranças de um paraíso perdido (mas não irrecuperável) situado nos campos da infância.¹⁵⁶

Jehová é um saudosista, um tradicionalista, assim como Carlos Drummond de Andrade, que possui um livro de crônicas intitulado *Cadeira de Balanço*, que pode ser explicado pelo “o vaivém gostoso transita entre o repouso e o movimento, permitindo que o prazer da vida serena se instale onde antes era só o tédio do asfalto.”¹⁵⁷ Assim é possível, acredita Drummond, que o ser humano possa constituir uma relação entre o pretérito e o hoje se constituindo como ponto de equilíbrio impossível de ser alterado, ou seja, a tradição percorre inexoravelmente a sociedade.

As crônicas de Jehová possuem uma linguagem coloquial muito direcionada, ou influenciada pela tradição cultural de Salvador, que vai alterar a maneira de ver o mundo desse cronista. As suas crônicas distanciam-se de um estilo literário intelectualizado.

A partir do panorama apresentado sobre a crônica – origem, conceitos, classificações, relação com a história, com o jornalismo, com a cidade, no contexto dos cronistas brasileiros - focaliza-se a obra de Jehová de Carvalho, escritor baiano que se dedicou a escrever crônicas sobre temas diversos, mas sempre preocupado com as mudanças urbanas e culturais da Salvador das décadas de 1970-1980.

¹⁵⁵ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. p. 39.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 48.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 68.

3 A SALVADOR DE JEHOVÁ DE CARVALHO

3.1 A CIDADE E O *PROGRESSO*

Salvador, desde o início do século XX, passou por mudanças econômicas e urbanas importantes, o que refletiu na sua vida cultural, intensificando-se na década de 1970, através da política desenvolvimentista: “a cidade se constituiu como um dos estados com história mais marcante no planejamento”.¹⁵⁸ Essa metamorfose não passou despercebida aos olhos do cronista Jehová de Carvalho.

A maior concentração do comércio varejista estava nas Ruas Chile, Misericórdia, Ajuda, Carlos Gomes, J.J.Seabra e nas avenidas Joana Angélica e Sete de Setembro. O elevador Lacerda e os planos inclinados faziam a ligação entre a cidade alta e a cidade baixa, apresentando-se como alternativa de rápida locomoção.

Com o crescimento populacional, ampliação do comércio e o fluxo de veículos, buscou-se ampliar ruas com a criação de novas áreas residências de luxo como a Graça, Vitória e Barra, fazendo com que tradicionais bairros com casarões antigos fossem abandonados, alugados ou invadidos pela população carente, quando não, muitas vezes, derrubados para construir edifícios ou garagens.

Dessa maneira, o planejamento urbano, com uma preocupação direta com o lucro, não observou as consequências futuras para a cidade. A população foi obrigada a residir distante dos centros, incentivada pelo governo através da implantação dos primeiros conjuntos habitacionais.

O surgimento de novos bairros está associado ao crescimento do sistema de transportes que se amplia entre os anos de 1960 a 1970, estimulando de maneira acentuada a especulação imobiliária. A população que não possuía rendimento fixo, na sua maioria ambulantes, passaram a residir em invasões,

¹⁵⁸ MENDES, Victor Marcelo Oliveira. *A problemática do desenvolvimento em Salvador: análise dos planos e práticas da segunda metade do século XX (1950-2000)*. 2006. 265 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.137.

umentando de maneira significativa o processo de proletarização social e urbana.

O *Ferry-Boat*, revolucionário sistema de transporte marítimo, criado em 1970, ligando Salvador à ilha de Itaparica, fortaleceu a migração de muitas pessoas, engrossando as periferias e os problemas sociais, advindos desses novos investimentos feitos pelo governo e por grupos privados.

O professor Renato Cordeiro Gomes assevera que o desenvolvimento das cidades sem um planejamento amplo que visasse a atender os mais carentes terminou por prejudicá-los no que se refere à moradia, ao desenvolvimento intelectual e ao seu bem-estar social.¹⁵⁹ Esse crescimento veio acompanhado de uma falta de planejamento familiar e de políticas públicas para a população afetada.

Jehová de Carvalho fez sua própria leitura dos acontecimentos dessa época. Como a crônica é filha da cidade e a cidade está na essência do cronista, ele viu essas mudanças de forma subjetiva, mas também muito crítica, não aceitando o progresso e as reformas urbanas, quando essas se mostravam sem limites. Não eram apenas casas ou prédios antigos jogados ao chão, mas a tradição e a cultura de um povo – era a construção do novo em detrimento do passado.

Toda essa mudança se encontra associada à ideia da modernidade que atingiu muitos baianos, e que, paradoxalmente, viveram o conflito entre o tradicional e o moderno. Porém, no entender de Jehová, esse conflito não representou um corte absoluto com o passado:

O escritor Carlos Torres, como todos os baianos, mesmo os que se ilustram e vivem em outros centros - e não são poucos - é, em plena Rua Chile, uma projeção do nosso azeite, na fala mansa, nas frases de espírito dos bate-papos da esquina do Palácio. Aí onde até cartas já recebeu pelo Correio, ele vê os jovens duas gerações além da sua e aponta:

- É o neto do comendador Pedreira. Deve ter chegado da Europa para uns dias aqui. Não nega o jeitão baiano: olhe o andar dele e ouça como o Rê que pronuncia parece trazer a garganta para a língua!¹⁶⁰

¹⁵⁹ Veja, GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, A cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁶⁰ CARVALHO, Jehová de. *Esta cidade é feita de dendê. A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 23.

O olhar do cronista era apurado e minucioso, fazendo leituras políticas e sociológicas dos acontecimentos que iam lentamente alterando modos de vida, lugares, ruas e praças. Seus textos analisavam uma cidade que se afastava das heranças com o passado e, por outro lado, aumentavam a desigualdade social, não permitindo que muitos trabalhadores tivessem uma qualidade de vida digna, como os da construção civil, que, responsáveis pelo surgimento das novas habitações e prédios que se espalhavam por diversos pontos, jamais poderiam usufruir deles. Em linguagem literariamente trabalhada, Jehová aborda o assunto na crônica “Esta cidade é feita de dendê”:

Os moços que subiam os andaimes, equilibrando-se no ar, com o privilegio apenas de ver, sobre aqueles outros, os primeiros instantes da manhã e a ultima nesga do sol, encompridam-se nas filas dos Terminais para viagem penosa dos ônibus, parando em cada curva em busca dos Bairros de São Caetano, Uruguai, Retiro, Stiep, Boca do Rjo, Cabula, aqui onde as laranjas pareciam nascer das colméias [...]¹⁶¹

Além das diferenças sociais e econômicas que marcavam a cidade, também as arquitetônicas foram temas de Jehová. Construções surgiam sem limites, opondo-se aos casarões coloniais, imprimindo a contradição ao espaço da cidade:

próprio à cidade atual que fornece a explicação da presença, ao lado de um conjunto de construções modernas, dos restos do passado, velhas casas ricas que perderam seu antigo papel residencial e se degradam. O quadro antigo, herança do passado, não foi completamente substituído, enquanto sobre um sítio artificialmente criado, nascia uma cidade moderna [...]¹⁶²

O modernismo baiano passou a desprezar sua memória histórica. Para o professor Renato Cordeiro Gomes, esse ataque à cultura de uma cidade “é um ato de violência, imposição do poder: atemoriza, desorienta os sentidos com sua arquitetura sem fim. A monumentalidade pela monumentalidade.”¹⁶³ Assim o progresso pintava a vida urbana e dos seus humildes habitantes, radicalizando as dualidades rico/pobre, ontem/hoje, casarios coloniais/prédios

¹⁶¹ CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 23-24.

¹⁶² SANTOS, Milton. *O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana*. 4.ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1950. p. 23.

¹⁶³ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, A cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 25.

modernos, sem possibilidade de diálogo para um equilíbrio nas relações e distribuição de forma equitativa do trabalho, sem prejuízo dos mais pobres.

Salvador ia perdendo seus traços marcados pela arquitetura colonial, caminhando em direção a um planejamento urbano de imponência, que se assentava nas construções modernas e na proposta política de desenvolvimentismo. Jehová não gostou desse modelo de cidade e fez questão de externar esse sentimento na crônica, “Do desfile e da loucura da cidade quadrisseccular”:

Os monstrenços de cimento armado continuam ocupando os lugares dos seus prédios coloniais, na tentativa de uma arquitetura piegas, quase de arremedo para atendimento aos interesses imediatista de um comércio sem visão, que muda de esquina de um dia para o outro. O Campo Grande de ontem, um dos mais belos jardins do país, conforme a opinião de famosos paisagista é hoje um aglomerado de edifícios funcionais, de escassez de árvores e tomado de sujeira de uma cidade que cresce sem a proporção do seu organismo de limpeza. A Avenida Sete é outra como a outras já estão sendo Praça Thomé de Souza e a Rua da Misericórdia. A Sé, ainda uma praça antiga no início de 1960, é uma máscara do que foi antes, com uma construção de prédios miseravelmente concebidos em forma a destoar do resto do conjunto [...].¹⁶⁴

A cidade é tratada e representada de forma pejorativa quando é denominada pelo cronista de “monstrenço de cimento armado”. A palavra “monstrenço” no texto significa falta de beleza, destoando com a tradição das construções coloniais. Nessa linha de pensamento ele nega a forma de viabilizar um paisagismo que contraria a história descrita pelos seus casarios, sobrados e ruas dos tempos de outrora.

O seu olhar sobre esses acontecimentos, visto como degradante e irracional, começa também pela destruição do verde, das árvores milenares que davam à paisagem uma beleza própria e necessária aos seus moradores. O cronista recorda esse momento considerado como “desumano”:

A cidade cresceu. A calma da Praça Deodoro foi acabando. O tráfego intenso, pesado e louco, afastou para os bairros a carroça tradicional. Foi sumindo a figura do carroceiro, com seu bernal de couro, chicote na mão e o “ôba” na boca e – no entendimento do burro – entre os trilhos dos bondes abertos. Sobre eles, sobre essa categoria de trabalhadores anônimos da cidade, alijados de sua paisagem pelo

¹⁶⁴ CARVALHO, Jehová de. Do desfile e da loucura da cidade quadrisseccular. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 31 mar. 1973.

progresso, vieram os motoristas dos caminhões, veículos capacitados a conduzir, com mais pressa, o açúcar que as velhas e lentas carroças transportavam. Mas São Cristóvão ficou, sem que os motoristas pudessem entender sua presença na centenária árvore da Deodoro. Agora, a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto [...].¹⁶⁵

O cronista vai identificando determinadas ruas da cidade alta como a Avenida Sete, Praça Thomé de Souza e a Rua da Misericórdia e a Sé que, segundo ele, perdem sua originalidade. A cidade baixa, nas ruas Portugal e Conselheiro Dantas, passaram também a ser afetadas. Do mesmo modo, os opostos se apresentam na crônica: a figura do carroceiro segregado do grande centro e os motoristas dos caminhões que passam a transportar o açúcar tirando de cena as carroças. O cronista faz o contra-ponto, quando afirma que “a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto.” Numa construção poética, mistura verde, metal e concreto. O verde morre para dar lugar ao metal e ao concreto que são as edificações. O jogo da negação, do sim e do não, vai permeando a narrativa, como também as marcas do tempo presente na frase “veículos capacitados a conduzir, com mais pressa,”. A velocidade, registrada pela palavra “pressa” é o *cronos* da história, feita por homens e não apenas um tempo meramente físico. Homem e espaço transformam-se juntos na antítese de suas vidas na cidade. A crônica se multiplica em diversos significados, o que, sem reduzir a crítica social, impõe o caráter literário do texto. Alia simplicidade e coloquialismo, como é próprio do gênero crônica que se “situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem comunicativa [...]”.¹⁶⁶

As crônicas abordadas retratam o sentimento do autor, que insiste na não aceitação da realidade por conta das impressões causadas pelo contato direto com as mudanças no espaço urbano, que atingem seu sonho de cidade

¹⁶⁵ CARVALHO, Jehová de. Sem Fidelis/sem os carroceiros/sem São Cristóvão. In: _____. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 149.

¹⁶⁶ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras 1987. p. 55.

feliz. “O progresso também acabou com as quitandas baianas talvez as mais bonitas [...]”¹⁶⁷

A preocupação excessiva em acusar o progresso como o responsável pelo dismantelamento de Salvador antiga é um idéia fixa enclausurada no “eu” do narrador, que ofusca a possibilidade de enxergar as mudanças necessárias na cidade. Buscando realismo na cena apresentada, ou seja, a metamorfose do urbano, ele utiliza de recursos estéticos, através da linguagem, com o intuito de convencer o leitor que sua argumentação é dotada de veracidade. Ou seja, em muitos momentos o cronista trabalha a crônica de forma artística, assim como o entalhador que sobre a madeira desenha imagens com recursos de detalhes e cuidados nos cortes para lhe dar realismo. Essa busca em transformar a palavra em arte para convencer, enriquece e emoldura o texto de forma convincente tendo como objetivo focar as mudanças por conta do progresso que o incomoda, traço que pode ser visto na crônica “O cavalo, o pierrot, o arlequim e a colombina”:

[...] Era a Bahia pacata de até o meado de década de cinquenta. Mas de repente, as ruas se encheram de gente com aumento ponderável da população [...] de modo que já não se necessitava de percorrer o centro de Salvador para assistir o carnaval. Ele estava em todos os becos, em todas avenidas [...] Já não era simples apresentação de afoxés [...] E o cavalo foi dispensado da sua utilidade carnavalesca. Foi substituído pelo automóvel aberto, dentro do qual as rainhas, as princesas dos grandes clubes [...] enviavam beijos. E o automóvel ia tomando conta [...] Enchia as artérias mais movimentadas, impedia a passagem do bloco causava acidente, até que, pela mesma lei do progresso afastou o cavalo [...].¹⁶⁸

As transformações apontadas pelo cronista, traziam no seu bojo a destruição da memória social que paulatinamente produziria fragmentações da identidade cultural,¹⁶⁹ que iam se esfumando no seio dos baianos, principalmente dentro da religiosidade africana:

¹⁶⁷ CARVALHO, Jehová de. O afro-comércio das quitandas. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 19 fev. 1972.

¹⁶⁸ _____. O cavalo, o pierrot, o arlequim e a colombina. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 02 jan. 1972.

¹⁶⁹ Identidades culturais aqui devem ser entendidas como pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Elas são partilhadas e congrega os sujeitos sob um mesma identificação. Veja HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, pp. 68-75.

As iaôs, há muito tempo atrás não falavam com ninguém em seu percurso. Quero dizer: eram proibidas de comunicar-se com estranhos. Omolu as castigava, fatalmente [...] Mas o progresso mudou o comportamento das yaôs no lococi e noutras “obrigações” do culto afro-baiano. O asfalto queima os seus pés. O trânsito obstruído e louco lhe impede, às vezes de chegar ao Terreiro antes que a noite chegue. Os turistas as assediam para fotografar. Fazem-lhes, com insistências, perguntas a respeito do fetichismo que lhes soa como algo cheio de encanto e mistério. O jeito que tem é falar. E pelo visto, Omolu já está tolerando a imprudência de suas filhas.¹⁷⁰

O progresso, para o autor, desrespeitou, ignorou a cultura negra, descolorindo-a, maculando-a, desmontando imaginários, destruindo as raízes no passado. Os modos viventes e a cidade vão se tornando uma coisa sem vida e expressão artística e religiosa. O mundo popular falece junto com a Salvador antiga.

As imagens místicas, os diálogos que cria ficcionalmente em algumas crônicas mostram que até os orixás – santos do candomblé - estão insatisfeitos com essa realidade, ao ponto de castigar aqueles que colaboraram com a destruição da natureza:

A primeira vez em que baixei minha curiosidade no Bonocô foi quando a yalorixá Maria da Penha, a “Yenecy” do candomblé de Angola [...] retirava mais um barco; isto é, abria a porta da camarinha para que três yâos saíssem a ver a luz do sol [...] já que estiveram recolhidas ali seis meses. As casas de páu-a-pique penduradas nas encostas pareciam pombais azuis [...] Quando as picaretas e as britadeiras do então prefeito Antonio Carlos Magalhães gritaram no verde dos brongos do Bonocô. João Bocage [...] botou os olhos no Bonocô [...] e disse profetizando: – Meu pai, Omolu, a coisa vai ser feia. Tão derrubando as árvores sagradas! Certa manhã, um trabalhador braçal deu com o machado numa árvore de Loôco sem saber que não o poderia fazer, desde que de suas raízes, à última folha da copa, o príncipe negro que perdeu a medalha no deserto, “encantando-se” por desobedecer o pai, tomava a árvore, dela fazendo sua morada, para haver de cumprir sua tarefa divina no atendimento aos pedidos que lhe chegaram em forma de dendê, amalá. No segundo corte, o machado falseou o ferro, e quase que metade do pé do homem ficava ali junto à “comida” do orixá.¹⁷¹

É sobre a história do desenvolvimento, dos planejamentos políticos urbanos que atingem a tradição baiana que o cronista pretende tratar, transformando esse gênero literário, a crônica, em um documento de denúncia sobre os transtornos que o progresso trouxe. Com esse ideal seus escritos se

¹⁷⁰ CARVALHO, Jehová de. O lococi de Omolu. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 20 jul.1973.

¹⁷¹ _____. Das coisas do Bonocô que invocam os cegos. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 22 mar.1973.

constituem como uma fonte rica da memória histórica, social e cultural de Salvador, ratificando o que Eliana Vasconcellos, escreve sobre a crônica como documento: “[...] É um documento vivo do período em que foi escrito. Relata os fatos corriqueiros do dia a dia, os *faits divers* que alimentam o noticiário dos jornais.”¹⁷²

Afinal esse sempre foi o papel do gênero:

Ocupando a princípio a seção 'folhetim' nos jornais, desde o início os cronistas procuravam incorporar o aspecto social e político, por diversas vezes de forma crítica e corajosa, embora algumas vezes se rendessem aos 'projetos de modernidade' encaminhados pelas elites. Mas em geral denunciavam a crescente separação social, sempre de maneira agradável, direta e cosmopolita, antenando o local com as novidades mundiais.¹⁷³

A idéia do social acoplado ao desenvolvimento de Salvador continuou presente nas crônicas de Jehová de Carvalho trazendo a voz de um trabalhador da economia informal, que dialoga com o cronista, e externa sua opinião sobre as mudanças nessa localidade:

– Seu Manoel Cabelinho como está achando as coisas por aqui neste Largo da Barroquinha? E ele fazendo a careta própria de quem não gosta muito de tratar assunto consumado, infelizmente consumado responde: – Como toda cidade, está uma desgraça. Estamos quase sem ouvir um ao outro, com esta barulheira desgraçada de ônibus. É que Manoel Cabelinho vem dos bons tempos, tardos tempos em que o Largo da Barroquinha era simplesmente o poético Largo do Barracão das Hortas. Sua quitanda ficava num quarteirão onde atualmente se vê uma espécie de jardim sem flores [...] Manoel Cabelinho toma um susto [...].¹⁷⁴

A conversa entre o autor e Manoel inicia-se com uma pergunta, como forma de sugerir ao leitor que o cronista não é o único a discordar dos avanços de Salvador. A aparente “conversa fiada”, não tem nada de gratuita: ambos convergem ao mesmo ponto. A cidade aqui é representada pelo popular como “desgraça”, contrapondo-se a uma época que esse local “era simplesmente o

¹⁷² VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações*. Rio de Janeiro: Editora Unicamp, 1992. p. 255.

¹⁷³ MELO, Victor Andrade de. *A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro como fonte de transição do século XIX/XX*. Disponível: www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica_remo_art_conbrace.doc, acesso em 15 de fevereiro de 2013. p. 4.

¹⁷⁴ CARVALHO, Jehová de. Velha e nova Bahia: Cabelinho não viu que a cidade mudou. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 3-4 dez. 1972.

poético Largo do Barracão das Hortas.” Na segunda frase, fica clara a necessidade de se preservarem as hortas como forma de manutenção dos empregos dos mais precisados, mas o lugar fica “uma espécie de jardim sem flores”, ou seja, um paisagismo sem arte, naturalidade e sem humanização, assim acredita o autor. Dessa maneira, embora os mais humildes não tenham voz diante desse “espetáculo” do progresso, eles ganham espaço na crônica de Jehová, que, de certa forma, democratizou a palavra dos excluídos.

Jehová usava a palavra para denunciar, assumindo o seu papel de crítico, compreendendo que alterações de espaço, paisagem e ambientes naturais para o surgimento da cidade de concreto e das máquinas, acarretariam alterações no comportamento humano, na cultura e no trabalho de seus habitantes.

Essa é a leitura que Jehová faz da cidade, “como um labirinto de ruas e signos e a tarefa de decifrar essa trama” fica por conta do cronista [...]”¹⁷⁵. É dessa forma que ele “procura na cidade não apenas as notícias que a movem, mas vida por trás das notícias,”¹⁷⁶ as contradições, tensões sociais e culturais.

3.2 A ANTIGA SALVADOR

A cidade “perfeita” para Jehová de Carvalho era a do passado, a que não existe mais. Ela possuía também problemas, mas nela era possível levar uma vida com certa tranquilidade, era mais humanizada, se comparada à nova Salvador. O cronista exalta a antiga Salvador com a intenção de levar o leitor a uma reflexão sobre o futuro, ameaçado em razão de tanta modernização.

Com esses traços, de preservadora da memória da cidade, a crônica:

constrói simbolicamente o documento historiográfico com base no poder de observação do cronista, onde se expressam diversas formas de representação da realidade de seu tempo. Nessa categoria, a crônica torna-se um documento à medida que transmite às gerações futuras o retrato de sua época [...]

¹⁷⁷

¹⁷⁵ SANTUCCI, Jane Celina. *Babélica urbe: o Rio nas crônicas dos anos 20*. 2006. 286 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. pp. 22-25.

¹⁷⁶ Ibid.

¹⁷⁷ Ibid., p. 29.

Mas esse retrato é feito através da memória, é nela que o cronista encontra amparo e refúgio ao se recordar saudosamente da “velha” Salvador. Nesse sentido, as crônicas possuem a função de lembrar as tradições e negar o presente ou o culto da modernidade. Esta alterou a paisagem, as noções de tempo e espaço existentes, promovendo a nostalgia, como neste caso, dos rituais das festas juninas:

Quando nos era possível, a nós, os baianos, assistimos os balões pando cobrindo os céus e disputando com as estrelas o apego à luz, nunca nos perguntamos: - Há algum ritual ou existiu, em alguma época, a devoção da feitura e soltura de balões?
E agora que entre os componentes da paisagem artesanal do São João, eles desapareceram por ordem do progresso, devo dizer-lhe que sim. Há ou melhor, havia entre os antigos soltadores de balões, comportamento devocional.¹⁷⁸

A crônica vai se constituindo enquanto lugar de memória, provocando recordações de uma raiz identitária, ligada a instantes de festas e espaços sociais vividos por ele e tantas outras pessoas no passado.

Assim, sua crônica

se mantém em uma relação constante com a memória, da cidade e do cronista. Da cidade, no aspecto de sua relação com a imagem que é capaz de produzir; e do cronista, pelos componentes subjetivos que moldam seu olhar.

Dessa forma, a memória está em todo o

processo de criação das crônicas, sendo em muitos casos a essência principal da escrita do cronista. É ela que alimenta a percepção, a versão, a imagem da cidade ou dos fatos que são construídas pela crônica”.¹⁷⁹

A recorrência à memória se conecta com a realidade presente quando se volta diretamente para a falta de sensibilidade dos órgãos do governo, que não sabem preservar os espaços de sociabilidade e de cultura o que, segundo o cronista, nunca

¹⁷⁸ CARVALHO, Jehová de de. Era uma vez os balões e seus mestres. *Diário de Notícias*, Caderno 1, 22 de junho de 1972. p. 4.

¹⁷⁹ RODRIQUES, Maria Isabel Gomes. *A Crônica entre o Jornal e a Cidade: Uma Mediação do Espaço Urbano* 1. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007 p. 3.

se justificou como alguma coisa que pretendesse fomentar, orientar, desenvolver o turismo entre nós, em moldes racionais [...] A primeira desgraça que cometeu (referindo-se a SUTURSA) foi em nome do progresso, acabar com o tradicional Cassino Tabaris, uma das casas, no gênero, mais antiga do país. O velho Mota, um dos criadores da noite baiana, antes de morrer chegou a confessar a um seu sucessor naquele estabelecimento que o seu sonho era fazer dali um museu da boêmia de Salvador [...] Na noite de despedida houve até lágrimas das gerações mais moças [...] ¹⁸⁰

Mota sonhava em transformar o Tabaris, espaço boêmio, em um museu, quando a casa foi fechada comoveu até as gerações mais jovens. Reforça-se as saudades que sentia o autor da antiga Salvador e evoca a tradição, a identidade, que se perde no processo de ampliação do desenvolvimento urbano, apagando vestígios culturais que para ele são importantes.

A cidade passa a viver outro tempo e não mais será admirada pelo cronista, que perde o encanto e sente falta da rua dos poetas, dos bares, da naturalidade, espontaneidade e da antiga paisagem urbana. Conclui:

Ontem, o presidente da Sociedade Brasileira de Paisagismo [...] dizia que "Salvador não se interessa em conservar sua paisagem". Não disse muito o especialista em torno da realidade da paisagem baiana. Mais do que isso aí, Salvador empenha-se em dilapidar sua paisagem. ¹⁸¹

Todo esse olhar é próprio do cronista social, que vai delineando nas narrativas um estado de melancolia em relação ao passado e conflito com a política do Estado presente, que dilapida os lugares mais bonitos e importantes da cidade. Por conta disso entende

que outras praças da cidade morreram em seu túmulo antigo de tipos humanos curiosos que lhe emprestavam uma paisagem singular na tranqüilidade da Bahia de há vinte anos atrás. A praça Cairu não é mais dos trovadores de cordel como ao tempo de Pedro Martins, José Augusto, Cuíca de Santo Amaro e Rodolpho Coelho Cavalcanti. Dela também sumiram os engraxates [...]. ¹⁸²

¹⁸⁰ CARVALHO, Jehová de. Sem Sutursa como será o chute turístico? *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 02 fev.1973.

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² CARVALHO, Jehová de. Da praça/ dos cegos/ do camelo. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 7-8 out.1973.

Jehová, ao fazer um passeio pela cidade, vê as transformações, associando lugares a pessoas, numa intimidade poética singular. Assim, como o autor assevera:

as caras conhecidas estão desaparecendo na impessoalidade do povo, todo ele desgravatado, sem meias pretas, paletó, gravata borboleta, chapéu de aba larga ou saias compridas, sapatos à Luis XV, fita no cabelo, flor roxa na gola do vestido. Parece uma gente nova nascida na festa de outras gerações que, aos poucos, se recolheram à varanda por haver perdido seu lugar na alegria coletiva. Depois, a plástica que se opera nas avenidas [...].¹⁸³

Em linguagem extremamente bem cuidada, plena de metáforas e sugestões, lamenta a mudança no vestir, no agir das pessoas. Salvador dos saveiros, dos mercados, da boêmia, de artistas, personagens populares e de suas ruas não se configura de maneira saudosista apenas para o cronista, como ele faz questão de observar, ao dizer:

Antonio Moreira, com aquele seu jeitão aberto de tomar atitudes, me traz à mesa uma figura importante de Portugal: o secretário de Turismo de Porto. O homem queria saber sobre a Bahia. O homem queria saber sobre a Bahia. Mas, a Bahia de antes dessas transformações urbanas. Afinal, ele é também um professor de Belas Artes estava a sofrer o que tenho denominado de dilapidação do patrimônio arquitetônico baiano. Falei-lhe das ruas que ainda conservam alguma coisa de feição antiga.¹⁸⁴

A palavra “sofrer”, designa um estado, um sentimento de dor, que não é provocado por conflito entre duas pessoas ou uma doença, mas por uma cidade que perde sua face antiga, essa cidade é de alguma forma o significado de sua existência. A rua e as pessoas deixam de ser sua referência quando não mais as reconhece em razão de tantas alterações, como ele afirma:

Sofro eu. Sofremos todos os que, mesmo sem as obrigações do trabalho, cruzamos becos e praças, numa ânsia de liberdade que macrópole não permite ela a grande carcereira da gente que não a conhecia. Digo isso porque, ontem, havendo de cumprir certo trajeto antigo em meus passos, quase me perdia até encontrar o ponto a que

¹⁸³ CARVALHO, Jehová de. Que busca sem graça e cheia de surpresa. *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 18 abril 1973.

¹⁸⁴ _____. Crônica: Meia hora de Bahia na mesa do Moreira. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 20 set. 1973.

me destinava. As velas de antes estavam sepultadas sob aterros de um parque de estacionamento.¹⁸⁵

Jehová se refere a Salvador como a *macrópole carcereira*, expressão que encerra ironia e sarcasmo, na medida em que sugere que, em sua grandiosidade, encarcera seus habitantes, inclusive ele, que não mais a reconhece. Assim ele afirma: “Tenho toda uma ternura pelas coisas antigas e me dói mesmo ouvir do pessoal pra frente aquela conhecida e demolidora expressão: ‘Já era’ para efeito de classificação do que foi passando.”¹⁸⁶

Jehová foi o cronista da cidade popular, trazendo consigo uma postura de resistência contra valores morais conservadores, ordens e retóricas preestabelecidas, mas se contradizia, ao não entender a dialética social e do espaço. Esse sentimento pertence a muitos escritores que viveram a transformação de suas cidades. Charles Baudelaire escreveu, no seu livro *As flores do mal*, um poema intitulado “O Cisne” focando a Paris desfigurada pelo progresso.

Salvador também mudou, mas o amor que o cronista tinha pela cidade entra em crise; desamor, assombro, estranhamento por conta desse novo que absorve as pessoas do presente progresso. Por conta dessa realidade, exila-se nas palavras, nas suas crônicas de negação dessa metamorfose urbana e continua a transitar nessas ruas, porém apartado das massas humanas enfeitadas pelas lojas, luzes de neon e o glamour da modernidade.

A transição da cidade será, para o cronista, a lógica do duplo, da realidade *versus* a sua falta de entendimento do monstro que consome objetos e mata poesia, poetas, artistas, trabalhadores e uma vida mais humanizada e menos corrida. Quando os jornalistas ou intelectuais não mais se reúnem no “café da Bernadete ou na Livraria Civilização Brasileira”¹⁸⁷, para discutirem sobre acontecimentos políticos, sociais e literatura, a sensação de estranhamento o leva definitivamente a acreditar que os bons tempos se foram, e a cidade das letras e da cultura deram lugar a uma “outra” Salvador.

¹⁸⁵ CARVALHO, Jehová de. Que busca sem graça e cheia de surpresa. *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 18 abril 1973.

¹⁸⁶ _____. A gaveta guardei-a na verdade. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 3, 21 jan.1972.

¹⁸⁷ _____. Mudaram de cor as tardes baianas. *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 16 fev. 1973.

3.3 A CIDADE LITERÁRIA

Apesar de o cronista rejeitar o progresso urbano, ele percebia que existia no seio de toda essa turbulência uma cidade literária que já se apresentava para ele desde a década de 1950. Jehová, um estudioso da história da literatura baiana, traz na sua coluna “Velha e Nova Bahia”, no *Jornal Diário de Notícias*, a crônica “A Bahia e os efeitos de vinte e dois”, um breve comentário da influência do movimento da Semana de Arte Moderna de São Paulo em alguns estados do Brasil, em especial na Bahia, em 1927. Essa inovação ou “revolução” no mundo das letras atingiu seu ápice de fato:

só a partir de 1950, é que, com o Caleidoscópio de Heron de Alencar, na “A Tarde”, ele professor de Literatura da Faculdade de Filosofia, é que as bases da Semana foram tomadas por expressiva área da intelectualidade local, no romance, no jornalismo, na poesia (Wilson Rocha e Jair Gramacho) e, sobretudo, as artes plásticas com a volta da Europa de artistas como Mário Cravo Júnior e Carlos Bastos, respaldadas por Caribé. Aí era o Caderno da Bahia, movimento articulado por estes e Claudio Tavares e cujo principal momento foi o seu livro “Pássaro de Sangue”, a negação de tudo quanto se fazia, nessa terra, em termos de poema. E foi da progressão de Carlos Chiacchio, com sua Ala das Letras e das Artes que vimos a “Geração Mapa”, o surgimento de intelectuais como Florisvaldo Matos e sua nova poesia política; Glauber Rocha e seu cinema protesto; José Maria e sua gravura-denúncia. Chegou tarde aqui a Semana de Vinte e Dois; mas, isso feito, abalou a inteligência nacional. Sem baianismos.¹⁸⁸

Vários escritores baianos tiveram uma grande importância no sentido de fomentar e apoiar esse período no campo da poesia, romance, contos, novelas e crônicas, assim como fez Vasconcelos Maia.¹⁸⁹ Era o momento político que cruzava com os movimentos culturais, quando se exaltava o nacionalismo de cunho socialista, que buscava valorizar suas raízes e a situação dos menos favorecidos socialmente. Essa tendência político-cultural se fortalece no Estado

¹⁸⁸ CARVALHO, Jehová de de. A Bahia e os efeitos de vinte e dois. *Diário de Notícias*, Salvador, 1º mar. 1972. Caderno 1, p. 4.

¹⁸⁹ Escritor e jornalista baiano. “fundou e dirigiu, com os mais novos e expressivos nomes da cena cultural de Salvador, a revista de cunho modernista, cujo objetivo era implementar a vida intelectual de Salvador dentro do clima de pós-guerra e dar uma ressignificação identitária para a Bahia. Caderno da Bahia: revista de cultura e divulgação, como se intitulava, foi publicada, pela primeira vez, em agosto de 1948, por um grupo de escritores locais para que tivessem um canal próprio de expressão. De cunho social, a revista divulgava a cultura popular, tratava da questão do negro, o caldo cultural de uma Salvador que, então, buscava sua identidade [...]”. SOARES, Edna Maria Viana. *Uma cidade dia sim, dia não. Salvador nas crônicas de Vasconcelos Maia-1958/1964*. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) -Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010. p.18.

da Bahia e ganha novos ares em 1960, quando foi realizado o I Festival de Literatura e Arte da Bahia, que deu ao público a possibilidade de conhecer livros de antigos escritores e estreantes no campo das letras, do teatro e das artes em geral. As Universidades e o Museu e Arte Moderna foram os acolhedores desse evento no Estado. Segundo Daniel de Oliveira,

Nos jardins do Teatro Castro Alves reuniram-se os escritores residentes na Bahia e os escritores baianos famosos no sul do país, para juntos autografarem seus livros em benefício da campanha do menor abandonado. Vieram os escritores baianos do Rio e de São Paulo e entre eles havia quem não voltasse à Bahia há trinta anos. Foi um encontro cordial e comovente. Todos os grandes nomes da nossa literatura ali se encontravam, ao lado dos escritores jovens, e o público que compareceu em massa comprou livros de uns e de outros, num total de mais de mil volumes e de mais de quatrocentos mil cruzeiros. Foram recordistas de vendas: Vasconcelos Maia, cujo livro de crônicas foi lançado no Festival, Jorge Amado, com apenas três dos seus livros, estando os demais esgotados, e o governador Juraci Magalhães, com seu volume *Minha Vida Política na Bahia*.¹⁹⁰

Diversas manifestações, contos, poesias, ensaios e crônicas tiveram destaque nesse Festival de Literatura e Artes da Bahia.

Muitos dos escritores resolveram assumir posições ideológicas de esquerda, fazendo denúncias, participando de movimentos sociais, usando a literatura como forma de protesto diante dos problemas que afligiam os mais carentes. Ainda por volta dos anos 1970, os grupos culturais se faziam presentes ao declamar poesias, pintar, esculpir, dançar e escrever sobre o universo africano e a cultura popular.

O ambiente literário era também pleno de altercações e vaidades intelectuais e mostrava relação direta com a posição social que cada um ocupava na sociedade e sua conduta comportamental no espaço da cidade. O campo das letras e das artes em Salvador estava dividido por facções que se diferenciavam: de um lado, poetas, romancistas e cronistas rebeldes; e, de outro, os mais tradicionais.

¹⁹⁰ OLIVEIRA, Daniel. Bahia. *A viagem dos argonautas*. Salvador, 2010, p.1. Disponível em: <http://aviagemdosargonautas.net/2012/08/10/bahia-por-daniel-de-oliveira/>, acesso em 8 out. 2012.

Surgiu na cidade uma importante feira de livro que Jehovah terminou por dar visibilidade em sua crônica “Do gênio baiano na feira do livro”¹⁹¹, ao comentar, por conta de ter ouvido, na mesa de bar, o escritor e jornalista Rui Espinheira falar sobre o evento, “[...] instalada quinta-feira passada no Belvedere da Sé [...]”¹⁹², que reuniu muitos letrados.

Soma-se a isso o papel da Biblioteca Pública do Estado que teve

momentos em que chegou a sair de sua limitada destinação de depósito de livros para consultas para assumir a dimensão de organismo propulsor do movimento artístico-literário da Bahia de 1960, com exposições dos nossos maiores plásticos entre os quais Juarez Paraíso, Leonardo Alencar, José Maria, Adam Finerkaes, Udo, Yeda Maria e a divulgação de grandes ficcionistas e poetas como José Benjamin, Noênio Spínola, Ildasio Tavares, Anísio Melhor, conforme bem o documentou a “Revista da Bahia” pela mesma Biblioteca editada. Foi sua fase áurea, imposta pela dinâmica de Péricles Diniz Gonçalves.¹⁹³

A cidade, aos olhos de Jehovah, transpirava criação, nascida de qualquer lugar. Era o tempo dos poetas que versejavam versos nos saraus e cantavam fados, como conta Jehovah:

Egas Moniz Barreto de Aragão, então diretor do Instituto de Criminalística da Secretaria de Segurança Pública, recitava poemas da autoria de seu famoso pai, Pethion de Vilar. À sua direita, o Delegado Adelino Carvalho. Na cabeceira, o poeta João Muniz. O restaurante Porto vivia, mais uma vez, um dia de vinho branco. Moreira, o proprietário, cantava fados [...] ¹⁹⁴

Já em outra crônica, narra: “E Murilo declamava versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenatas de fado nas noites de Évora [...]”¹⁹⁵, e na crônica “Esta rua nossa de cada dia”, afirma:

¹⁹¹ CARVALHO, Jehovah de. Do gênio baiano na feira do livro. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 30-31 jul. 1972.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ CARVALHO, Jehovah de. De ficar no asfalto o barroco tremendo na canícula. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 9 out. 1972.

¹⁹⁴ _____. Falta uma alegria no meio-dia do Porto. In: _____. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 26.

¹⁹⁵ _____. Quem fez distante o olhar da nega arara? *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 109.

Sob o Edifício Eduardo de Moraes, erguido para homenagear um expoente da Medicina baiana, estão... os versos declamados por Carlos Benjamin de Viveiros... E, bem depois, os poemas agrários de Florisval Matos, parnasiano... as soluções políticas encontradas por Antonio Balbino, Rui Santos, Heitor Dias, Antonio Carlos Magalhães, tudo à galhofa do cronista Raimundo Reis. Isso - os versos, os diálogos políticos, a discussão em torno da doutrina jurídica- [...].¹⁹⁶

Salvador vai, assim, sendo mapeada pelo cronista, apontando os lugares em que as manifestações literárias populares se faziam presentes através dos atores da palavra, como o cordelista José Gomes, conhecido como Cuíca de Santo Amaro, que escrevia versos, mandava imprimi-los e vendia durante seus recitais:

À época de Cuíca de Santo Amaro, a literatura de cordel funcionava como um jornal do povo. Lendo os folhetos obtinha-se informação dos fatos que aconteciam na cidade. Em seus versos, o poeta tornava públicas as histórias ocorridas nos bastidores da sociedade baiana [...].¹⁹⁷

Jehová mergulhava na literatura das calçadas, ao conviver ao lado de escritores de rua, trazendo uma parte da riqueza da cidade literária quando escrevia sobre ela, como pode ser lido na crônica “O anônimo itinerário de um homem sofrido”:

Se lhes falo de José Augusto, pouco interessaria o meu falar. Ora, José Augusto! E daí? Quantos José Augusto existem neste Brasil afora! Mas este é Zé Augusto cuja vida, ao menos nos últimos vinte anos, entre o Terreiro de Jesus e o Alto de Santana, toda ela de amor à cidade que ele, utilizando-se mal de linguagem alheia, chamava de “negra de peitos fartos”. Quando Cuíca de Santo Amaro e Rodolfo Coelho Cavalcanti recitavam suas trovas – o primeiro, à porta do Elevador Lacerda e o segundo, em frente ao Plano Inclinado, no Comércio – falando da vida alheia, criticando políticos ou os que versavam em torno da superioridade do homem sobre a mulher, José Augusto, magro, declamava, em frente à Catedral Basílica, suas loas à Bahia, “amor que trago nos nervos, governado o coração”.¹⁹⁸

¹⁹⁶ CARVALHO, Jehová de. Crônica: Esta rua nossa de cada dia. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 151-152.

¹⁹⁷ Matéria Cuíca de Santo Amaro. *A Tarde*: Salvador, p.8, 25 mar. 2007.

¹⁹⁸ CARVALHO, Jehová de. O anônimo itinerário de um homem sofrido. In: _____. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 116.

A crônica tem uma densidade centrada na condição humana de “Zé”, que faz o cronista perceber a poética existencial desse escritor, reverenciando-o. Também exalta o pintor baiano Ângelo Roberto, considerado:

um dos maiores pintores do país [...] Ângelo pinta como o rio corre para o mar, a criança nasce, o homem morre [...] Ano passado, falei de seus cavalos que avançam, em disparada, além das telas [...] Exibiu-se na Galeria de Arte da Bahia, naquela mesma Pousada da Praia [...].¹⁹⁹

Essa vai ser uma das tarefas do cronista: trazer para o panorama da cultura baiana pessoas que viveram nos espaços da cidade, transformando-a em cenário de beleza, história e arte. Ele fez ver que a literatura e as artes estavam presentes no coração de alguns cidadãos, porta-vozes de um tempo poético e musical, que marcou a cultura baiana.

Antonio Risério, ao escrever sobre a história da Bahia, acredita que:

Num sentido mais amplo, a modernidade estético-intelectual teve, em terras baianas, uma rede de irrigação mais vasta e emaranhada, passando por bares, cursos, clubes de cinema, suplementos jornalísticos, etc. Para melhor entender essa circunstância da história da cultura na Cidade da Bahia e seu Recôncavo, devemos levar em conta dois processos fundamentais – e simultâneos. De uma parte, o entrelaçamento da cultura boêmia e da cultura universitária [...] E essa inexistência de um “cordon sanitaire” entre o campus e a praça, a escola e a rua, o bar e o gabinete, enriqueceu, como não poderia deixar de ser, o circuito diário dos signos.²⁰⁰

Para Jehová, a década de 1970 em Salvador, “marcava, definitivamente o fim da rima rica e do verso escondido por estas plagas da Bahia tão afastada das repercussões da Semana de Arte de São Paulo.”²⁰¹

A literatura e as artes passaram a despertar na alma dos cidadãos a possibilidade de pensar Salvador como um lugar possível de trazer e fazer com que seus moradores atentassem para a mudança cultural que reforçava uma identidade regional urbana tendo essas manifestações como símbolos de registro identitário cultural. Tudo leva a crer que existia um sentimento, uma

¹⁹⁹ CARVALHO, Jehová de. Ângelo Roberto, o desenho que extrapola a moldura. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 28 jul. 1973.

²⁰⁰ RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004. p. 529.

²⁰¹ CARVALHO, Jehová de. O poeta de bronze no ocaso de hoje. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 18 maio 1973.

vontade de fazer com que a cultura fosse o maior produto social, podendo servir de exemplo para os baianos.

Assim, os apaixonados pela literatura definiam lugares para plantarem sementes de letras e um desses ambientes foi a Civilização Brasileira, onde buscavam novidades literárias, lembrando que os intelectuais baianos tinham uma produção bastante acentuada em Salvador nas décadas de 40 a 80 quando eram produzidos e editados livros de poesia, literatura, medicina, história dentre outros. Isto reflete a paixão pelo saber e pelas letras que eram respaldadas por algumas pequenas editoras baianas que neste momento histórico foram de fundamental importância no sentido de fomentar diversas publicações de escritores do estado.

3.4 CRÔNICAS NOTURNAS

As crônicas noturnas são o verdadeiro retrato do caminhar de Jehová na noite, fazendo do chão que pisava seu lugar sagrado, porque dele brotava criação. Pelas calçadas do Pelourinho, da Praça da Sé, Rua Chile, Rua da Ajuda, Ladeira da Montanha, Cidade Baixa, Jehová fazia o mapa boêmio, com paradas nos bares: Cantina da Lua, Colon, Cacique, Rumba Dancing, Anjo Azul, Guaraci e os prostíbulos 63, Pigalle, Maria da Vovó e tantos outros. Em cada passo os mistérios da noite revelam-se em palavras e crônica. As ruas labirínticas e repletas de ladeiras o fascinam porque era através delas que ele descrevia o cotidiano noturno, como um andarilho incorrigível apaixonado pela boêmia.

Salvador viveu seu auge da boêmia no início do século XX - na década de 20 -, prolongando-se até o final dos anos 80. Os escritores modernistas viveram intensamente a noite, assim como Jorge Amado, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, Dias da Costa, Clóvis Amorim, Aydano do Couto Ferraz, Walter da Silveira e Sosígenes e outros.²⁰²

Com a intenção de moralizar e “higienizar” a cidade o governo passou a proibir e a perseguir casas de mulherio, como disse Jehová de Carvalho

202 CID, Seixas. *Modernismo e tradicionalismo na Bahia Revista*. <http://jornadaonline.blogspot.com/2010/01/modernismo-e-tradicionismo-na-bahia.html>, acesso em 25 ago. 2010.

“fechamento de vagina” significou, para aqueles que dependiam desse movimento, um baque nas suas economias, profissionais como ambulantes, motoristas de praça, músicos, cantores e cantoras populares que trabalhavam na noite.

Essa era a Salvador que trazia no seu bojo a segregação social e a boêmia letrada. As mudanças econômicas e urbanas atingiram a vida boêmia tradicional de quem frequentava diversas casa noturnas, como o Tabaris e o Rumba, que foram fechadas em razão de novos espaços de diversão na orla marítima; a parte antiga da cidade que abrigava as casas de shows foi sendo abandonada. Sobre esse momento, comenta Jehová: “A cidade vivia a fase dos últimos dancings engolidos pelas buates e inferninhos que começam a aparecer [...]”²⁰³

Mas o que significa a noite para o cronista? Ela era definida como “uma estufa sem espaços. Tem as paredes de cores fortes, mas se abre para fora do tempo.”²⁰⁴ As metáforas permeiam a definição. “Noite estufa sem espaço”, significa que só ela cabe em si mesmo. “Paredes de cores fortes” embora pareça limitada o que prevalece na noite é a sua intensidade e “para fora do tempo” a noite extrapola o determinismo do seu horário, transpirando liberdade. Vivendo entre bares e boates, dialogando com amigos, desconhecidos, marginais e doutores a noite é apresentada, sentida e narrada de forma descomprometida, com uma linguagem própria da crônica, como afirma Antonio Candido, “de conversa fiada”²⁰⁵ que diverte, “atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”.²⁰⁶ A escrita da crônica não nasce “do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão.”²⁰⁷

É com essas características, em especial com a conversa fiada, que a noite se configura na crônica de Jehová, como pode ser constatada no trecho da narrativa abaixo:

²⁰³ CARVALHO, Jehová de. Salve os mestres alfaiates e sapateiros do carnaval baiano. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 24 fev.1973.

²⁰⁴ _____. Um brinde ao gesto enigmático ou a crônicas da identidade desconhecida. *A Tarde*, Salvador, p. 6, 28 nov.1974.

²⁰⁵ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.20

²⁰⁶ Ibid., p.19.

²⁰⁷ Ibid., p.14.

A noite se inicia entre nós. Entre os trechos de razões finais da defesa, denúncias e pronúncias duas garrafas de cerveja e uma piada sobre bacharel falamos dos que estão em nosso amor perdulário dos que lhe fogem no que o poeta Almir Fonseca Filho que vai contrair casamento no dia 31 próximo denomina de processo, recesso, mil coisas de desrazão [...]²⁰⁸

A intenção do autor é colocar de lado a seriedade que compõe esse cotidiano, procurando entender que nele nasce uma rede de comunicação solidária, onde o convívio e a proximidade com os boêmios que tem a “responsabilidade” de divulgar toda e qualquer notícia, principalmente quando se refere aos notívagos, como o autor apresenta nessa crônica:

De repente, a notícia correu todos os conhecidos recantos da noite do centro da cidade: Lauro Soares, o leiloeiro, presença certa no Carijó, para uísque servido na forma que ele denomina de “cow boy” [...] foi atropelado no Beco de Maria Paz. Garçons, cozinheiros, motoristas de taxi, estudantes, músicos [...] e integrantes do mundo feminino que decoram nossas madrugadas tomaram o caminho do Pronto Socorro, sob angustiante expectativa: a possível morte do boêmio de fim de semana [...]²⁰⁹

O espaço se coloca para o cronista como imagem particular do mundo solidário. Esse é revelado pelo caminho da crônica, que traz em si aspecto de uma realidade pessoal, mais humana e terna, descrita pelo imaginário e pela memória do cronista em um determinado tempo da cidade. O cronista e a cidade tornam-se, assim, cúmplices porque a vida noturna desvenda, com instantes ricos, seres humanos que se revelam comprometidos com a noite e seus semelhantes.

Assim a noite vai ganhando vida, romantismo, poesia, passando a se constituir como fonte de inspiração e revelação de almas ligadas com a boêmia das letras, onde poemas são recitados nas mesas de bar.

O cronista se mostra consciente de seu irrecusável estatuto de intérprete e revelador da vida urbana noturna, focando a riqueza, oriunda da palavra poética, de poetas de ocasião que surgem e nascem nas madrugadas, agregando as diversas classes sociais que se identificam com o que está sendo recitado. O que se encontra imerso e camuflado nas vias urbanas se transforma ao som das palavras:

²⁰⁸ CARVALHO, Jehová de. Do advogado, do amor e da desrazão. *A Tarde*, Salvador, p. 9, 14 mar.1973.

²⁰⁹ _____. *A Tarde*, 05 de abril de 1971, p.10.

O antigo bar do Cruzeiro de São Francisco parece uma festa. A voz metálica de Tude Celestino de Souza repete os versos de forma parnasiana, ingênuos em sua construção e no trato do conteúdo firmado nas grandes paixões, nos desamores, nos que povoam os bares com seus sofrimentos escondidos. Algumas prostitutas se aproximam, timidamente, atraídos, talvez pela poesia que é, na verdade, uma projeção de suas tragédias noturnas.

– E eu gosto dela é com defeito e tudo. Assim, termina ele o seu soneto sob o título: “Bernadete, Oração das sete.” Foi na Rua da Oração, número sete, reino de Bernadete, que o conheci [...] ²¹⁰

O autor sinaliza lugares da cidade trilhada pela boêmia, tais como o “bar do Cruzeiro de São Francisco”, localizado no Terreiro de Jesus no centro histórico, que era vizinho das casas de tolerância. Nem por isso deixava de ser um ambiente literário, regado de recitais poéticos. Esse ponto da cidade era considerado pelo cronista o maior local de encontros dos apaixonados pela noite:

Havia uma lua baixa no céu do Terreiro. No céu Terreiro, sim. Porque quando se penetra à noite nesse antigo sítio principal da cidade, parece que o resto dela não existe. É um mundo novo-velho que se passa a viver com vontade de que o tempo não seja tão potente para lhe retirar a beleza [...] ²¹¹

A metáfora permeia o início da narrativa: o céu noturno pertence apenas ao Terreiro, a lua clareava a beleza histórica e colonial daquele lugar que se diferencia do resto da cidade porque guardava em si uma tradição. O cronista não percebe a vida noturna apenas como romântica, mas faz uma leitura das alterações existentes nesse trecho da cidade:

As lâmpadas, não somente do Terreiro, mas também do Cruzeiro de São Francisco andam rareando suas iluminações. Os toxicômanos do bas fond ao redor danificam-nas, para que melhor se sustentem nos postes e puxem o “básico”, a erva que renova os sonhos de uma vida que a realidade lhes nega [...] ²¹²

Essa é a crônica sociológica, que agora se apresenta assumindo o seu papel de negação à imparcialidade, porque o cronista entende que a realidade é dotada de tensões. Por outro lado, encontramos com o “eu” do autor, em razão da sua escrita, que se apresentar na primeira pessoa, o que

²¹⁰ CARVALHO, Jehová de. *A Tarde*, Salvador, 26 de agosto de 1971. p.14

²¹¹ _____. *Bebeu o sangue da noite. A Tarde*, Salvador, p. 14, 30 jul.1971.

²¹² *Ibid.*

consequentemente instala uma comunicação entre ele e o leitor. Outro ponto ligado à escrita é a informalidade da narrativa, possibilitando uma aproximação com o mundo real.

Sendo o cronista um analista do momento vivido, Jehová, por conta de suas experiências no mundo boêmio, também refletia sobre o cotidiano diversificado, fosse ele trágico, alegre, político ou romântico, como é possível constatar na crônica “Fados perseguem minha noite”:

O professor Pedro Dias está só, sentado com sua tristeza, no compartimento do centro, a rabiscar um poema que fala de Margarida uma bailarina que se vestia de escumilha e pisava sobre meus sonhos e que sempre terminava suas exibições no Pálace Hotel cantando um fado que lembrava uma vendedora de flores de Alfama. – Quem é essa Margarida, professor? - Todas as mulheres que a madrugada acolhe. É quase um símbolo de um mundo que vive sobre outro mundo. E por falar em flores, a mulher dos olhos verdes recebe, na buate Ogum, rosas vermelhas e cravos barrocos das mãos do guapo cavalheiro Gamboa, uma doação lusitana às madrugadas barrocas da Bahia.²¹³

A poesia ditava a noite, paralela à nostalgia que se fazia presente na boêmia quando uma casa noturna fechava suas portas, como aconteceu com a “Bahiana”, onde se provava e “saboreava o vatapá e o peixe de moqueca de Dona Ana.”²¹⁴ Escreve o cronista:

Naquela noite em que Thomas Von Dieck anunciou a despedida da “Bahiana” uma grande tristeza tomou conta dos seus fregueses. De logo, organizaram “o momento da saudade”. Ouviu-se o violão de Edvaldo Araujo [...] Rui Espinheira Filho e Carlos Sampaio fizeram verdadeiro recital de poesias algumas delas publicadas posteriormente em “Cordel” [...] Nilda Spencer e Zenaide sob os olhares de estupefação do esposo Frances Bernard improvisaram um quadro cômico [...] Houve até lágrimas [...]²¹⁵

Suas crônicas revelam a cidade letrada, onde pessoas comungavam os mesmos interesses, construindo instantes literários e redes de solidariedade. Assim, a cidade noturna é representada pelo autor como lugar de criação, inspiração poética e de amizade.

²¹³ CARVALHO, Jehová de. *A Tarde*, Salvador, p.11, 25 set. 1971.

²¹⁴ _____. *A Tarde*, Salvador, p.9,15 abril 1971.

²¹⁵ _____. *A Tarde*, Salvador, p. 9, 15 abril 1971.

3.5 MULHERES URBANAS

Nas crônicas de Jehová de Carvalho aparecem variadas histórias femininas, baseadas nas muitas mulheres que conheceu ao transitar pelos bares, ruas e boates da cidade. Pode-se entender que a cidade das mulheres é representada, nas crônicas, como lugar para se viver, trabalhar e sofrer.

A crônica “O verso é a viagem da loucura” se desenrola em um dos espaços de Salvador, conhecido como Buate Seixante:

Sentada sobre a pista, a moça da estola branca inicia, sem que seja autorizada, um recital de poemas que a todos entenece: fica-te aí perdida na memória o sempre adormecida. E vem os versos de Anísio Melhor, o poema dos Socavões da loucura. A noite favorece os grandes rumos da mente. Aqueles que nunca imaginamos traçar. Os que jamais incluímos na pauta de nossas andanças. Tive, de repente, uma vontade irresistível de conhecer, de perto Virgilina Almeida, a mulher de 20 anos que passeava sua solidão na avenida de contorno e, em dado momento decidiu assassinar, a pauladas, um casal que dormia por ali nas proximidades da maloca em que ela passou alguns meses a morar [...] Tem rosto tomado de muito cansaço. Minha presença não a intranqüiliza. – Como vai Virgilina? – Vou assim, assim. Conversando sempre com meus espíritos. [...] Vou fazer aqui um jardim. Vou também cercá-lo com grade de ferro. Um jardim só pra mim, sabe?
Há muito anos não me sento nos bancos do jardim da Piedade. Foi Virgilina que, sem o saber, me deu a ideia. Aqui onde há séculos, muito sangue foi derramado, na Revolução dos Alfaiates, me traz a paz de que eu preciso para empreender novas andanças²¹⁶.

No início do parágrafo nos deparamos com a imagem de uma mulher que não obedecendo às normas da casa noturna, começa a declamar. Essa construção própria do gênero literário, que transita entre a ficção e a realidade, rica em lirismo, foi a “chave” que o cronista usou para se reportar a Virgilina, possuidora de distúrbios mentais que depois de assassinar um casal que dormia na calçada, fez das ruas seu palco de encenação de uma tragédia real.

Outras mulheres vão tecendo suas vidas em tom dramático, como Cláudia, estudante de medicina, que com apenas dezenove anos de idade opta pelo suicídio. O cronista deixa uma interrogação na cabeça dos leitores: Por que uma pessoa tão jovem se matou? Os motivos não são expostos, mas Jehová aparece no texto, misturando ficção com realidade, não aceitando a

²¹⁶ CARVALHO, Jehová de. *A Tarde*, Salvador, p.15, 30 ago.1971.

escolha da jovem, justamente por ser ele a favor de enfrentar todos os percalços que a vida impõe:

- Me deixem fazer o que eu quero. Quero voar. E havendo dito isso, atirou-se sobre a mesa para o piso do cantinho da cortiça, aí onde todos eles, isto é, os do grupo de Cláudia, se apertam. Ninguém gritou. Para que serve o grito se a opção dolorosa e ridícula daquela menina de dezenove anos, estudante de Medicina, era, no seu entender, uma opção necessária ao desespero racional de que se tomou toda a ordem nervosa que lhe corre o corpo [...] – Gente, leve a Cláudia ao reino de Spirus. Ela não pode voltar à terra. Aqui ninguém a compreenderá como deve ser compreendida uma Cláudia.²¹⁷

Virgília e Cláudia são histórias diferentes, porém, iguais na fraqueza; nenhuma das duas tem forças suficientes para encontrar outros rumos para suas vidas. O cenário onde a vida de ambas se desenrola é a cidade de Salvador. Essa é vista, sentida e vivenciada pelo cronista, passando a se constituir como fonte específica de coleta de tensões existenciais femininas. Ou seja, a cidade se constitui como objeto de estudo, que termina por se transformar em literatura. Ela assume, portanto, o papel de co-protagonista das crônicas, incorporando todas as características de um local propício aos conflitos e tensões psicológicas.

As personagens vão se configurando de múltiplas formas, em uma época em que a mulher não possuía tanta liberdade, se comparada aos dias atuais. Mesmo assim, algumas ousavam marchar de forma livre dentro de uma sociedade que lhes impunha submissão e subserviência ao homem. Como foi o caso de Norma, que seguia transgredindo, exercitando sua liberdade e, ao mesmo tempo, expressando o conflito existencial que a acompanhava:

Quando eu a conheci, Norma ela tinha vinte e seis anos frequentava a Sala de Chá do Palace Hotel. Sentava-se, sozinha, na mesa próxima à orquestra de Britinho para ouvir Thelma cantar “o meu mundo caiu”, de Maisa Matarazzo. Norma chorava [...] Tinha a impressão que Norma fugia sempre de alguma surpresa concebida em seu mundo, em sua voz assutada quando pedia o “dáiquiri” [...] Ontem, novamente, subi as escadas do casarão reformado onde ficava Norma. Marialva me disse: - [...] Norma morreu, de repente, foi sepultada esta manhã.²¹⁸

²¹⁷ CARVALHO, Jehová. Cláudia, a rainha do Reino de Spirus. In: *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 74.

²¹⁸ _____. Norma não abre mais a porta. *A Tarde*, Salvador, p. 10, 11 jun. 1971.

Muitas dessas mulheres não tinham tempo para romantismo ou problemas existenciais, típicos das moças de classe média, em razão das dificuldades que tinham de enfrentar todos os dias para se manterem vivas, como a prostituta Clélia, proprietária de casas de tolerância:

no Maciel de Cima, havendo amealhado centenas de dólar de soldados americanos, que durante a guerra, até 1945, enchiam nossas ruas, saindo da base Becker, resolveu mudar de ramo, sem perder o rumo: instalou, na chamada escadinha da misericórdia, um cabaré ao qual deu o seu nome: “O Clélia”. Assim, ela ficou famosa em Buenos Aires, Paris, Madri, no mundo inteiro, onde quer que houvesse um marinheiro vira-rumos, passageiros da Bahia.²¹⁹

A cidade nessa crônica adquire todas as características de um local propício à libertinagem e ao trabalho de uma prostituta. O cronista vai desenvolvendo toda uma narrativa, pontuando a importância do urbano na construção de retratos que fogem de perfis femininos subservientes, ingênuos; traz as mulheres marginalizadas, que, de uma forma ou de outra, são responsáveis por si mesmas.

Essas “atrizes” do cotidiano vão se perfilando nas crônicas com ar intrigante e misterioso, assim como a *Mulher de Roxo*, que se cobria da cabeça aos pés com roupas quase sempre de veludo roxo e gostava de ficar na Rua Chile, próxima às lojas como a Casa Sloper, pedindo “um dinheirinho” ou gritando: “Não quero ser mãe! Não quero ser mãe!”²²⁰, fazendo uma representação teatral em plena rua.

Essas mulheres surgem das lembranças do cronista, de instantes por ele vividos no cotidiano da cidade, como também aparece na crônica “Quem fez distante o olhar da Nega Arara”:

A Nega Arara foi, pra mim, um sábado interrogativo, no alto do sol quase escondido entre as árvores velhas da Praça Cayru e o casarão azulejado da esquina da Rua Portugal. Tenho o seu braço como um limite dos passos no passeio da antiga Alfândega. Fala-se, quero dizer falou-se das nuvens pesadas cuja tristeza descia os telhados das encostas da Montanha e Carmo às roupas sumárias das moças que se debruçavam nas paredes da escada do Mercado Modelo. Aqui estive D. Pedro de Alcântara – pensei eu. Na etapa que separa o samba de Dudu Dólar (Ô Calá lá lê lê/ou Cami lá lá) e a “doce

²¹⁹ CARVALHO, Jehová de. A noite antes do pintor. *A Tarde*, Salvador, p. 11, 30 jun.1971.

²²⁰ _____. Esta cidade é feita de dendê. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 25.

ilusão” de Fênix (batida afrodisíaca) das “orelhas de elefante” de Camafeu de Oxóssi, o Dr. Rômulo Serrano, o gentil-homem do Cardeal da Silva nas Procissões da Paixão, examina, numa carteira que ficou marcada no piso, alfarrábios fiscais, processos de sonegação de tributos aduaneiros prescritos no passado da Bahia dos bondes do motoneiro “linha 13” e da quituteira Mariana, na Rampa do Mercado anterior. Não lhe digo – a ela, a Nega Arara – que ali, na esquina do prédio de azulejos de que lhes dou Avelino, muito argentário e utilitarista que, quando vendia “orlofs” e “smirnofs” fiado, cobrava-os depois, três vezes mais elevados que também um poeta, conhecido por Murilo, que declamavam versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenas de fado nas noites de Évora. Mas Araci, tinha em silêncio os gestos, a voz, os olhos além dos sentidos como se atravessássemos as fronteiras de uma rua impalpável, cheia de casas, sob a atmosfera em poluição de fim de semana, vazias essas mesmas casas há milênios de História de luso-negritude. Não sei muito bem dessa senhora cujo afeto me aborda o itinerário, eu que não sei onde deixá-la à hora da chegada da madrugada.²²¹

Ao pontuar a importância da personagem, o cronista carrega a narrativa de lirismo, de emoção poética, para expressar o vazio, a dor de quem habita essa região, marcada pela pobreza generalizada de uma cidade que cantava a “modernidade” e os “direitos iguais”. A própria geografia do espaço foi delimitada pelo braço da Nega Arara, “como um limite dos passos no passeio da antiga Alfândega”. E, como uma viagem inesperada, o autor se desliga por alguns segundos da conversa e parte com suas lembranças para a história que separa o ontem e o agora de uma cidade com suas diferenças sociais e culturais. Ao retornar de suas lembranças sobre Salvador, encontra Araci “em silêncio”: um hiato se abriu entre ambos, possibilitando-lhes devaneios, um momento de interrogações para ambos. A crônica é mais do que um diálogo entre o cronista e a personagem. Eles estão ligados ao espaço repleto de imagens históricas, sociais, onde suas vidas se cruzam e são geradas naquele instante do encontro. Assim é que a cidade e os lugares para o cronista são a extensão do acontecer solidário, do viver prazeres e altercações no calor da coletividade onde lembranças são compartilhadas.

Os diversos episódios do cotidiano são transformados por Jehová em narrativas, em que mulheres reais se transformam em personagens que compõem um cenário ficcional, que sensibiliza o leitor para o universo que o rodeia. Tais mulheres se revelam pela coragem, luta, desespero e, ao mesmo

²²¹ CARVALHO, Jehová de. *A Tarde*, Salvador, p.13, 31 maio 1973.

tempo, melancolia. Assim, a forma como o cronista se apropria dos espaços da cidade, atribuindo-lhes conteúdos sociais que caracterizam a vida urbana de Salvador, aparecem carregadas de acontecimentos políticos, sociais, culturais e, principalmente, individuais.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou, inicialmente, conhecer a pessoa Jehová de Carvalho uma vez que entendemos que seria impossível compreender suas crônicas separadas do autor. Uma vez que cidade e cronista se interligam. No posfácio do livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*, Franco Barreto escreve: “Quanto a Jehová sua vida é um livro. Dono da cidade, de suas noites, duende amadiano, cantado e decantado pelos seus contemporâneos, Xangô de mil mulheres.”²²² Sendo “dono da cidade” era também da noite, vagando de bar em bar transformando a boêmia em poesia e crônicas. Nessas andanças buscava também se conhecer, como ele mesmo apresenta no “Soneto ponto final”

Andei demais, amigo.
 Andei jogando
 pedaços de mim a todo o lado
 a ponto de hoje trôpego e cansado
 viver passo por passo me encontrando.
 Cêdo parei de andar de vez. E quando
 eu me procuro e vejo assim parado
 os meus passos cobertos de passando
 penso que o tempo é que se vai parando.
 Meus pés ficaram atrás de mim. E escuro
 é o trilho acidentado do futuro
 onde falece a última esperança
 Daqueles que, como eu, ouvem sózinhos
 do coração de areia dos caminhos seus passos vacilantes de criança

²²³

A busca pelo autoconhecimento, bem como a falta de esperança no futuro marca a trajetória de vida de Jehová, filho do seu tempo, um ser social contaminado pelos acontecimentos históricos, leitor das ruas e do submundo, como pode ser constatado na poesia intitulada “Romaria Noturna”.

A noite ventre de aurora
 eterno imenso fecundo
 toca os seus cabelos negros
 no corpo exausto do mundo.
 Me larga sono me deixa
 que este murmúrio e este açoite

²²² CARVALHO, Jehová de. *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 175.

²²³ _____. Escrito no *Jornal da Bahia* em 03/1960.

levam a noite de minh'alma
a alma negra da noite.
escuto meu passo de ontem
que me apavora e me assombra
errando como um duende perdido dentro da sombra
Há um gemido incontido
que sobre o asfalto
flutua antigas dores do tempo
n'alma de pedra da rua
No preço de uma cachaça
do copo de João Saul
há balanços de saveiros
e sopros de vento sul
e noites de pescaria
e curriacos-tucus
rompendo o peito das águas
mordido de guaiamus
No preço
Tudo marcam modorrentos
estes meus dedos noturnos
Momentos de cabarés
com lantejoulas chinesas
e girândolas tremendo
com reticências acesas
E tristezas volitando
candelabros intagidos
vacilantes e pendentes
de tetos inconcebidos.
Trompetes embriagados se arrastando nas escalas
chorando ritmos loucos
que repercutem nas salas.
Tudo marcam modorrentos
estes meus dedos noturnos.
Mas no quarto de Clarice
há saudades masculinas
que se escondem nos tecidos
de avermelhados cortinas
E o nome de um marinheiro
cheio de ausência e viagem
sobre as tetas de Clarice
cobertas de tatuagem.
Boquinha traz duas pernas da maldita; não demora
que a erva é na preguiça
mas só gimbra até dez horas
Meia noite, mês passado
houve uns esp'ritos por lá
de zarro se espantaram
mas foi esbirro fechar.
O que tem não me endoidece
porque esta perna é minha.
Tou nas bocas não se esquece
mas vai depressa Boquinha.
No bolso da calça curta
de Boquinha não há pão.
mas, um baralho escondido
num maço de papelão.
E cedo no bando afoito
de outros moleques fregueses
do crime apostas nas chapas
dos automóveis burgueses

Perambula depois deita
 Sobre um passeio qualquer
 até que a Bahia acorde do seu rico canapé.
 Na igreja de São Francisco
 cospe à face da anciã
 que ainda dorme coberta
 da fria paz da manhã.
 E enquanto a alma da igreja
 se inflama de incenso e prece
 romeira de outros caminhos
 minha esperança estremece.
 Ó noite! Ventre de
 aurora.
 Eterno. Imenso. Fecundo.
 Toca os teus cabelos negros
 no corpo exausto do mundo.²²⁴

Em suas andanças ele se recriava e assumia outros “eus” colocando, de lado o teólogo presbiteriano, vestindo-se de boêmio, cronista e abraçando o Candomblé como sua nova religião. Pode-se afirmar que o conflito religioso, formação protestante, praticante da religião africana (Candomblé) e frequentador, de ocasião, da Igreja Católica atravessam toda sua trajetória de vida. A culpa por carregar comportamento irreverente, boêmio e conquistador o leva a pedir a Deus perdão pelos seus atos.

Outros “eus” em choque dizem respeito às suas opções políticas. Nunca se sabe ao certo sua ideologia, que oscilava entre o comunismo, anarquismo ou outros grupos de direita. Sem sombra de dúvidas, foi militante político comunista de ocasião, que nas horas vagas ajoelhava-se aos pés dos orixás e das iaôs, contrariando Karl Marx que dizia que religião é o ópio do povo. “Comunista” tipicamente baiano que se vestia de branco para ir à Igreja do Bonfim e na calada da noite, fazia proselitismo nos prostíbulos.

Um outro ponto que precisa ser destacado, enquanto paradoxo, era o discurso a favor das mudanças sociais, porém quando se tratava das transformações e alterações para o desenvolvimento da cidade, dentro de uma proposta moderna no espaço urbano, o cronista se mostrava tradicionalista, negando veementemente qualquer alteração. O sim e o não, a permanência e a ruptura se debatiam nas reflexões e no mundo psicológico do cronista. E nesse mal estar consigo mesmo buscava se encontrar nas noites boêmias da cidade, aquilo que vivenciava na noite, servia de matéria para as suas crônicas.

²²⁴ CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969. p. 27.

Assim, Jehová de Carvalho se valia dos seus olhos, vivências e experiências para retratar o cotidiano, de forma apaixonada e tradicionalista; usava a caneta e o papel como instrumento de revelação daquilo que era observado. Dessa maneira, suas crônicas podem ser consideradas um acervo documental e histórico da cidade que passava por uma metamorfose urbana e cultural retratada literariamente por Jehová, em riqueza de detalhes como nenhum outro cronista baiano fez.

Conforme observamos, o desenvolvimento urbano e as alterações que se fizeram nos espaços, ruas e bairros não foram aceitos por Jehová. Para chamar atenção dos cidadãos, que essas modificações não eram apenas espaciais, mas, que traziam a destruição da tradição, da natureza, das relações sociais e de uma vida mais humana, utilizou-se do espaço conquistado na imprensa como meio de protesto. O cronista era um defensor dos menos favorecidos e ele temia que o progresso os afetasse.

Jorge Amado visualizava o comprometimento de Jehová com sua história e o povo, e escreveu:

No canto apaixonado de Jehová de Carvalho, encontro o homem e o mundo, sua dor, seu protesto, sua luta, “a aurora e sua mensagem rubra” e o amor “sobre o tempo e sobre a vida”. Seu canto de protesto não é simples arrumação de palavras nem demagogia nem generosa inconsciência: o poeta tem plena consciência de seu tempo e seu gesto nasce do conhecimento: “Não por ser jardineiro entregue a rosa a quem ame. Entrego-a a quem por amor continua o tempo havendo e põe o povo na aurora.”²²⁵

Ao descrever um fato, Jehová tomava partido, aparecia no texto dialogando quase sempre com pessoas do povo e criticando a política urbana que afetava a tradição baiana. Esse diálogo era apresentado sempre numa linguagem coloquial, simples, como uma espécie de relato que pode ser classificado como sentimental ou lírica.

Mesmo sendo a crônica um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e a literatura, a de Jehová consegue ser dotada de luz própria, trazendo o inusitado, o alegre, o sofrimento, as alterações sociais, com um tom e um texto que oscilam entre o real e o ficcional.

²²⁵ CARVALHO, Jehová de. *Um passo na noite*. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969. p. 5

Jehová não observava apenas o seu tempo mais a si mesmo, mergulhava no seu “eu”, externando sentimentos marcados por histórias pessoais pautadas pela sua existência em conflito com a sociedade que o rodeava. Dessa maneira, o gênero Ihe serviu perfeitamente, uma vez que delata a alma do cronista, não só através das suas palavras, mas também pela voz daqueles que toma como personagens: estes “atores” trazem identidades que se confundem com o do autor.

Jehová escreve sobre homens e mulheres dando a esses gêneros conotações diferentes. O masculino é dotado de crítica social, trabalho intenso, donos de si, ou seja, com traços próprios do universo masculino. Quanto às mulheres constata-se perfis múltiplos que estão relacionados, muitas vezes, a sua condição social. Algumas independentes, mas que vivem crises existenciais. Outras, apaixonadas, que morrem por amor. Quando se trata das mulheres humildes e prostitutas, a fragilidade, a dependência e a loucura marcam suas vidas. O cronista escreveu 22 crônicas tendo como tema as mulheres; muitas delas foram personagens que marcaram a vida baiana, como a Mulher de Roxo que virou peça de teatro. Lembrando também que outras nascem nos seus escritos como suas amantes ou simples companheiras noturnas.

Atualmente, o cronista, escritor e poeta Jehová de Carvalho ainda é um desconhecido junto à comunidade dita intelectual, acadêmica e a população leitora. Por falta de conhecimento, nada se menciona sobre ele.

Nas crônicas de Jehová, indivíduo, história e cotidiano se interligam, se correlacionam na teia humana que dão movimento e sentido à cidade. É nessa construção do social que a crônica se prende em um processo de relação mútua.

Com esses fragmentos de histórias de indivíduos, Jehová trabalhou, transformando-os não só em notícias, mas em seres que davam movimento e sentido a Salvador. As narrativas de algumas dessas crônicas contribuem para que leitores se transportem por enredos questionadores, hilariantes, e comoventes que tem como cenário a rua na qual Jehová era muitas vezes personagem.

O autor, ao descrever os personagens, toma partido, defende-os. Desse modo, a imparcialidade não é uma característica do narrador, posicionando-se

a favor dos excluídos. Assim, ele assume a estratégia de provocar o público leitor, como também levá-los a refletir sobre o social. Com isso percebemos toda a carga emotiva que tem, pois não pretende apenas contar uma simples história, mas levar o leitor a refletir sobre o personagem e o que ele pensa sobre a cidade.

Urbanização e tipos humanos são temática e preocupações próprias do cronista, que compreende a cidade, não como pano de fundo para moldurar os fatos que nela desenrolam, mas como lugar de sociabilidade, encontro e desarmonia. A cidade são os homens que a criam, a recriam e se fascina por ela. Como assevera Michel de Certeau: “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares.”²²⁶

O cronista se mostra aberto a dialogar com diversos tipos sociais, recolhendo histórias, observando pessoas e registrando situações das mais constrangedoras, excitantes e provocativas - tudo através de uma observação de quem joga com a vida e busca entender as diferenças e conflitos que delineiam a cidade, criando um equilíbrio entre o fato e o personagem.

Jehová foi um *flâneur*, vivia nas ruas, bares, prostíbulos, colhendo informações para assinalar em suas narrativas fatos que traziam a exclusão social, fazendo com que as crônicas não se afastassem de um tom político. Como disse Baudelaire:

Para o perfeito Flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde de quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito. O amador da vida faz do mundo a sua família, tal como o amador do belo sexo compõe sua família, com todas as belezas encontradas e encontráveis ou inencontráveis; tal como o amador de quadros vive numa sociedade encantada de sonhos pintados. Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade.²²⁷

²²⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 176.

²²⁷ BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade o pintor da vida moderna. *Rio de Janeiro: Paz e Terra*, 1988, p.18.

Jehová, “o amador da vida faz do mundo sua família [...] Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão [...]”²²⁸ sem receios ou medos se comunicava com grupos sociais, homens e mulheres do bas-fond, os colocando frente a frente com os seus leitores, os apresentando à cidade política dos desiguais.

Muitas de suas crônicas foram marcadas pela crítica social e política, publicadas nos momentos em que a cidade passava por uma transformação urbana, que destruiu espaços culturais antigos e casarios, criando uma nova linguagem da cidade que afetou os mais carentes e a cultura baiana. A negação do progresso, presente em muitas de suas crônicas, chega ao extremo, evocando uma tradição sem possibilidades que ela se reinvente, reformule e reincorpore outros valores. As metamorfoses urbanas para Jehová eram um ataque a cultura de um passado que ele traz apenas nas suas lembranças. O que é perceptível nas crônicas é o sentimento do cronista de pura nostalgia, uma saudade avassaladora de uma Salvador que falece por conta do desenvolvimento.

Por isso mesmo esse gênero literário, não deve ser pensado ou entendido como algo abstrato, desvinculado de um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas. Existe nele núcleos de problemas múltiplos e diferenciados presentes em uma sociedade que precisa externar suas mágoas, alegrias, amores e dificuldades de toda ordem. Portanto, fica nas mãos do contador de histórias, ou estórias, a tarefa de apresentar esses quadros, textos de indivíduos que dão sentido a vida e ao cotidiano. Ou seja, o trabalho do cronista “concebe-se como prática autônoma, capaz de dar uma razão de existência e até mesmo um modelo de vida.”²²⁹ Assim o cronista fica livre para criar ou se divertir narrando acontecimentos que estão presentes na cidade.

As crônicas de Jehová buscavam imprimir sentido também ao ambiente. Sua intenção é manter uma relação entre o homem e seu lugar com significações próprias, construindo um sentido identitário entre o espaço e as pessoas.

²²⁸ Ibid.

²²⁹ ANTELO, Raúl. João do Rio, Salomé. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992, p. 159.

Cidade e crônica em Jehová se constroem nesse processo de união para encontrarem múltiplas leituras, ganhando assim a tessitura da alma do escritor. Percebe-se também que as crônicas deixam escapar a crença nas opções de vida de cada tipo de indivíduo constituindo-se como uma prática de romper com valores tradicionais, apontando sempre na direção de uma ação contrária aos comportamentos considerados normais. Tudo acontecendo e sendo pensado no cotidiano e nos espaços de sociabilidade como um bar ou rua, conferindo assim sentidos existenciais, que trazem muitas vezes um tom dramático.

Jehová de Carvalho cronista (de) Salvador (1940-1980), título dessa tese, é a história do escritor e sua relação com a cidade e como ele a sente e representa. Por isso, acreditamos na importância desse estudo, que pretende tirar do anonimato um dos maiores cronistas da Bahia, o único no seu estilo rebelde de ser e de escrever.

Se Jehová estava esquecido, neste trabalho é lembrado, fazendo-o ressurgir com a intenção de aproximá-lo da sociedade baiana, da academia e de muitos pesquisadores sobre a cultura baiana. Assim esta pesquisa pretende chamar atenção para a necessidade de melhor conhecer a literatura baiana e seus diversos escritores, ainda não conhecidos por muitos.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentários**: ensaios sobre literatura experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, Gisele Pereira. **Exílio e memória nos contos de Cyro Martins**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. Rio de Janeiro: Record, 2004

CAMILOTTI, Virginia Célia. **João do Rio**: ideias sem lugar. Uberlândia: EDUFU, 2008.

CANDIDO, Antonio, CASTELLO, J. Aderaldo et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARDOSO, Joselina Alves. **Crônica literária no jornal**: história, estrutura e funcionamento. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In. CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, Jehová de. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

_____. **Memória da Cantina da Lua**. Salvador: EDUFBA: Câmara Municipal de Salvador, 1995.

_____. **Reinvenção do reino dos voduns**. Salvador: Ouro Negro, 1977.

_____. **Um passo na noite**. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969.

CERTEAU, Michel. **Artes de fazer**: a invenção do cotidiano. Petrópolis:

Vozes, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v 6. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v.6. Editora da UFF.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990. 2011.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LEJEUNE, Philippe. Pacto autobiográfico. In: **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LYRA, Helena Cavalcanti. BA-TA-CLAN. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas. SP: UNICAMP: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. **As faces cambiantes da crônica moreyriana**. 1977. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

MONTEIRO, Charles. História e memória da cidade nas crônicas de Aquiles Porto (1920-1940). **História Unisinos**, v. 8, n.10, jul./dez. 2004.

NEVES, Margarida Souza. História da crônica: a crônica da História. In: RESENDE, B. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

_____. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas. SP: UNICAMP: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso. Salvador: Calandra, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PINHEIRO, Délio; SILVA, Maria Auxiliadora (Org.). **Visões imaginárias da Cidade da Bahia**: um diálogo entre a geografia e a literatura. Salvador: ED UFBA, 2004.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: **Dimensões I**. Rio de Janeiro: José Olympio Editores, 1985.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

RODRIGUES, Maria Isabel Gomes. **A Crônica entre o Jornal e a Cidade**: Uma Mediação do Espaço Urbano 1. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

RUFFINI, Suseny Maia Teles. **O espaço urbano na literatura de cordel**: o olhar de Cuíca de Santo Amaro. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Milton. **O centro da Cidade de Salvador**: estudo de geografia urbana. 4.ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

SANTUCCI, Jane Celina. **Babélica urbe**: O Rio nas crônicas dos anos 20. 2012. 286 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SEIXAS, Jacy; MUYLEAERT, Joana. Introdução. In: CAMILOTTI, Virginia Célia. **João do Rio**: ideias sem lugar. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SILVA, Raimundo Dalvo da Costa. **Cotidiano, memória e tensões**: a trajetória artística das cantoras do rádio de Salvador – 1950-1964. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SOARES, Edna Maria Viana. **Uma cidade dia sim, dia não. Salvador nas crônicas de Vasconcelos Maia-1958/1964**. 2010. 162 f. Dissertação

(Mestrado em Estudos de Linguagens) -Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010.

SOUZA, Margarida Neves. História da crônica: a crônica da história. In: RESENDE, B. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

VASCONCELLOS, Eliane. **Lima Barreto**: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações*. Rio de Janeiro: Editora Unicamp,1992.

VIEIRA, Cunha Liberato. O que é crônica? **Vox**, Porto Alegre, ano 1, n. 4, fev. 2001.

ANEXO 1

MINHA BANDEIRA NACIONAL SOFRIDA E POBRE ²³⁰

Jehová de Carvalho

A professora Rosa Oliveira Magalhães pegou a Bandeira Nacional, desfraldou-a sobre a mesa da sala enorme, na qual se dividiam várias classes, e disse:

– Todos vão desenhar, agora, a bandeira, da posição em que a estejam vendo. Cuidado com as cores!

E tomei do lápis para lhe fazer os contornos. A escola era pobre. Da farda, só o escudo. Os pés, aliás a maioria dos pés, entrados em tamancos de madeira. Os livros tinham as marcas de várias mãos infantis e dezenas de assinaturas vacilantes. De modo que a bandeira, a minha primeira bandeira, com o azul invadindo a faixa branca em que se lia a legenda “Ordem e Progresso”, e o verde cobrindo o amarelo, foi uma bandeira feita sobre papel de embrulho, que a bondade do velho João Mariano, dono de um armazém na Rua Ruy Barbosa, enviava à Escola. Como as caixas de lápis em cores eram escassas, apliquei-lhe, a exemplo de muitos colegas, o princípio da combinação dos espectros, de modo que, misturando o amarelo com o azul, encontrei o verde.

Fui o primeiro a levar a mesa da professora o desenho da bandeira. Lembro-me que seu tecido já não era tão resistente como nos primeiros dias de inauguração da Escola, quando o prefeito Clóvis Araújo lhe repetiu a saudação de Olavo Bilac. Já o azul que, segundo a mestra simbolizava o céu, mostrava a costura com que se ligava ao ouro do losango central. Como a escola, pobre também era a bandeira. A que fiz ganhou o primeiro lugar. Acho que pelo fato de havê-la recriado. Ao invés de a estampar na forma como se encontrava na carteira da professora, coloquei-a na mão de colegial, sem sapatos como eu e os outros de minha classe.

Isso foi pela manhã. Era o Dia da Bandeira. À tarde, me surpreendi formado em coluna por uma, com ela levantada sobre os ombros. Jurei – e foi a primeira vez que jurei à Bandeira – carrega-la acima de minha cabeça como o fizeram os pais da República. Até cumprir o trajeto entre a Escola, na esquina da Rua da Lagoa e a Praça que tem, até hoje, o seu nome (quero dizer o nome da bandeira), fui Deodoro da Fonseca, fui Floriano Peixoto. Coloquei sobre o nariz pincenê do poeta que exaltou sua destinação e sua simbologia. Fui Rondon, ao fincá-la no Brasil Central, com sua postura de desbravador, conforme me mostrava o almanaque do Biotônico Fontoura. Fui pracinha, na guerra que Getúlio declarou contra o Nazismo, assaltando casamatas, pulando sobre pontos estratégicos. Tudo isso em meia hora de sonhos marciais.

A dezenove passado, meu filho, Jehová Junior, me atravessou o horário do trabalho com um caderno aberto e um pedido:

– Meu pai, me ajude a fazer aqui a bandeira do Brasil.

Pedi-lhe a caixa de lápis em cores e ele sorriu. Lápis já era. Tinha, sim, um papel especial em azul, verde e amarelo com que, em colagens, compunha o retângulo do Pavilhão. Confesso que não acertei coordenar os moldes. Escorregavam uns sobre os outros. Assim, quando se tentava removê-los nada mais se conseguia do que um rasgo no papel, prejudicando-lhe a superposição.

– Vai, senhor. Você nunca fez a bandeira em sua vida.

E sentou-se em sua cadeira, concentrado na tarefa da escola, bem diferente de minha escola interiorana. Não sabia que, embora iguais, a minha bandeira surrada pelos

²³⁰ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p.144.

ventos das montanhas era mais sofrida. Tenho-a nos alfarrábios mais escondidos da memória.

O TEMPO EM DOIS GESTOS NO RETRATO DE SANTOS DUMONT ²³¹

Jehová de Carvalho

A professora abriu o livro de História do Brasil, na sua carteira pobre de uma escola evangélica em Santa Maria da Vitória e me ordenou:

- Desenhe, sem decalcá-lo, o retrato desse homem aí, um grande brasileiro. Foi ele quem inventou o avião.

E eu fiquei olhando para a cara dele. Sujeito meio diferente com alguns traços do meu tio José, como seus irmãos um alfaiate metido a assimilar as conquistas da moda daquele tempo adotada nos grandes centros: o rosto ósseo, o nariz comprido, os olhos graúdos.

E me dei à arte de reproduzi-lo. O diabo era a dobra do chapéu. Porque chapéu mesmo eu sabia desenhar, tal qual o via, às dúzias, na loja do Quincas Athayde. De quebra ainda, com os recursos de sombras saídas da ponta do meu “crayon”, conseguia dar à aquela caída pedante que cobre a testa.

Pronto o trabalho em metade de uma folha de cartolina, confesso que não lhe enxerguei semelhança alguma com o original. Um, é claro era o Alberto Santos Dumont. E o outro nem com o meu tio José se parecia. Cheio de temores, levei-os à professora. E ela, sem alterar a voz, sentenciou:

- Meu filho, sente-se de novo. Faça outro Santos Dumont. Este aí é o Tião do Cartório e não o grande inventor. Veja que é para a exposição do fim do ano, agora.

Caprichei na feitura da nova reprodução. Mas dia da mostra os visitantes do salão olhavam todas as peças menos o meu Santos Dumont. Minha grande compensação foi que meu pai comprou retrato por dois mil reis de prata, pô-lo numa moldura, pendurando-a na parede da varanda de sua alfaiataria.

- Você pode se sentar aqui junto comigo pra ver como eu sei fazer o retrato do Santo Dumont.

É que a professora havia confiado a ele, meu filho, o mais moço, a tarefa de reproduzir Santos Dumont, também numa metade de folha de cartolina branca. Os lápis que ele usa são realmente diferente dos meus. São menos duros e não há madeira para envolve-los um leve papel plastificados os cobre. Ajeitou o papel. Deu início ao contorno do rosto de Santos Dumont. Fez-lhes os olhos. A boca, o nariz. Mas, as orelhas do inventor saíram tão grande que quase não cabiam no chapéu amassado com que cobriu a cabeça no vôo do 14-bis, em Paris.

- E para aula amanhã. Vai haver palestra na Escola sobre ele. Não acha com que com todo o cartaz que tem ele é feio demais?

Não lhe respondi. Beijando-o no rosto cheio de expectativas, tomo a pasta e ganhou a rua mal contendo a vontade de lhe dar dois cruzeiros pela peça que produziu, guardá-la entre objetos de minha estima. Não fosse trinta e sete anos que nos separa os gestos coincidências pendurá-la na parede de nossa casa pobre do Beco dos Cravos.

²³¹ CARVALHO, Jehová. O tempo em dois gestos no retrato de Santos Dumont. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 17 e 18 jun.1973.

MEMORIAL DO ANTIGO COLÉGIO²³²

Jehová de Carvalho

– Você está vindo a este Colégio da parte do Dr. Ricardo Waddell. Imite o exemplo dele e a Bahia será sua.

Nos sonhos dos quatorze anos, que incluíam, como pequenas metas, a Presidência da República, olhei-a na postura do tronco ereto, cabeça levemente inclinada para o ombro esquerdo, a voz firme e pausada. Era a mesma postura das fotografias do prospecto do Colégio Dois de Julho, ainda denominado de Ginásio Americano. O menino das várzeas e Santa Maria da Vitória descobria, na sua timidez de estrangeiro no sítio de paralelepípedo da cidade grande, um mundo novo. No prospecto, além dela e o marido, o Dr. Peter Garret Baker – que o folclore da casa carinhosamente chamava de Mister Baker, com histórias pouco reverentes, surgidas de seus primeiros momentos de contato com a língua portuguesa – estavam, em solene galeria, os professores Cristiano Müller, Carlos Geraldo de Oliveira, Tobias Neto, Ruy Maltez, Luiz de Moura Bastos, Maria Margarina Tobias, Hilda Caldas Cony, Irene Gusmão, Oscar Hilário, Ieda Ferraro (hoje Jesuíno dos Santos), os bem formada pelos grandes nomes do magistério baiano, que fizeram o prestígio do estabelecimento que, neste mês, está a completar meio século de vida e de significativa obra de educação. Do curso para exames de admissão – terrível barreira de fogo a quem procedia de uma escola pobre, dirigida pela tenacidade missionária da Prof.^a Rosa Oliveira Magalhães – revia: o mesmo rosto grave, o gesto de uma estátua sempre em movimento, batendo palma, com as recomendações necessárias. Mas seus olhos convergiam no sentido de minha carteira, bem próxima à da Prof.^a Stela Alves, também sob fiscalização, pelo fato de serem aqueles exames os seus primeiros passos no caminho do magistério. Após as provas, o susto: o alto-falante chamava-me à Secretaria. Diante dela e do Inspetor Emílio de Andrade Fontes, o primeiro dissabor:

– Como é mesmo seu nome? Suas provas estão excelentes. Parabéns. Mas terá que fazê-las novamente. Assinou-as como “Giovanni”. E parece que este não é seu nome. Todos riram menos ela, quando expliquei estarem meus pais providenciando a mudança de meu nome, porque o “Jehová” que me sacratizava os defeitos que me marcaram a vida até hoje, era o mais alto substantivo bíblico, o mais abstrato e, a um tempo, o mais concreto. Fosse hoje, dir-lhe-ia o mais verbo (“no princípio era o verbo e o verbo era Deus...”).

Sua figura era uma onipresença no sítio do Colégio, imprensado entre os muros dos Wicks e dos Visco-Caldas Cony, alcançando, entre pitangas e mangueiras, a encosta do início do Vale da Federação. Ela, repentinamente, surgia nas salas de aula, nos dormitórios, nos banheiros, incluindo os dos médios e adultos, com o pudor acima da nudez coletiva, logo coberta à sua voz de contralto:

– Senhores, em quinze minutos quero todos no refeitório.

As provas, sabia-se todas, isto é, nenhum aluno seu de inglês poderia duvidar que seus olhos haviam passeado pelas cadernetas das demais disciplinas. De tal modo, que sua memória privilegiada, nos minutos iniciais da aula, jogava para a classe as notas de cada um durante a semana.

Minha obsessiva necessidade de alcançar, sempre, a média final “sete”, para garantir a bolsa e a impossibilidade de retorno aos zunidos das moscas de brejais do sítio de meu pai, à beira de um riacho na zona de Sambaíba, me obrigava, ao lazer dominical dos livros de Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga, á Crestomatia e á Gramática latina de Wandick Londres da Nóbrega. Assim, era aproveitado para olhar os alunos

²³² CARVALHO, Jehová. *A cidade que não dorme*: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 146.

que fintavam a vigilância da portaria para ganhar as ruas, o campo da graça, os cinemas Santo Antônio e Popular ou as praias da Barra e Rio Vermelho.

Venci quatro anos do curso do ginásio. E era declarado orador pela turma, levada à escolha por gestões de Jane Régis (posteriormente diretora do colégio). Ela, sabedora da irreverência das poesias libertárias que minha débil lira já experimentava, ao modo do condoreiro Castro Alves, exigiu que lhe levasse à censura o discurso da noite solene, que deveria iniciar-se com um culto de Ação de Graças, cujo pregador haveria, necessariamente, de ser o pastor e, logo após, deputado Basílio Catalá de Castro. Dei-lhe o discurso. Mas à hora de lê-lo, embora o simulasse diante das laudas, na verdade improvisava um outro que, ao lado de outras falhas, próprias da adolescência, me privou da renovação da bolsa. No dia 17 passado, no palácio Conde dos Arcos – sede do colégio, após o discurso do Prof. Osvaldo Caetano de Souza – que ela ouviu na mesma postura de há mais de 30 anos – e de ver o desfile de antigos colegas, já encanecidos, para abraçá-la, fui apertar-lhe a mão. Já não me reconhecia. Precisei dizer-lhe no ouvido:

– Aquele “Giovanni”, do admissão.

Ela, desta vez, rindo – e sem saber que, com aqueles quatro anos, ganhei a vida e, até bem pouco tempo, mantinha a família já numerosa – respondeu, fitando a beleza de minha filha Dorgália Vitória:

– Mando-o a novas provas.

Já não precisava. O nome já não vale muito, porque sobre ele vieram os nomes dos filhos e já se anuncia o nome do primeiro neto. Na despedida, me apertou contra o peito e disse:

– Vou lhe dar uma notícia triste: o Dr. Ricardo talvez não viva por muito tempo. Está num estabelecimento, com D. Margarida, destinado a missionários jubilados.

Esta mulher, que amou a Bahia, e escondia na dureza do gesto a determinação de educar, por processos próprios, se chama Irene Backer, já de volta aos Estados Unidos.

– Não sei se ainda volto à Bahia. De qualquer maneira, não duvidem: amo a todos vocês – disse.

Deve ter mudado um pouco: ela nunca foi dessas confissões.

NAQUELE DISTANTE DIA DAS MÃES²³³

Jehová de Carvalho

Aconteceu que em certo domingo de 1944 – mais precisamente um Domingo das Mães – a professora Rosa Magalhães me fez suir ao palco do clube Dramático Dois de Julho em minha cidade, para recitar os versos de um pastor presbiteriano que cuidava da figura da mãe ausente, que morava o Texas, em companhia do irmão mais moço do autor do poema. No livro em que se encontravam as palavras ternas do pastor havia referência, ao ministério dele, uma espécie de segundo Leavsgtone no coração da África negra. Mas, o que importa é que fui muito bem até a penúltima quadra sob os aplausos da platéia protestante, porque na última, justamente na última, os versos sumiram da memória como o tablado de sob os pés. Foi-se a noção de tempo e espaço, de modo que parecia não saber onde estava nem quanto tempo estava a durar minha repentina amnésia. Foi aí que se iniciaram os apupos. A professora, do lado, escondida num sobra da cortina, esforçava-se para me levar ao ouvido os versos que o cérebro rejeitava em seus caprichos desconhecidos. Debalde. Da fila da frente do auditório ela se levanta. Um silêncio solidário lhe cobre o gesto – um beijo no rosto e uma ordem – apelo assim:

Meu filho, repete o poema. Se, novamente o esquecer, não haverá de ser nada. Não seria o primeiro. Em casa vai lembrá-lo. E eu, então, vou bater todas as palmas que aqui não serão ouvidas.

Enchi os pulmões de ar a reanunciei: “Mãe”. E os versos os desfiava eu mais tranqüilo do que antes, de maneira que só senti que cheguei ao fim porque nada mais havia do poema que a memória não me tivesse dado. Quando o coral cantou o hino que informava de uma “terra que Beulah abençoou e pela qual peregrino vou” descemos de mãos dadas os degraus do Clube.

- Acredite. Foi o melhor de todos os meninos. Ninguém representou em cena melhor que você. Que é que vais ser na vida?

- Queria ser como o pastor que fez aquela poema sobre a mãe dele.

E ela sorriu, passou a dizer – para minha surpresa – que via em mim um presidente como o doutor Getúlio Vargas, cujo retrato, apostado na parede da escola, exibia a legenda que a todos nós ufanava: “Brasil o país do futuro”, e a outra: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Ao chegar em casa, fui direto ao espelho da penteadeira redonda de minha avó. Fitei-me a ver se possuía, realmente, uma “cara de Presidente”. Confesso: já aquela hora do início da adolescência não me enxerguei nada que permitisse adivinhar um futuro de mando e de poder.

Quando no ano seguinte, pelas mãos dos Bakers e com a interferência da professora Rosa Magalhães, atravessei os portões do Colégio Americano – hoje Dois de Julho – aqui em Salvador e, em dia igual, repeti o poema do pastor americano do Texas, sem o brilho de outros alunos, compreendi que talvez minha mãe não tivesse sido muito feliz ao me preconizar uma chefia de Estado. Resignava-me aí com uma simples cadeira no Senado. No refeitório ninguém gostou de meu recitativo: excesso e às vezes, impropriedade de mímica. Já agora, demitido dos sonhos do alto Parlamento, bastava-me, apenas o lugar do professor Basílio Catalá no púlpito sacro da Igreja Presbiteriana do Salvador. Mas, os desafios da vida me despojou da fé como virtude tradicional de convicção e regra de comportamento religioso. Não a fé entendida como uma confiança na existência e promoção dos valores humanos; fé como capacidade de execução de idéias. Por isso que meu púlpito, feito das turbinas e dos chumbos, das transformações da estruturas e dos conceitos, revelados pelas rotativas, não

²³³ Naquele distante dia das mães. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 14 e 15 maio 1972.

encerra as auréolas dos santos e dos anjos. Coube-me, apenas a condição de cronistas popular provinciano, cuja opinião tem limites nos caprichos dos novos sistemas de comunicação. Ainda, assim se não venci grandes escaladas, chego ao Dia das Mães do ano de 1972 com o hábito que me não desmerece: o de repetir meus projetos de vida quando, em alguns dos seus instantes, ocorrem as falhas do meu humanismo. Não me tenho arrependido disso. Senão de que no estranho palco em que me encontro, diante de uma platéia impalpável, não tenha, daquela mulher a voz ao ouvido nem as mãos para uma mais segura encenação.

HOJE TEM ESPETÁCULO, TEM, SIM SENHOR!²³⁴

Jehová de Carvalho

Vem por aí o Circo Norte-Americano. Instalar-se-á em Água de Meninos. A cidade cresceu de tal modo que é difícil hoje aos circos uma área central para sua instalação. O lugar onde, há muitos anos, funcionou a feira famosa, marca de beleza plástico e da criatividade da vida baiana do povo, servirá agora aos elefantes, aos tigres, à trupe artística para mostrar ao homem-máquina que a mocidade de consumo criou, de que este ainda sobra a ingenuidade das artes antigas, como se desejasse fugir a um passado sem especulações de tempo sem pressa sem interrogação. A cobertura do circo Norte-Americano, de fabricação japonesa, é de polietileno não inflamável, de modo que não permite hecatombes como aquela ocorrida, há mais de um decênio, na Guanabara, quando centenas de crianças sucumbiram no fogo que um maníaco fez atear à lona enfunada sobre as vigas metálicas. Assim, não repete a indiferença dos velhos circos de minha infância aos perigos do asfalto, cheio de óleo da fagulhas dos maçaricos e bateadeiras, das usinas e dos motores dos veículos acumulados no tráfego neurotizante, quando o trapezista poderia, com a calma dos horários elásticos, contrariar as leis da gravidade. Do mesmo pelo qual o contorcionista desafia a normalidade anatômica e biológica e o malabarista faz a espacial geometria dos malabares. Certa feita, na minha cidade de Santa Maria da Vitória do Rio Corrente, fugi a vigilância do presbítero Otacílio Carvalho para acompanhar nos domínios da Rua de Baixo, a meninada que fazia cômico ao “perna-de-pau” no seu “ô raia do sol suspende a lua”, para fazer jus a senha com que poderia assistir ao espetáculo da tarde do sábado seguinte. Vesti minha calça branca, calcei o sapato de duas cores e fui sentar-me no chamado “galinheiro” do fundo do Circo. O mesmo palhaço que anunciava, nas ruas, os números do dia, era o mesmo que fazia o papel de crown, baixando as calças com violência de modo a por alguns segundos, balançar o pundonor das mocinhas do Alto Menino Deus até que aparecesse o cóis de uma ceroula de couro de cujas arreatas caíam jatos de água. Então, ele, simulando susto, para mim tão verdadeiro como sua imagem perdida na memória, passava a correr por entre as filas de cadeiras que os próprios espectadores levavam, molhado-os. Tenho a impressão que esse palhaço era

²³⁴ CARVALHO, Jehová de. Hoje tem espetáculo, tem sim senhor. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 01 set. 1972.

dono do Circo, mambembe, o pano sujo e furado balançando nas linhas de arureira que a Prefeitura costumava emprestar aos circos. Tanto que, feito isso, entrou nos bastidores, removeu as tintas do rosto libertou-se da careca de algodão, descalçou o sapato de bico fino e alongado e de lá saiu um atlético equilibrista, cabelos pretos, justa ao corpo a malha azul surrada. Subiu no banco alto pisou o arame que ia de um lado a outro do picadeiro. Mal olhou para assistência levantou os braços para saudá-la a sandália grega lhe falseou o pé fazendo que o artista desabasse como um jequitibá no chão duro da Praça da Bandeira, tibia direita exposta. Daí pra cá, fui tomado de extremada ternura pelo que ela própria de nomina de “família circense”. Sempre nos trabalhos de jornal, para os quais fui destacado que om o Circo se relacionassem lhe ouvi as estórias, as aventuras, os segredos dos camarins, os amores que nasceram entre uma e outra cenas.

- Quando piso o picadeiro me sinto o maior de todos os mortais.

Foi o que uma noite me confidenciou o Capitão Brown do Circo Argentino. Quando terminamos de tomar a cerveja durante a qual me falou da intimidade do seu circo - ele que era filho e neto de homem de Circo - Glaucia Regina, sua mulher e bailarina principal do Corpo de Baile havia fugido com um motorista conhecido por Canção, nas imediações da Fonte Nova, e que trabalhava para um cacauicultor de Ilhéus. Noite seguinte, o Circo estava com suas luzes apagadas, brilhando apenas as lâmpadas da entrada com o seguinte aviso: “Hoje não tem espetáculo”. Como aconteceu, aliás com o Circo de minha infância.

LUZ APAGADA, CORAÇÃO DE PAPEL ²³⁵

Jehová de Carvalho

– Quero que tudo lhe corra bem e que não demore muito de nos escrever, pois eu e seu pai estamos morrendo de saudade de suas maluquices e, por isso, com muita necessidade da lhe dar umas palmadas. Meu estúpido e terno grandalhão: seu retrato continua à minha cabeceira e já não tenho coração para ocupar tantas ausências e tantas distâncias. Sabe, a velhice é surpreendente: meu medo é de morrer sem vê-lo.

A letra é vacilante e apresenta alguns erros de gramática cometidos por quem, à visão da nossa época, teria cometido erro maior: o casamento precoce, o não ter tido mocidade plena sem as responsabilidades de dona-de-casa, já que antes de atingi-la, um humilde alfaiate de remota origem portuguesa tomou-se à casa de quatro vãos da Rua da Lagoa da “Antiga Vila Real do Porto de Santa Maria da Vitória do Rio Corrente”. Dez anos após, no quintal dessa casa de duas portas e duas janelas frontais, plantei um limoeiro à sombra do qual, no folheto de Jeca Tatu, aprendi o gosto pelas Letras e as primeiras lições de trabalho dadas pelas abelhas em lide entre as colmeias e os frutos embrionários.

– Acorda. Dona Rosa não gosta de atrasos. Você é mais velho, precisa dar exemplos. O frio atravessa meus músculos, tão imponente para contê-lo era minha pequena capa de lã, por ela mesma tecida nos seus tricôs vesperais. Quando o missionário americano Richard Waddell chamou-a à sua sala na Capela Presbiteriana, para lhe dar a notícia de que tivera merecido uma bolsa para estudar no Colégio Dois de Julho, na Capital, ela não sabia como me dar a notícia. Apagou a luz do nosso candeeiro “Placa” e disse, com uma voz cuja firmeza vinha, apenas, da garganta:

– Você vai nos deixar. Não é necessário lhe dizer nada. Quando precisar de algum coisa, apanhe a bíblia que tudo que eu puder recomendar-lhe está lá.

Depois, colocou dentro do Novo Testamento um retrato em que eu aparecia em seu colo, com um versículo assinalado que enunciava: “Porque Deus amou ao Mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna”. Reponho a carta (que ela me enviou há cerca de oito dias) entre as duas primeiras folhas de um livro de Humberto Hoden, salvo das últimas enchentes. Dentro da tristeza de minha casa vazia, um cidadão de cinco anos de idade de nome Otacílio neto, há pouco chegado da casa da avó Edelvira, onde está abrigado, bate em meu ombro com a mão suja de doce e mostra:

– Olha, meu pai, o que eu dei hoje a mamãe!

Era um coração de papel feito por sua professora, com estes dizeres: “Você é a dona de tudo”.

E eu, com uma voz cuja firmeza provinha somente da garganta, apaguei a luz, levei a ponta do lençol aos olhos e respondi doido de inveja dele:

– É muito bonito, meu filho!

²³⁵ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 145

A TÍMIDA EMANCIPAÇÃO DA PRIMOGÊNITA ²³⁶

Jehová de Carvalho

Numa noite de verão de há quinze anos, ela abriu o riso e os olhos apertados para uma pergunta:

– Painho, você vai comemorar meu aniversário?

Passei-lhe a mão sobre o cabelo negro mal cuidado, vesti um paletó listrado (oferta de um amigo chamado Jonas Pagannucci Amorim), atravessei, no colarinho, a gravata borboleta vermelha, e fui, correndo pegar a pauta de reportagem do dia, em mão do hoje bem-sucedido criminalista José Augusto Lobão. O gerente, José (também Augusto, mas Ribeiro) era um homem de formação evangélica. Recorri aos maletões da memória e pude exumar o trecho do Apóstolo São Paulo que dizia: “Ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que tine e como o sino que soa”. Entrei no gabinete do Sr. J. A. Ribeiro, declamando-o, com toda a impostação da voz. Não o vendo levantar o rosto, improvisei-lhe um verso, chulo de rima, mas rico de efeito. E, de nada adiantou. O vale de cinco mil réis não foi “despachado”. Entrei no velho Danúbio Azul, que o incêndio do Edifício Martins Catarino levou de roldão, com seu balcão de granito e marcas de boêmios saudosistas que lhe lembravam a feitura do início do século. Do poeta Décio Escobar – chegado de Minas e mal saído de rumoroso processo criminal – tive os favores da bolsa andarilha, e, do filósofo Fernando Bastos, as primeiras moedas da mesada, já dividida com as necessidades do contista Almir de Vasconcelos. Demos um “Viva à Vida” (o grito maior foi de Décio que deixou, muito cedo, de viver), tomamos um “príncipe maluco” e fui indo pelo comércio do povo – quero dizer, as lojas da Baixa dos Sapateiros, Barroquinha e Taboão. Numa casa, cuja mais atraente decoração era o bigode em tesoura de um árabe recurvado como um camelo no deserto, comprei uma boneca. Tinha os olhos de vidro, um jeito de cigana. O papel azul com rosas vermelhas suprimam-lhe o aspecto de coisa barata à muda censura de D. Vandete. Encontrei o cego Amadeu em sua luta de cantar no Largo de São Francisco. Noite já aquela se incorpora, por algumas horas, à noite dos cegos para aliviá-la, fomos os dois, primeiro ao bar de Bananal e à Pastelaria Perez, segundo, ao Beco dos Cravos, onde ela brincava de roda com os filhos de João, o açougueiro e líder do Sindicato de sua classe. Coloquei, em suas mãos, a boneca descoberta. Amadeu tateou as cordas do violão e o Beco se fez festa.

No dia 23 último, Lucênia Celina parecia uma rainha negra no meio dos salões do Alaketo, acrescentados a sua alegria pela ternura de Valtinho. Um conjunto jovem deu-lhe os ritmos dos parabéns. O grande diretor de cinema, Nelson Pereira dos Santos, trouxe-lhe flores. Jornalista dos jornais daqui e das outras sucursais de vários grandes jornais do País brindaram-lhe a batida de morango, irmanados aos atores Mário Gadelha, Nildo Parente, Emanuel Cavalcante e quase toda a equipe de Tenda dos Milagres. Na área externa, os juizes Edgar Mendes de Quintela e Bonifácio de Matos Filho, alguns serventuários da Justiça, entre os quais a escritã Eulina; a Assistente do Gabinete do Reitor da Universidade Católica do Salvador, Altiva Ramos e quase 400 amigos que lhe ampliaram, ao longo de todo esse tempo decorrido, o território de amor.

E enquanto Grande Otelo contava, a um grupo de repórteres, as aventuras de sua vida, a um canto do Alaketo, levantei sozinho, o copo de uísque que o ex-Deputado

²³⁶ *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 41

Newton Macedo Campos trouxe à festa. Brindei-o a seu futuro que o medo da morte faz que entregue a Olorum, a cujos pés, crioula, ela nasceu.

DE UM BECO ASSIM COMO EU ASSIM ²³⁷

Jehová de Carvalho

Comprei o DN, às quatro horas da manhã, na porta da Prefeitura, onde um homem um tanto forte e que se dizia soldado (se o era estava à paisana) se punha a espancar, aos olhos de arredios cavalheiros da noite, uma dessas mulheres que os cronistas policiais batizaram de “mariposas”. Era bem jovem e tinha nos braços uma criança que morria enquanto ela gritava a pedir socorro. “Pelo local, passou, na ocasião, uma camioneta da Delegacia de Costumes, que, de pronto, prendeu o atrabiliário cidadão”. E, realmente, passou. Com o rosto do menino nos olhos, nos passos, no arrepio dos cabelos e o da mãe dele no relógio de pulso, desci a Ladeira da Praça para o doce recolhimento de meu Beco dos Cravos, agora transformado em canil e galinheiro e onde o senhorio Alfredo Gil ramos dosa sua paciência nas enchentes e nas últimas chuvas do inverno, o providencial inverno baiano, coxeando entre dez minutos de água e vinte de sol, hiato de tempo bastante para fazer ruir meia centena de casas de pau-a-pique, que se espalham por todo o dorso da Bahia. Não é um Beco como o do poeta Manuel Bandeira que, depois da queda de seu casario, ficou suspenso no ar da Lapa. Esse meu Beco dos Cravos poderá é mergulhar no dilúvio das precipitações do meado de abril. Poucas vezes aí estou, apesar da obrigação de permanentemente vê-lo, dadas as ocupações profissionais e o bom senso de pagar, como for possível, os compromissos de viver numa cidade velha, mais infinitamente pobre do que antes, ao menos em questão de higiene e saúde pública. As lavadeiras do alto desse beco, para ajudar na receita doméstica, têm de lavar, ali mesmo, roupas que não se sabe de onde vieram, cuja água servida desde os canais de cada ruado e, quando não serve aos brinquedos da garotada, diverte os galináceos e os vira-latas, descendo-lhes pelo pescoço, gostosa como se vinda de um fresco e puro manancial. No meio do Beco, legitimamente instalada, ao menos ao juízo do seu dono ou de quem lhe alugou o imóvel, funciona, a carbureto, uma oficina de ferragens, em cujas dependências dormem também menores de idade. Vez por outra, as explosões surpreendem os moradores e, desde que ocorrem, tornam-se elementos do humor geral. Certos orixás maldosos, inconformados com a demora do período dedicado às suas “obrigações”, pegam indefesas pessoas, chegando até a invadir o horário do fantasma de “Seu João” que sempre aparece na fonte da Independência, mãos nos bolsos, fumando charuto à espera de uma quitandeira que morreu na casa de azulejos da Praça dos Veteranos. E os sábados? Sempre se faz uma ingênua festinha, por ali, aos sábados, com uns sonoros palavrões, também sem muita maldade – porque alegria é alegria – entre as pausas da “música jovem”, porque, igualmente, jovem é jovem (mesmo que tenha mais de trinta anos), assim como palavrão é quase canção.

Bem, gente. De qualquer modo, bati à porta. Espremida entre as duas paredes da sala, Dona Vandete, dezenove anos de mútua aceitação de estado civil, me recebe com um bocejo e uma observação:

– Não ligue o rádio, que agora não é hora de novela. Kelbinha foi para escola neste instante. Não se esqueça da malha dela para o exame de balé.

Tenho, aos ouvidos, a trilha sonora de um clássico, um daqueles que são maiores demais para o Tempo. Braços e pernas se elevam num imenso palco, feito de um material cuja composição e cor fugiam à minha tatilidade. Deveria ser um espetáculo mirífico do Balé-Escola Estágio de São Paulo, em sua estreia. Mas uma Banda do oriente caiu sobre os bailarinos e, em seu lugar, uns poetas cibernéticos surgiam e

²³⁷ *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 107

seus versos eram jatos de neon, um fluídico neon em espectro. O mecânico Raimundo Carvalho e o Inspetor Frederico, da antiga Guarda Civil, davam-se as mãos e passavam a me interpretar toda a alta significação das mensagens. Fiquei sabendo que não morreria mais do coração, pois que tais poemas eram vaticínios. Tanto que os cibernéticos eram mais vates que poetas. Também não permaneceria tão pobre por muito tempo e poderia, sem limites, pagar os compromissos da água e da luz. E quando ia interpelar aqueles seres privilegiados, eu, de mim mesmo, acordo com o pé enganchado numa poça que as enxurradas do ano passado descolaram. Olho para o mesmo relógio de pulso: sete horas. A cafeteira ainda tem forças para manter o café da véspera em temperatura mais ou menos quente. Tomo-lhe uma xícara. Corro ao jornal e consulto o horóscopo de Omar Cardoso: “Manhã proveitosa às realizações financeiras. Bom dia para retomar o amor perdido. Ajuda inesperada”. Saio sorrindo para a primeira galinha despertada. Mais outra. Enfim, dezenas de galinhas e penas como se eu fosse uma espiga de milho desprendida do pendão da matina.

Tropeço no último degrau da entrada do Beco e sofro uma torção no pé direito. Logo hoje que vou sair do “nove” para entrar no “seis” deste beco, que é assim, mas é de comovente e humana plasticidade!

PELA DOCE MAROCAS DO BECO DOS CRAVOS ²³⁸

Jehová de Carvalho

Quando nós chegamos ali, ao Beco dos Cravos (eu, a mulher, e a filha mais velha, hoje com 19 anos) a primeira cara nossa, mais diariamente nos vendo, era a de Dona Marocas. Trabalhava no 2º Centro de Saúde e, depois de chegar à casa de n. 14, tão pequena como a em que morávamos (de n. 16), vinha à porta, com alguns medicamentos na mão (produtos infantis geralmente vitaminados) e dizia:

- Isso é pra menina, Luciane.

Nunca dizia Luciene, o nome verdadeiro do risonho e bonito objeto de seu interesse. D. Marocas tinha a pele rosada, era cheia de corpo, contrastando seus modos com os de D. Altamira, outra vizinha, esta expansiva e de resposta aguda na ponta da língua, para qualquer oportunidade e contra qualquer desafio. Ela, não. Tinha a voz de pelúcia. Escolhia palavras. E, até à hora inevitável de confrontar-se com D. Altamira havia de escolher os termos, sua colocação na frase, sussurrando o que lhe parecia uma desforra à altura da ofensa.

Nesse tempo, o Beco dos Cravos ainda era uma festa. Falado pelas imediações (desde a rua da Independência à Barroquinha, de Santana ao Alto da Palma), pela qualidade de certos moradores, sobretudo as sofridas mulheres em estado de desamor- segundas na ternura dos maridos alheios – ainda conservava, no alto de sua entrada, os dois globos de louça portuguesa, roubados, há uns seis anos e que compunham o padrão colonial da antiga rua do Gravatá, hoje dilapidada pelos monstros de cimento, levantados recentemente com a cumplicidade do Departamento de Urbanismo da Prefeitura. A beleza desse Beco, quase alegórica no tropicalismo de suas cores internas, suspensas nas roupas postas nos arames que fronteavam seu pequeno ruado, era sublinhada pelos casos policiais e os esforços orais geravam, depois que as soluções fetichistas do Obá Satu (um manhoso crioulo, alto e grisalho) nem sempre produziram os efeitos esperados. Mas quando os balões do então Tenente Cállica subiam, tomados de cor, aos céus dos São João's passados iniciavam-se as ladainhas de Santo Antônio e até São Pedro ou os presépios se iam armando nas paredes de nível irregular daquelas casas, sofridas pelas enchentes do Rio das Tripas, que passa seus alicerces na direção de Sete Portas – então as dissenções se acabavam, os litígios se desfaziam e o Beco era toda uma família unida na alegria pura, aliviando as tragédias íntimas e diversas dos componentes de sua singular humanidade

-----x-----

Mas, D. Marocas, se não guardava ódios do injusto procedimento dos vizinhos ao seu modo discreto de existir cultivava as dores e as mágoas que tudo isso lhe deixava. Vinha-lhe um sorriso remoto por trás dos olhos, quando o menino Fernando acomodava a seu lado. Mas ele cresceu e foi procurando o regaço das moças da sua idade, pelo lado do Bângala e em torno da mesa de mocotó de D. Chica a quituteira dos sargentos do Quartel General, na Praça da Mouraria. E ela passou alguns anos sem uma criança com quem vivesse sua dimensão de amor, até que, de repente, tinha no colo já definhado os olhos apertados de Jehovazinho e Otacílio. O coração já não suportava o tropicalismo absurdo do Beco. Tinha medo de ficar sozinha com eles. Mas, ainda que passasse a viver com maior profundidade em comunhão com D. Maria (a filha adotiva e o genro, Júlio) não se demitia do zelo pelos meninos.

-----x-----

²³⁸ Diário de Notícias, Salvador, p. 4, 26 jun. 1974

No dia sete - a memória não me trai – a primeira menina a quem dava remédios, conversou com ela. Era a “Luciene” do passado, inda do Banco em que trabalho e indo para o Colégio em que termina seu segundo ciclo de estudos. O Beco pouco depois desse momento, abafou, com silêncio o último episódio de sua vida: viu-a amparada pelos parentes dirigir-se a um táxi com destino para outra vida. No sábado, o menino que tocava violão a dois metros do seu batente, casou-se com a filha de um antigo vizinho, o capitão Flouquet, da Polícia Militar. Não pude comparecer ao ato embora o tivesse desejado. Ainda tinha, entre as batidas de Clarindo, na Cantina da Lua as palavras que deixou escritas numa folha de bloco, posta em envelope azul, desses que já não se encontram nas prateleiras das livrarias: “Júlio, não deixem maltratar os meninos que eles gostam muito de mim”. Esses meninos choraram seu amor por ela. E, eu que não sei fazer onecológico dos ricos, com a sinceridade de quem com eles não tivesse convívio, lembro-a com muito respeito. Não fui ao seu sepultamento. A menina dos remédios estava comigo, no escritório de uma Distribuidora de Títulos, sem saber que, duas horas depois de lhe haver falado, encontrou a morte. Mas registro sua grandeza humana, com respeito de quem lhe admirava a capacidade de amar. Os humildes não possuem epitáfio porque não tem mortes adjetivas. Mas, se tivesse que fazê-lo, diria: “Aqui em qualquer sepulcro ou campa deste Cemitério do Campo Santo, jaz a doce Marocas do Beco dos Cravos”.

SOBRA UMA BANDEJA NA MADRUGADA ²³⁹

Jehová de Carvalho

Morreu Bandeira. E me perguntaríeis: quem foi ele. Dir-vos-eis um homem como um, desses que nascem, trabalham, constituem família, vivem, passam. Da última vez que o ouvi, à porta, 30 do Diário de Notícias, detinha na mão uma pasta de cobrador e na boca a pergunta de sempre quando nos encontrávamos: “E as valsas, meu amigo? E os tangos? E Açucena Morales?” Ninguém nos poderia atender. Falava, de nós para nós mesmos, das noites do Tabaris, quando o velho Mota, charuto entre os dedos, esgueirava o pescoço curto (em Mota isso era possível) para ver quantas garrafas de champanha Aristeu, Vilar, Tosta, Antônio iam abrindo nas mesas de pista, as mais disputadas pelos boêmios-lugar-cativo da época. Eu tinha um blusão com um escudo no bolso que me denunciava a condição de estudante secundarista. Era Bandeira que me emprestava cinco mil réis (quando Aristeu não havia chegado) a fim de alugar, na galeria de Rosita, à estrada da casa, um paletó de xadrez, cheirando à naftalina e que me dava, segundo ele, “um certo ar de príncipe mulato” ao estilo de Mirandão, cujos repetiam as coreografias valentiniana no soalho brilhante do salão. Divertiu-se trabalhando. Ou melhor: trabalhou, divertindo-se, cercado pelas figuras intelectuais de expressão na província. Era o garçom que servia ao criminalista Fernando Jatobá da Silva Teles, ao tribuno Tarcilo Vieira de Melo, e foi o último a servir o septuagésimo bandeira-dois Fadigas que, antes da entrada do Balé de Carlan, cheio de bailarinos rococó, cumprimentou a dama com quem dançava, interrompeu os passos, encompridou-se na pista e expirou ao perfume das plumas de uma ex-Miss França, já na de uma beleza decadente prensada nas noites do Rio e São Paulo. Como faço a todos os grandes garçons que abandonam, pela morte, a bandeja, inclino meu cálice de aurora sobre sua memória.

E seja o que Deus quiser, quando a aurora raiar.

²³⁹ *A Tarde*, Salvador, p. 9, 13 out. 1974.

NA REALEZA DE MINHA POBREZA A CERTEZA ²⁴⁰

Jehová de Carvalho

Tinha uma entrevista com o presidente da Cristian Dior, a convite da Jornalista Dometila Garrido, lá pelo Hotel da Bahia. Cheguei fora de hora, porque, em companhia do advogado Ari Sampaio, tive de ir a Catu para cumprir certas formalidades profissionais. Formalidade por formalidade – diz o novo pregador – tudo é formalidade. Pelo jeito já se vê não pude aliviar as catuabas do meu estômago proletário com scotch que banha as transformações da moda e os produtos de beleza. Como é duro o imprensar-se entre a realidade da pobreza e o quadro cênico das relações sociais requintadas! Ainda assim, fui ao Plaza. O bar é um oásis de neuroses disciplinadas no deserto da calma que me vem do campo verde do guardanapo. O verde (mesmo o que “não te quer) me dá certa calma. A calma de uma semente germinada. De uma hora cumprida. De uma manhã nascida ou de uma noite vinda. No Chez Bernard, a cortesia do “coq au vin”. Afinal, o dono da casa, minada da elite tagarela em idioma estrangeiro mal exercitado, tem a visita de um irmão com os olhos entrados na magia negra da Bahia nossa para sempre amém.

- Meu mocotó de ontem, Valdemar. Estou cansado dos jejuns das etiquetas.

Na sombra da janela aberta sobre minha mesa, vazia de muitas imagens, a saudade de Márcia, a que ficou num sonho próximo do pesadelo da maturidade. Não sem muita certeza.

²⁴⁰ *A Tarde*, Salvador, p. 9, 20 abril 1973

DO CANSAÇO DE SER DEUS E POETA ²⁴¹

Jehová de Carvalho

“Quero te conhecer, urgente. Adoro o que fazes escrevendo. Tuas crônicas são a vida... Que espécie de homem é você?”

Assim começou sua carta, no canto do meu escaninho, a moça desconhecida. Pelo menos, tudo indica que não seja daquele tipo que diviniza o homem que elege, que lhe adivinhe toda a moral do mundo, que lhe sonhe dono de toda a cultura da face da terra. Um ser privilegiado. Mas, para não a decepcionar digo-lhe que, ontem, dancei tango num bordel; jantei com uma dessas mulheres alegres num boteco do Maciel de Baixo. Bebi pinga grossa com “Cara de Jegue”, um marginal desalmado que, quando mata para roubar, enche a barriga do sangue da vítima. Não gosto de trabalhar. Uso as pessoas na medida dos meus interesses, sempre os de riqueza e poder, quando possível a ilusão de alcançá-los. Sou um deboche que fala. Diria mesmo uma figura amoral dessas que a sociedade aberra de cem em cem anos. É um perigo, portanto, à missivista o me conhecer. Se lhe respondo nessa linguagem, tão verdadeira quanto o meu conteúdo, é porque estou cansado de santas e musas. Esta carga de Deus e de poeta que puseram sobre meu destino já a mandei para o diabo que a carregue. Se é que ele, o diabo, tenha condições de carregá-la. Adeus, ingrata... à... tá...

E seja o que Deus quiser quando a aurora raiar.

²⁴¹ A Tarde, Salvador, p. 21, 15 fev. 1973.

MEU JESUS PARTICULAR NÃO RESSUSCITOU²⁴²

Jehová de Carvalho

Como já sabem, queimei os judas da noite de sábado nos postes dos meus judas particulares, indormidos no cérebro e no coração desde que senti, ouvi, li e exercitei o ato de trair. Agora, retomo o descanso do azeite de dendê e do vinho antibiótico de infecções estomacais impostas por metas não atingidas. No Cacique, dou-me com o maestro Carlos Veiga, encantado com a beleza do Convento franciscano da cidade de Cairu. Na alfaiataria de Rubem, no edifício Churchill, provo o paletó-três-botões de 1919 que agora se repete na moda, tudo porque o dinheiro, com tanta concorrência para ganhá-lo, se tornou escasso no bolso de minha calça vermelha. Na Casa de Detenção ponho os olhos nos olhos do ator Mário Gusmão e ouço dele a confissão: “meu irmão, não tenho culpa de nada do que me estão imputando”. Minha filha é um retorno de várias paisagens no caminho de Campo Formoso. Antônio Monteiro – não o antropologista, mas o garçom – põe em minha mão, uma taça de caipiríssima. Recebo-a como uma doação da meia-noite, plena da imagem de Márcia, a do sorriso no verde dos oitizeiros do Cacique. Sim: coitado do meu Cristo (o meu) não pode ressuscitar no tríduo da Paixão. Faltou-lhe o anjo para abrir o seu túmulo de chumbo.

²⁴² *A Tarde*, Salvador, p. 16, 24 abr. 1973

EIS O QUE SOU DIANTE DO SENHOR MORTO²⁴³

Jehová de Carvalho

Cumpri, ao meu jeito, o ciclo da Semana Santa. Antes, tinha uma Bíblia na mão e os olhos pregados nos Evangelistas. Subia o Monte das Oliveiras, reunia-me com o Cristo, discutia com ele as Tábuas da Lei antes que as reformasse com a eleição da norma segundo a qual só se encontra salvação pelo ato da graça. Fui Pedro antes da negação de sua condição apostolar. Fui Lucas e cheguei a indicar, a certos pecadores, secretos medicamentos religiosos. Fui Paulo: meti-me a doutor da lei, sem me comover diante do sacrifício de Estevão e sem me explicar a conversão diante de Agripa. Fiz viagens missionárias e, também, preguei ao “Deus Desconhecido”. Tive o pão da vida elevado dos meus lábios para a comunhão, e, óleos em unção para minha fronte adolescente. Toquei harpas e pífanos, à moda do pastor Issacar. Fui à ressurreição. No último Dia de Páscoa, neste ano de 1974, ao ver da Cantina da Lua, onde Clarindo servia vinhos populares para uns marginais que vinham do Maciel de Baixo demorei meus olhos cansados de muitas buscas na simbologia do Senhor Morto, descansado no madeiro da idolatria dos fiéis. Foi nessa ocasião que concluí nunca fui um João, o Apóstolo do Amor e que, como Judas, tenho, a cada instante traído o mestre, não por trinta dinheiros. Mas, por trinta fraquezas de ainda não viver uma vida verdadeira. Em detrimento dos mais fracos. Com medo dos mais fortes.

²⁴³ *A Tarde*, Salvador, p.14, 16 abr.1974

Ó SUBCOMUNICAÇÃO, NÃO OBEDECI!²⁴⁴

Jehová de Carvalho

Não consultei os oráculos nestas calendas de frio. Um blusão de inverno passado, saído do fundo da gaveta de baixo no guarda-roupa mofado é minha bandeira de paz na madrugada limitada entre os olhos de Vera e a ausência de Gilda.

- O senhor aceita um uísque importado?

Claro que não o aceitei. A bolsa guarda, no meado do mês, um resto do salário mordido na folha de remuneração do trabalho intelectual que desenvolvo. Fraco o trabalho, fraca a remuneração. Mas, o uísque veio, veio marca Escócia, velho como meu sonho adolescente de prosperidade (atenção moralistas da subcomunicação: foi uma cortesia de Valtinho, da Casa da Praia, pelo simples fato de, há mais de três meses, este humilde cronista haver sumido de suas plagas, na orla marítima). Guido Guerra me conta da aceitação dos milhares de “Aparições do Dr. Salu”, de tal forma entusiasmado que, de dentro de minha dureza financeira, o fantasma de sua ficção vai ser o mulato aqui surgindo, como por encanto na ante-sala de sua residência, no Bângala, para uma humilde fachada de dois milhões de cruzeiros. Ah! Moralidade tradicional! Como poder suportar os seus valores, eu que ainda não tive o prazer de, por desonra cumprir detenção de mais de um ano em estabelecimento penal. Como gostaria de ter a sensação – e depois esquecê-la – de deixar minhas atividades funcionais “a bem do serviço público!”. Como me seria deslumbrante defender os bons costumes, aconselhando aos meus leitores a que não fossem aos botequins do povo (porque é muito imoral) tomar umas batidas em fim-de-semana! Mas, meu mal é ser um deboche de poesia noturna distribuído pelos bordeis, tantos quantos de que seja capaz minha visita andarilha ou meu aprendizado obscuro.

Meu único medo de contrariar a antimoral que adotei, está em que possa cair no silêncio de um claustro, vestir uma batina escura, justamente (restante da frase está apagada) ... fazem dos claustros de seus conventos hospedarias pra turistas e trocam a “tontura” pela cabeleira cheia, no sentido de que, o cabelo não é incompatível com a fé nem a roupa com o exercício eclesiástico.

- Valtinho, me repita o seu uísque!

²⁴⁴ *A Tarde*, Salvador, p.15, 24 maio 1973.

ESTOU ME ENTREGANDO/ ACEITE-ME ²⁴⁵

Jehová de Carvalho

Eu vou dizer: vesti minha fantasia de alegria extrema e desci a Ladeira da Montanha. Para onde ir tão livre de mim mesmo, tão sem caminho traçado com o rigor dos compromissos sociais? Não me havia lugar próprio à alma em festa, vestida assim de Chacrinha com chifres dos lados (inclusive os chifres que você pensou), folha de pitanga nos ombros, abacate no pescoço, nos pés os sapatos tal como os palhaços os calçam nos picadeiros. Na testa, uma lâmpada em acrílico, dizendo: “quem salvará meu mundo em tensões particulares”? Compreendam: se a alma é a minha, faço-a e sinto como quiser e bem entender. Por isso, que, em certas ocasiões como essa, ela tem todos os atributos e formas do meu corpo. Apenas, seus vícios ao mais puros porque são, simplesmente, vícios da alma e ao do corpo. São vícios imponderáveis em sua mecânica.

Pois é. Assim, tendo a alma vestida, entrei no casarão de número 63. A fachada pintada de verde, de onde se abre mais uma porta, “uma porta policial preventiva”, que o Delegado de Costume mandou instalar como uma das metas práticas de sua reforma no domínio das diversões noturnas da cidade. Na mesa do canto está Nêga Tereza. Não sei onde estava. Mas tudo indica que está vindo de um grande cansaço. Pouco antes deixei Márcia entre a elaboração de suas epístolas, feitas em linguagens de esperança, mas sem as choramingações das que o sábio apóstolo São Paulo dirigiu aos Coríntios e os chamamentos dramáticos e freudianos ao ex-escravo Timóteo. A Nêga me veio falar por alguns minutos, de que é sofrendo que se vai gozando. Em seus olhos, com luz ambiente, se escasseava o brilho antigo. Distribuiu-o pelas boates por onde passeou sua vontade de viver e a ansiedade de buscas. Penso em lhe tocar o rosto e convidá-la à festa que trago por dentro. Mas ela desaparece pela porta verde. No Forte São Marcelo, entregue à sua paz de barravento, um barco me olha pelo tombadilho.

- Sampaio, mais um uísque que os meus convidados já estão se retirando do salão.

²⁴⁵ *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 55

O FANTASMA QUE NASCEU COMIGO ²⁴⁶

Jehová de Carvalho

Antes que me seja perguntado, afirmo que Onésimo é um fantasma que visita somente em momentos de amargura ou de perigo. Nasceu quando nasci, cresceu comigo e tem seus caprichos quase humanos; melhor dizendo: quase mortais. Sua natureza me permite identificá-lo como a uma mistura do corvo de Allan Poe, a lealdade dos seus colegas milenares da Escócia (familiares de muitos antigos monarcas e seus atuais descendentes) e, ainda, certa malícia dos sacis e caiçaras que enchem as nossas superstições tapuias e caiçaras.

Saio do sono da meia-noite, vulnerados os olhos de paisagens nunca vistas, aquelas que estiveram além das gestações quando o homem é apenas uma intimidade da vida, um segredo de fibras que anda não se encontraram, cordas vocais dispersas nas folhas mais distintas, nos ventos de madrugada boreais, de mornos poentes pré-históricos, de futuros capitulados do tempo.

O frio nem parece que vem da passagem de maio pelas rosas que iriam murchar na frente das noivas. Ponho-me ao sofá. Aos meus pés sandálias de veludo. Cobrindo-me o pescoço e a cabeça um capuz siberiano à semelhança dos que são usados pelos mineiros de Maiacovski (“Mãos, porque levantá-las contra meus irmãos?”); sobre a mesa a ante-sala dos meus aposentos deixam-se ver frutas e mel silvestres.

A cabeça me dói. Vou ao espelho a olhar como estaria meu rosto. É quando uma espécie de neve me cobre todo o corpo. Tenho uma flauta – das que tocavam os pastores dos salmos de Salomão – à minha frente com uma ordem expressa em salsa:

- Toca a flauta. E seja o teu canto o meu canto. Faze que a noite não se acabe em pranto. Dize aos velhos e aos moços que caminharemos os astros.

E ia continuando sua fala sábia para lhe completar o sentido, quando à porta de minha casa na rua Conselheiro Junqueira – Avenida dos Cravos – o mecânico Raimundo Carvalho, preocupado com as chuvas que recaiam sobre nossos sofridos telhados, gritou: - Levanta, companheiro. A água já está chegando aqui.

O jornal a meu lado revela: “Mãe flagelada dá luz ao desabrigo”. / “Falcões querem guerra” / “Comunista violam cessação de fogo”.

Abro a janela. Procuro Onésimo, esquecido de que, poucos minutos antes, ele havia desaparecido na pia em que lave meu rosto vulnerado de paisagens nunca vistas.

²⁴⁶ A Tarde, Salvador, p. 10, 12 maio 1971

ANEXO 2

ESTA CIDADE É FEITA DE DENDÊ ²⁴⁷

Jehová de Carvalho

- De que é feita esta cidade, senhorita?

- De dendê, se realmente o senhor quer saber.

A pergunta foi feita por Sartre quando esteve na Bahia, há mais de dez anos, e um homem do povo lhe colocou na mão, um acarajé com vatapá de tabuleiro e molho de pimenta moída.

A resposta – dada pela poetisa Lina Gadelha – alcança, realmente, a dimensão exata da natureza da Cidade de São Salvador da Bahia de todos os Santos, enganchada nos altiplanos e pendurada nas encostas, povo espantado entre o desenvolvimento que chega e a tradição que lhe caracteriza, mais que outros elementos, uma cultura a influir, ao menos em certos momentos de sua história, no comportamento brasileiro. O escritor Calos Torres, como todos os baianos, mesmo os que se ilustram e vivem em outros centros – e não são poucos – é, em plena Rua Chile, uma projeção do nosso azeite, na fala mansa, nas frases de espírito dos bate-papos da esquina do Palácio. Aí, onde até cartas já recebeu pelo Correio, ele vê desfilar os jovens duas gerações além da sua e aponta:

- É o neto do Comendador Pedreira. Deve ter chegado da Europa para uns dias aqui. Não nega o jeitão baiano: olhe o andar dele e ouça como o Rê que pronuncia parece trazer a garganta para a língua.

Carlos Torres faz parte de um grupo de aposentados do serviço público que, nessa mesma esquina, se reúne, às cinco horas da tarde, quando a Bahia é todo um espectro de luz, portanto uma profusão de cores que, dos sapatos das mulatas safra 72, sobem aos cintos dos comerciários e se perdem na gravata os moços que já estão colocando seus vinte e cinco, trinta e cinco anos à disposição da direção dos institutos de ciências nas universidades, gerências de empresas, das chefias de relações públicas, das entidades que operam em mercados de capital. Depois do chope, em casas com a feição do Caxixi – lanchonetes adaptadas ao gosto baiano -, onde o mulato Manoel repete as posturas dos seus outros colegas de ramo, contando estórias e anedotas dobrado sobre a registradora, toda essa gente nova entra nos automóveis de luxo, exibindo prosperidade pela Avenida Sete de Setembro, Rua Carlos Gomes, Campo Grande, Barra Avenida, já invadidas pelo crepúsculo que vem dos lados do Forte de São Marcelo, Forte Lagartixa, Forte da Barra. Os moços que subiram os andaimes, equilibrando-se no ar, com o privilégio apenas de ver, sobre aqueles outros, os primeiros instantes da manhã e a última nesga do sol, encompradam-se nas filas dos Terminais para a viagem penosa dos ônibus, parando em cada curva do Rio, Cabula, aqui onde as laranjas pareciam nascer das colméias do Camurugipe. Mas se opta o operário por uma pausa em que é necessária a comunicação da alegria, pelo fim de um dia de trabalho duro, nas oficinas mecânicas, na construção civil, nas estucarias – que na Bahia ainda se lapidam mármore e a cruz das sepulturas – que descer à Baixa dos Sapateiros, onde um palhaço de pernas de pau ainda faz reclames das padronagens das lojas antigas, muitas com mais de cem anos, e entrar no Mercado de São Miguel. Bolinha, Domingos, Eduardo, Marron – tipos autênticos da paisagem das feiras – servi-lhe-ão o capim-santo, o pau-de-resposta, a catuaba, o dandá, raízes e ervas da flora que o negro, rudemente, pesquisou e adotou em sua

²⁴⁷ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 23

farmacopéia, como afrodisíacos e estimulantes. O tira-gosto que o sulista chama, na propriedade de sua etiqueta alienada, de “aperitivo” está ao limite de sua bolsa nas mesas de toalhas brancas das barracas de dona Maria, Negão, Nezinha – a gorda Nezinha dos fiapos de pano e passarinha (a tira assada do baço do boi).

É mesmo feita de azeite-de-dênde a cidade de que lhes falo. Pode-se por exemplo, localizar, ao meio-dia, à porta do Edifício Themis, em frente à Assembléia Legislativa, os promotores Fortes do Rego e Sena Malhado, figuras famosas da militância no Ministério Público, últimos da oratória acadêmica ao estilo dos Mangabeira, Pedro Lago, Simões Filho, combinando uma moqueca de peixe (de preferência xaréu) no Boteco do Tião, às margens do Pituaçu, a que não faltariam os não menos lembrados acusadores Almeida Gouveia e Rapold e Ivan Americano da Costa e Aduauto Sales Brasil. Mais adiante, em frente ao quase centenário-bar-Centro-Popular , já em fase de fechamento, na mesma Praça da Sé, estão dezenas de instrumentistas discutindo problemas da classe. Velhos músicos que vieram de “Belle époque soteropolitana”, atualmente sobrando no mercado de trabalho, tomados pelos conjuntos pops nas boates e nos clubes. O acarajé vindo dos tabuleiros de Nininha, Flora, Creuza, Maria e Benedita lhes acompanha a batida de limão. Quando o grupo se desfaz, alguns com seus instrumentos sob o braço se espalham pelos botecos de Brandão (o Barcurau), na Rua do Bispo; Roberto, no Terreiro; Abílio, no Confiança; Secundino, na velha Cantina do Ritmo. Os estivadores se dividem entre o Cantinho de Cecília, na Rua das Verônicas e Manuel Cabelinho, numa das Travessa do Castanheda. É fácil ouvir-se um vozerio vindo da Praça dos Veteranos: é “Florípedes” queixando-se de que o médico de sua patroa, numa das hospedarias da Gameleira, não cumpriu o que lhe havia prometido, quando o atendeu devido a um espancamento que sofreu por parte de um marinheiro sueco por quem se apaixonou: a implantação de órgãos femininos que lhe permitissem ter um filho parecido com seu agressor. Em compensação, como o faz todos os dias, a “Mulher de Roxo”, chegaria ao Trivial de Dona Maria gritando para o calundu de Ruy Santos: “Não quero ser mãe! Não quero ser mãe!” É que vindo da Praça Castro Alves, entende que a gravidez, com que a ameaçam impossíveis mundos, está em sua cabeça. Não lhe cobrindo os cabelos longos à semelhança do chapéu de general que às vezes usa, mas nas células do cérebro. Então, é só me imitar, quando chego ao Cantinho de Sílvia, na Rua Rui Barbosa, bem próximo à casa do nosso glorioso civilista:

- Sílvia, manda logo um xinxim de galinha. Se não tiver vou subir ao Ponto Verde para pegar uma miraguaia.

E ela ri com sua terra, um riso de azeite.

DO DESFILE E DA LOUCURA DA CIDADE QUADRISECULAR ²⁴⁸

Jehová de Carvalho

– Otavio Mangabeira à frente, orgulhoso de sua realização: o desfile histórico do quadricentenário da Cidade do Salvador, justamente ocorrido sob seu Governo e organizado por Chlanca de Garcia. Passou o fidalgo Thomé de Sousa, os padres jesuítas destacados por Anchieta e Nobrega. Caramuru trazia uma mancha vermelha à guisa de toca na túnica encimada de alamares. Os negros baianos que participaram dos movimentos libertários nacionais. João das botas e seus navegadores da Bahia de Todos os Santos. Gregório de Matos Guerra e sua lira revolucionária da forma na poesia lusitanista, em sua áurea de criador da Escola Bahiana. O Conde dos Arcos e sua ciência política e econômica. Júlia Fetal, a jovem que oi assassinada com uma bala de ouro e sobre cuja lápide, na Igreja da Graça, está o soneto célebre que fala do seu amor ao professor que a vitimou, por julgá-lo impossível. Os barões e condes do Império seguindo a D. João VI, Pedro I e Pedro II. Os ideológicos e artífices da República, entre os quais Ruy Barbosa, o macrocéfalo baiano de muitos dons. Os mártires da Revolução dos Alfaiates de que a Praça da Piedade foi termo, havido como o primeiro grito de independência do país. Cenas do cativo. Momentos da Abolição, avultando a figura de Castro Alves. Cenas da escravização de tribos indígenas do litoral.

Era vinte e nove de março de 1949.

Quando os bacharéis daquele ano, inclusive o atual prefeito Cleriston Andrade chegavam à Sé, na última etapa do cortejo, o sino da Catedral Basílica dava fim às badaladas festivas e o tenor Edmundo Nascimento, hoje o comissário Edmundo Palmeirão, cantava a última ária de uma música sacra votiva.

X

As ruas do centro, ao menos, as por onde havia passado a caravana histórica, eram quase as mesmas de mais de dois séculos, à exceção da Rua Carlos Gomes. Pois é. O 424º aniversário de Salvador não a encontra do mesmo jeito que a encontrou o Quarto Centenário. Quero dizer que a Bahia não faz jus, em feição, à aproximação do seu meio milênio de vida. Nada tem de antigo que possa mostrar a quem lhe chegue. Não se exhibe jovem na aparência, mas dilapidada como uma mulher sessentona cujos tecidos do rosto não resistiram os efeitos de um ano de operação plástica. Os monstros de concreto armado continuam ocupando os lugares dos seus prédios coloniais, na tentativa de uma arquitetura piegas, quase de arremedo para atendimento aos interesses imediatistas de um comércio sem visão, que muda de esquina de um dia para o outro. O Campo Grande de ontem, um dos mais belos jardins do país, conforme a opinião de famosos paisagistas é hoje um aglomerado de edifícios funcionais, de escassas árvores e tomado de sujeira de uma cidade que cresce sem a proporção do seu organismo de limpeza. A Avenida Sete é outra como a outras já estão sendo a Praça Thomé de Sousa e a Rua da Misericórdia. A Sé ainda uma praça antiga no início de 1960, é uma máscara do que foi antes, com a construção de prédios miseravelmente concebidos em forma a destoar do resto do conjunto. O bairro de Santo Antônio, uma continuação da linha arquitetônica do Paço-Carmo já começa a ser violentado, substituindo-se por casas de mau gosto, os prédios de azulejos portugueses que infestam sobretudo a Rua Direita até o Largo tradicional, onde se reúnem as associações culturais para início às comemorações em honra a Pirajá.

X

²⁴⁸ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 31 mar. 1973

Ontem, cheguei ao Boteco de Cecília, na Rua do Tijolo. Desesperados, por haverem perdido os seus pontos de encontro no fim das tardes com a perda da Pastelaria Triunfo, da Pastelaria Chile, da sala de chá do Palace Hotel, da Pastelaria Alameda, da Pastelaria Jandyra, do bar do hotel Meridional, do Bar Silva, do Palácio do Chope, do O Franciscano, do Danúbio Azul, do Imperial, do mercado Modelo, estivadores, mestres-marceneiros, mestres-estruqueiros, mestres-pintores, mestres-carpinteiros, mestres-alfaiates, mestres-encanadores, tomam o capim-santo do dia. Infusão de preceito. Entre eles, o vulto solitário do ex-boxeur Djalma Santana, falando de um litígio com uma casa sua onde dava bailes de Carnaval.

– Djalma, você que fez o papel de Thomé de Sousa no desfile do Quarto Centenário da Bahia, me diga, como está vendo sua cidade?

– Uma loucura, meu irmão. Uma loucura.

SEM FIDÉLIS/ SEM OS CARROCEIROS/ SEM SÃO CRISTÓVÃO ²⁴⁹

Jehová de Carvalho

Fidélis me pegou pela mão e disse:

– Do bar dos estivadores, vamos tomar umas cervejas na casa de Nair Perna-de-Santo, lá no Julião. Ou na casa de Madalena, no Caminho Novo.

E descemos ao Pilar. Parecia um outro mundo. No fundo, a igreja vigiando sua necrópole abandonada, cheia de túmulos ilustres. Fidélis era homem de estiva, crioulo forte. Parecia feito de ferro batido. Perto de seus cinquenta anos, àquela época, quando encolhia o braço, o bíceps lhe empurrava o ombro como uma onda de aço. Fidélis a todos conhecia e cumprimentava. Depois, chegamos ao Bar Pilar. Lugar dos despachantes de carga, com seu imenso anedotário de estradas, em torno da manijoba de D. Emília, mulata mandingueira, cuja alma pertencia, por voto e obrigação, a Exu mulambê, um extinto gênio do mal dos candomblés de ijexá, ao longo da faixa dos terreiros da Mata Escura.

Bem. A mulher de Fidélis, Alzira, “uma branca bonita” – na linguagem dele que vivia as emoções de sua prosperidade com o crescimento dos percentuais de remuneração da estiva – foi buscá-lo, levando-o sob o aconchego do braço saído da gola rococó do vestido de babados brancos feitos em renda. Foi aí que desci à Praça Deodoro. Num boteco da esquina, que dava para Magalhães Comércio e Indústria, revi o ex-vereador Degrimaldo Miranda, àquele tempo um simples auxiliar de escritório e, atualmente, um comprometido homem de negócios, atolado, até o pescoço, em letras de câmbio, cifras e mercado de capital, mais as normas do BNH e do Banco Central. Um homem saía, muito bem posto, da porta coberta de mármore escuro. E um grupo de carroceiros o cercava. Era um dos diretores da firma, o Sr. Mário Salenave, um cavalheiro de tradições itálicas que distribuía, entre eles, a pauta dos carretos dos fardos de açúcar pelos bairros mais distantes da cidade.

Às cinco da manhã, sob a liderança de João Boneco, grande ogã da casa de Ciríaco, eles se reuniam no Beco do Instituto do Açúcar e do Alcool, ao tempo do poeta João Moniz, e faziam, em nagô, seu culto matinal a Xangô que, representado por uma imagem de São Cristóvão, se elevava de um pequeno nicho, colocado na última árvore da linha do meio, da Praça Deodoro. Logo depois, o desjejum de mingau de carimã e milho com cuscuz de goma, na subida da Ladeira do Taboã, junto ao tabuleiro de Júlia Abacate. Ao meio-dia, se não havia frete desaviavam os arreios da carroça de sobre os burros sonolentos, e iam fazer sua refeição conhecida, no último armazém do Mercado do Ouro: o do “Seu Lucas”, português dos Açores, maroto bom de humor e de coração. E que refeição! (250 gramas de farinha sobre a qual desfiavam 100 gramas de bacalhau, a que acrescentavam flor de dendê. E a farófia vermelha era saboreada ao vinho “Reserva” ou “Vendedor”, tocado de forte aguardente pernambucana).

Depois, a cidade cresceu. A calma da Praça Deodoro foi se acabando. O tráfego intenso, pesado e louco, afastou para os bairros a carroça tradicional. Foi sumindo a figura do carroceiro, com seu bernal de couro, chicote à mão e o “ôba” na boca e – no entendimento do burro – entre os trilhos dos bondes abertos. Sobre eles, sobre essa categoria de trabalhadores anônimos da cidade, alijados de sua paisagem pelo progresso, vieram os motoristas dos caminhões, veículos capacitados a conduzir, com mais pressa, o açúcar que as velhas e lentas carroças transportavam. Mas o São Cristóvão ficou, sem que os motoristas pudessem entender sua presença na

²⁴⁹ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 149.

centenária árvore da Deodoro. Agora, a praça vai perder seu arvoredor, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto. Vai virar praça de estacionamento. Mais uma vez, o sacrifício do homem em favor do automóvel, por opção inapelável do Poder Público.

Se me encontrar com Fidélis e ele me convidar, agora, dezenove anos após o meu primeiro contato profundo com aqueles sítios do Comércio, onde a cidade ainda não se desfigurou, vou dizer a ele que não me obrigue a passar pela Praça Deodoro. Sou capaz de chamar Alzira, se é que ela ainda existe, para vir buscar Fidélis, apesar de a estiva não dar mais camisa a ninguém, nem vestido rococó de babados, feitos em renda branca.

O CAVALO, O PIERROT, O ARLEQUIM E A COLOMBINA ²⁵⁰

Jehová de Carvalho

Lembram-se da presença do cavalo nos carnavais baianos? A princípio, ele puxou as pranchas, em cujas coxias se punham as beldades, vestidas em lonas fantasias. Depois, foi se destacando nos corsos dos clubes, ocorridos, geralmente, no sábado da última semana de antes do tríduo momesco. Já aí era selecionado, tinha função estética, influenciava na plasticidade dos desfiles. Era a Bahia pacata de até o meado da década de cinquenta. Mas de repente, as ruas se encheram de gente com aumento ponderável da população flutuante nestes dias, de modo que já não se necessitava de percorrer o centro de Salvador para se assistir ao Carnaval. Ele estava em todos os becos, em todas as avenidas, em todos os bairros, no tamborim do biscateiro e no clube aristocrático do empresário. Já não era simples apresentação de afoxés repicando ritmos fetichista, inteiramente dissonante com o chamamento musical da festa. E o cavalo foi dispensado de sua utilidade carnavalesca. Foi substituído pelo automóvel aberto, dentro do qual as rainhas, as princesas dos grandes clubes que integravam os corsos, enviavam beijos aos que as aplaudiam no delírio momesco. E o automóvel ia tomando conta do Tríduo. Enchia as artérias mais movimentadas, impedia a passagem do bloco causava acidentes, até que, pela mesma lei do progresso afastou o cavalo foi proibido de exercer-se como folião de ferragens. Mas, ninguém noto que, de par com o cavalo e o automóvel, se foram desaparecendo os elementos constitutivos do trinômio amoroso dos Carnavais: o Pierrot, a Colombina e o Arlequim. O auge desses personagens foi alcançado, em 1954, com a marcha “Colombina”, de Renato Mendonça e Armando Sá. Os compositores, a partir daí, não trataram mais temas que os envolviam, porque já se estavam sumindo do Carnaval baiano. As moças já não tendiam ao vestido arredondado, o véu cobrindo parte do rosto com que se exibia a voluntariosa amada do Pierrot que se perdeu de amores por Arlequim. Também, o passionalismo do primeiro e o golpe baixo do segundo deixaram de fascinar os moços. Não quiseram, portanto, vestir-se de palhaços. Nas ruas, preferiram as mortalhas, de fácil mobilidade, a máscara que permitia total libertação do humor. Mortalhas a que aderiram homens e mulheres. Os clubes, a calça e a camisa de cor, um colar e sandálias, simplesmente, em lugar dos “summers”, ou da fantasia pesada e rica. O delírio da multidão no carnaval de rua fez, assim, que não houvesse razão para o traje esmerado, capaz de identificar esse ou aquele palhaço, essa ou aquela colombina. De roldão, e pelo mesmo motivo, foram levados pelo tempo os mascarados originais, como “a mulher sem cabeça”, que, num jogo de espelhos, só fazia aparecer o corpo; os “fotógrafos” que, ao invés da chapa batida, atiravam no rosto de quem posava para eles, talco e farinha de trigo. E se foram também o “dragão alado”, “as velhas mexeriqueiras” que, ao encontrarem nas ruas pessoas conhecidas, lhes repetiam fatos da vida que, normalmente, não deveriam ser revelados. As “mexeriqueiras” eram temidas e evitadas por quem se dava, tão somente, a assistir esses carnavais de um passado tranqüilo. Às vezes, pode-se encontrar por aí um Pierrot, um Arlequim ou uma Colombina, isolados da feérica animação. Mas, mascarados. Porque, sem máscaras, não convenceriam a ninguém de suas condições psicológicas propícias ao comportamento de Pierrot muito menos de Arlequim. Colombina já nem se fala – não cairia muito bem em mulher com mais de trinta anos. De modo que esse trinômio amoroso do humanismo do Carnaval pode estar na realidade do dia-a-dia, menos no colorido e na feição dos três dias de Momo. Falar nisso: viram, por aí, minha Colombina?

²⁵⁰ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 02 jan. 1972

O AFRO-COMÉRCIO DAS QUITANDAS ²⁵¹

Jehová de Carvalho

O progresso também acabou com as quitandas baianas, talvez as mais bonitas do Brasil, pelas suas particularidades africanísticas negras. Delas restam, apenas, uma dezena quatro das quais no centro: a do Sargento, na Barroquinha, que remota a quase um século; a de Dedeco de igual existência; a de Dona Joana, à rua Aiel Lisboa – Brotas e a de Manoel Cabelinho, na subida do Terminal da Barroquinha, que dá para a rua do Castanheda.

- Ainda não pode entrar aqui ninguém. Só depois da limpeza.

O turista, levado ali por mim, com os olhos cheios de curiosidade pregados nas prateleiras rudes, pouco sabia que Manuel Cabelinho não se daria ao trabalho de varrer o piso do cômodo, espanar as cestas, a porta, o pequeno balcão de tábua. Não. Não seria isso. A limpeza estaria em que, com um vaso de barro, o crioulo magro e de aspecto grave, passava a incensar o ar ambiente, na direção das telhas vãs, do batente que muitos pés pisariam no decurso do dia. Depois, colocar as folhas de pitanga “contra mau olhado” nos seus devidos lugares às paredes, e, as palmas de Ogum à entrada, estas, para interceptação dos “carregos de gente maldosa”. Por fim, espalhar areia da praia do Rio Vermelho por onde se pudesse passar, para que se anulassem os passos desconhecidos. Areia do Rio Vermelho só, porque aí mora lemanjá, dona da cabeça de Manoel Cabelinho. Então, a porta foi aberta. E foram servidos a batida de maracujá e o “chuveirinho”, este feito de aguardente ao destilado mas fermentado de Sato Amaro, canela machucada, limão, água-de-flor e mel de abelha. Antes de entregar ao cliente o copo, derrama-lhe um pouco do líquido ao pé da parede, numa discricção que quase não se percebe o que ele e todos os baianos denominam de “despacho” (o que de mal poder ocorrer com a ingestão da bebida fora derramado). E Cabelinho tem sua estória, ou melhor, história, história de sua vida, não interrompida porque uma baiana de candomblé, já agora contando perto de noventa anos, conhecedora dos milagres da flora fetichista, fez que se curasse de cirrose, adquirido quando era um dia-e-noite padeiro de uma pastelaria da Praça dos Veteranos. Exemplifica-o, exibindo as dobras que ficaram da dilatação antiga do baixo abdômem. Então, passou a cuidar dela e a movimentar sua Quitanda que a mãe dela, também vinculada aos segredos de um Terreiro de Quêto em Cachoeira, instalou ali, quando o Terminal da Barroquinha tinha o nome simples de Barracão das Hortas. A Quitanda, então, é a projeção do Candomblé em que Manoel Cabelinho não pode estar todos os dias, porque não tem outro meio de vida, aposentado que é da atividade de panificação que exerceu por mais de vinte anos. Alguns atributos indispensáveis à prática do culto fetichista que, em certos aspectos não pode mudar, são adquiridos nas Quitandas, as raras Quitandas da Bahia de hoje, como a de Cabelinho: os candeeiros com as torcidas de algodão tendo como combustível o querosene comum; os charutos feitos à mão, em processo primitivo, e utilizados nos “ebós” ; o azeite grosso de dendê para as comidas normais dos orixás e que são colocadas nos pegís particulares ou no pegí secreto dos Terreiros; a pomba verdadeira, feita da flor da Barriguda ou do Timbó, árvores que se vão escasseando no Recôncavo, de onde provinha a matéria prima para preparação desse tão temível pó aos olhos dos leigos em assuntos do culto afro-baiano; as massas necessárias ao condimento de determinados bolos, integrantes dos pratos de certas “iabas”, como o amalê e o xirirí dos já desaparecidos ijexás.

²⁵¹ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 19 fev. 1972.

- Seu Manoel Cabelinho – lhe pergunta o turista – o que é tudo isso aí que o senhor vende?

E ele, não sem um sorriso matreiro de quem nada sabe dos fundamentos da seita em que nasceu e vive, responde:

- Não entendi. Isso aqui é, apenas, um comércio humilde das coisas da gente.

CABELINHO NÃO VIU QUE A CIDADE MUDOU ²⁵²

Jehová de Carvalho

Encontrei Seu Manoel Cabelinho, ontem, no seu boteco-quitanda no início da ladeira que liga o Terminal da Barroquinha à Rua do Castanheda com aquele mesmo jeito de há dezesseis anos atrás: a fala mansa e pausada com preguiça de sair da garganta, os lábios pouco se abrindo, benzendo-se a cada vez que chegue à porta um cara com ares estranhos.

– Seu Manoel Cabelinho como está achando as coisas por aqui neste Largo da Barroquinha?

E ele fazendo a careta própria de quem não gosta muito de tratar assunto consumado, infelizmente consumado responde:

– Como toda cidade, está uma desgraça. Estamos quase sem ouvir um ao outro, com esta barulheira desgraçada de ônibus.

●

É que Manoel Cabelinho vem dos bons tempos, tardos tempos em que o Largo da Barroquinha era simplesmente o poético Largo da Barroquinha das Hortas. Sua Quitanda ficava num quarteirão onde atualmente se vê uma espécie de jardim sem flores, ou melhor, um jardim de asfalto e postes. Aí as casas eram do tipo uma porta e duas janelas – duas portas, uma janela – porta baixa de batente alto. Amarelas, vermelhas e, alegres em sua tristeza de vida com uns meninos descalços nos passeios estreitos com placas de pedras de cal e uma turma preguiçosa de biscateiros jogando dominó na canícula da meia-tarde.

●

Quando os fregueses esvaziam a Quitanda de agora e deles só ficam os despachos das infusões pingadas no piso de tijolos junto ao balcão. Seu Manoel começa a se lembrar de quando o largo era uma enorme garage circular onde os bondes entravam gritando nos trilhos vindos dos bairros pobres marcados por “linha oito” “linha dezoito”, “linha treze” de uma Bahia que não pensava no Cia nem no ferry-boat. O motorneiro Abdias, dono de um bigode que lhe cobria os lábios, tinha um hábito de, trocado o pernoite com Leleco, baixar lá, na Quitanda antiga para ouvir com Manoel os programas de Jararaca e Ratinho na Rádio Nacional. Encerrada a audição afastava os fios do bigode pra não mordê-los quando se dava a contar anedotas de padre, de freira e de sacristão, que sua especialidade era esse trinômio de nossa religiosidade católica. Aí se vendia cuscus, na esquina na Visconde de Itaparica, Cipriano Barata e Baixa dos Sapateiros para o café na manhã. Cuscus que Cabelinho saboreava com a carne de charque assada, comprada às três da madrugada no Mercado de Sete Portas.

●

Depois o prefeito Machado mandou os bondes para o nunca mais, apesar da verrina do jornalista Simões Filho em seu glorioso vespertino. Sumiram do Barracão das Hortas os motorneiros e condutores (condutor era o cobrador), com suas fardas em cáqui, o chapéu militar em que brilhava uma plaqueta oval com o número deles e a sigla da Companhia Circular de Carris da Bahia. Em seu lugar vieram as moças cobradoras dos primeiros ônibus de marca Volvo, acionados a óleo. Uns veículos que trafegavam com raiva das ruas, as rosas tremendo como pés de atletas em maratona. O povo espantado olhava para eles, sem entender que a borracha sacudida em suas rodas era, simplesmente um aviso do progresso que ia chegando sem ser notado. Moça trabalhando em ônibus? Na Bahia?

²⁵² Cabelinho não viu que a cidade mudou. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 3-4 dez.1972

Manoel Cabelinho toma um susto. Um grupo de colegiais, com as saias beirando o umbigo, invadiu a Quitanda e pediu:

– Bebida para os músicos, crioulo! E não fique com a cara de macaco não olhando para gente! Crioulo mesmo velho está na moda.

Ele sorriu. Elas saíram. Pegou um limão espremeu no copo de barro. Juntou-lhe água-de-flor e cachaça de Santo Amaro:

– Home, olhe! ... E cada uma?! Beba que esta é especial para o senhor.

E era. Na ternura dele e no sabor dela e no sabor dela, a batida.

O IOCOCI DE OMOLU²⁵³

Jehová de Carvalho

Elas voltaram às ruas. Trazem vestidos brancos como deve ser. Estão descalças. Nas cabeças, o balaio e o pote. O turista abre a boca quando passam, mudas, aos pares, do balaio distribuem pipocas com pequenos pedaços de “coco da Bahia” que, como as “laranjas da Bahia”, estão sumindo da Bahia. Ao pote recolhem o dinheiro que lhes dão em troca do punhado de pipocas. Gente, isso aí é o lococi de Omolu, tão antigo em Salvador como o negro, vindo das diversas áreas tribais da África mística.

-----x-----

Há alguns anos, estas yaôs – mesmo as que tiveram ascendido a certas etapas da hierarquia das “camarinhas” secretas – não falavam com ninguém em seu percurso. Quero dizer: eram proibidas de comunicar-se com estranhos. Omolu as castigariam, fatalmente. Os baianos tinham a obrigação de saber, ao vê-las, que aquelas figuras cumpriam uma missão de humildade, como parte de um processo de purificação pessoal diante de Omolu. A um tempo, significava meio para consecução de donativos para as festividades – privadas e públicas – em honra ao orixá protetor dos que venham a sofrer (ou estejam ameaçados) de enfermidades da pele.

-----x-----

Quando saíam dos seus Terreiros, aos primeiros clarões da aurora, as yaôs sabiam de sua responsabilidade em fazer que se cumprissem as exigências de Omolu, transmitidas pelas yalorixás e babalaôs do Candomblé baiano. Uma das yaôs carrega corrente num dos pés. É a manifestação material de sua ligação com o orixá até sua definitiva iniciação, quando terá de lhe anunciar o nome perante o Terreiro. Teria de chegar ao lugar sagrado de onde saiu antes de o sol se pôr.

-----x-----

Mas, o progresso mudou o comportamento das yaôs no lococi e noutras “obrigações” do culto afro-baiano. O asfalto queima os seus pés. O trânsito obstruído e louco lhe impede, às vezes, de chegar ao Terreiro antes que a noite chegue. Os turistas as assediam para fotografias. Fazem-lhes, com insistência, perguntas a respeito do fetichismo que lhes soa como algo cheio de encanto e mistério. O jeito que tem é falar. E pelo visto, Omolu já está tolerando a imprudência de suas filhas. Porque não as tem castigado, como imaginava as mais sacerdotisas do Candomblé do passado. De qualquer maneira, se tiver de dar uma moeda à yaô em troca de pipoca não faça com a mão esquerda. Afinal, o progresso não teria nada com isso. Atôtô, Omolu!

²⁵³ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 20 jul.1973

DAS COISAS DO BONOCÔ QUE INVOCAM OS CEGOS ²⁵⁴

Jehová de Carvalho

A primeira vez em que baixei minha curiosidade no Bonocô foi quando a yalorixá Maria da Penha, a “Yenecy” do candomblé de Angola do conhecido Brongo de Cosme de Farias, retirava mais um barco: isto é, abria a porta da camarinha para que, três yãos saíssem a ver a luz do sol que há muito escapava aos seus olhos, já que estiveram recolhidas ali por seis meses. As casas de pau-a-pique penduradas nas encostas pareciam pombais azuis, verdes, amarelas e até roxas com nomes de orixás no alto da fachada. Os atabaques faziam seus alujás sob as varetas dos ogans, no meio dos quais o rontó, comandando o rumpí, tirando as canções em homenagem aos deuses incorporados que, naquele instante, se punham no salão à coreografia milenar que fala de sua história.

-----X-----

Quando as picaretas e as britadeiras do então prefeito Antônio Carlos Magalhães gritaram no verde dos Brongos do Bonocô, João Bocage, motorista da Secretaria de Segurança Pública, pai de umas três dezenas de filhos, crioulo risonho e bom, responsável pela existência e o triunfo, nas Festas de Reis, do Rancho do Boi, botou os olhos no Bonocô, do alto do mirante onde levantou um barracão para vender infusões e sarapatel nos sábados, e disse, profetizando:

– Meu pai, Omolú, a coisa vai ser feia. Tão derrubando as árvores sagradas!

Realmente, antigas gameleiras cultivadas na magia africanista: angicos centenários, cheios de cortes votivos em seus troncos espessos – se iam caindo, galhos rolando até o limite de um curso d’água que acompanha a linha do Vale até a saída dos fundos de Brotas.

Certa manhã, um trabalhador braçal deu com o machado numa árvore de Loôco sem saber que não o poderia fazer, desde que de suas raízes à última folha da copa, o príncipe negro que perdeu a medalha no deserto, “encantando-se” por desobedecer ao pai, tomava a árvore, dela fazendo sua morada, para haver de cumprir sua tarefa divina no atendimento aos pedidos que lhe chegaram em forma de dendê, amalá, sangue de galo preto, postos por mãos aflitas. No segundo corte, o machado falseou o ferro e quase que metade do pé do homem ficava ali junto à “comida” do orixá.

Um outro trabalhador começou a roçar o pé de angico dos fundos do terreiro do famoso babalaô Waltinho, localizado nas proximidades de uma cachoeira onde atualmente se localiza um posto de lubrificação e abastecimento de automóveis. Caiu por cima da foice e teve o peito aberto ao meio, morrendo depois.

-----X-----

De modo que, se você, hoje tiver descendo o Vale do Bonocô, subir uma ladeira asfaltada que vai dar na Rua Machado de Assis, em demanda à Torre de Brotas e à Avenida D. João VI, não se espante se bem na estrada da artéria, der com uma árvore de tronco com mais de um metro de espessura, geralmente envolvida por uma faixa branca e mostrando algumas amarras nos galhos mais baixos. É uma árvore de Loôco que operários mais cuidadosos, sabedores dos mistérios do candomblé, deixaram de arrancar. É velha. Mas, bonita e rica de silêncio como o culto que a divinizou. Assim, ao passar com o seu carro em frente a ela, por via de dúvida, pare um pouco, dê três toques com a mão no volante e vá em frente, Loôco o acompanhará.

João Bocage é capaz de, no mirante ao lado do Terreiro de Yenecy, compreender seu gesto e resmungar baixo:

– Meu pai Omolú, estão respeitando as árvores sagradas.

²⁵⁴ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 22 mar.1973

Jehová de Carvalho²⁵⁵

Mal pode andar, agora sustentado em duas muletas. A mesma figura erecta. O mesmo olhar anunciador da inquietação intelectual.

- Eduardo Tudela. Meu abraço antigo embora interrompido nestes últimos anos. Ele é uma pretensão de elegância. O paletó a jaquetão, golas largas, a calça escura vincada. A gravata borboleta. Um poema à boca. Sentei-me, portanto, no Restaurante Perez, do Comércio. E os versos vêm-me às burras. O primeiro foi um que ouvi, no antigo Bar Nacional, de João Gordo, na rua do Bispo a que deu o título de Poema da Partida e do Retorno. Seria a abertura do livro, que ele dizia, “já no prelo” e que até hoje, decorrido vinte anos, jamais surgiu, ao menos na estante de alguma livraria de bairro ou nas barracas de jornais nas esquinas das ruas pobres. Sei eu, muito bem, da vontade e da luta obstinada de Tudela em levar à biblioteca daqueles boêmios que tantas vezes o aplaudiram nas madrugadas dos bares já desaparecidos, os seus poemas acadêmicos, do mais inequívoco rigor parnasiano. Muito moço, esse poeta desconhecido, deixou a Universidade de Coimbra, onde cursava Literatura, para aventurar-se nas lides literárias brasileiras, preferindo, de logo, a Bahia, pelas suas semelhanças com a cidade em que nasceu. Aqui cedo, verificou da impossibilidade de integrar-se na vida cultural da cidade, tão fechada a quem, aquela época não trouxesse, entre os alfarrábios, títulos de nobreza ou prosa de boa linhagem. Mas, o poeta Eduardo Tudela deu-se a amar de mais sua nova terra. Passeou sofrimentos pelos recantos boêmios da época, fazendo revisão de textos para revistas de surgimento eventual e de vida pouco duradoura. Representou firmas editoras de calendários, ele próprio os vendendo nas casas comerciais, na sua maioria, de propriedade de patrícios seus, que lhe admiravam a inteligência e o estro, por conta de que lhe aceitavam as encomendas. Mas nunca deixou o ofício da poesia cujos cânones (hemistíquios, rimas ricas, métricas perfeitas) defendia diante da revolução chegada à província nos domínios de sua arte. A palavra, anatomicamente isolada, com efeito poético próprio, sugerindo as mais variadas formas de entendimento não tinha aceitação da parte do vate brasileiro. Empunhava, sempre, para efeito de dirimência de dúvidas em toro do assunto, o dicionário de rimas publicado pelo “vulto maior do parnasianismo brasileiro”. Olavo Braz dos Guimarães Bilac, para Graça Aranha um chato que tinha alexandrino galicista no nome anti-poético.

- Você ainda tem a cópia do meu “Urubu”.

Era um soneto que se inicia, com o popular quase humano rapináceo, abandonando a torre de uma catedral, “implumado e garboso”, “asa aberta em sutil antegoço” sem trazer de “outros seres a sanha ardente e ultriz”, esse avejão, satisfeito e feliz que se exalça alheio ao vil rumor da turba que, distante, o apedreja e maldiz”. O “Urubu” foi a obra-prima da poesia decadente da noite boêmia dos anos cinqüenta.

E Tudela deixa o restaurante Perez como se com ele, sobre aquelas muletas, estivesse carregando uma fase pura das madrugadas baianas.

²⁵⁵ A Tarde, 05 de abril de 1971, p.10.

ERA UMA VEZ OS BALÕES E SEUS MESTRES ²⁵⁶

Jehová de Carvalho

Quando nos era possível, a nós, os baianos, assistirmos aos balões pandos cobrindo os céus e disputando com as estrelas o apego à luz, nunca nos perguntamos:

- Há algum ritual ou existiu, em alguma época, a devoção da feitura e soltura dos balões?

E agora que entre os componentes da paisagem artesanal do São João, eles desapareceram, por ordem do progresso, devo dizer-lhe que sim. Há ou melhor havia entre os antigos soltadores de balões, comportamento devocional.

Tive um vizinho no meu Beco dos Cravos, o capitão Eduardo Cáliga, do Exército, preparador físico muito conhecido nos meios esportivos baianos, que todos os anos faz cumprir a sua devoção. Não é, propriamente, com o São João. Mas, ele entende que os balões, conforme seus antepassados, nascidos todos nesta Cidade do Salvador, são do agrado do santo, que se alimentava de gafanhotos e mel silvestre e não se julgava digno de desamarrar as correias das alparcatas do primo, Jesus, que viria depois a lhe sustentar a pregação. E se os balões seriam gosto de João, então devem (ou deveriam) ser feitos com muito cuidado. Isso posto, hão de ser saltados, nos primeiros instantes de madrugada do dia Vinte e Quatro, da janela da casa da pessoa mais querida de quem mantém a tradição-devoção.

Assim, o capitão Eduardo - como é conhecido pelas crianças do Gravatá - com antecedência de um mês do São João começa a adquirir papéis próprios, (seda encorpado em quatro cores: verde, azul, vermelho e amarelo). Corta-lhes, em dimensões iguais, as folhas. As taras finas de bambu devem possuir o mesmo peso, como as buchas que, em chamas, os levarão (ou levariam) a qualquer ponto de uma infinita e poética rosa dos ventos. Seus balões nunca tem menos de três metros de comprimento e um de diâmetro. A alguns deles atribui longas caldas, com uma lanterna na extremidade. É o primeiro a ganhar os caminhos do vento, geralmente na direção do mar e constitui essa lanterna uma forma de saudação aos grandes fabricantes de balões da cidade, cujos expoentes se encontram na península Itapajipana com diplomas em medicina, em direito ou, apenas, uma carteira no Ministério do Trabalho, com a anotação de que trabalha nas Docas, nos porões dos navios ou no balcão dos armazéns de secos e molhados. Mas, ao saltar esse foguete, quero dizer, o de lanterna, o capitão o faz da residência de sua mãe. Só então volta ao Beco dos Cravos, para mandar, o resto dos balões, cada qual mais belo aos céus, nessa noite todo um imenso domínio do João, o núncio do Cristo no Mundo dos mortais.

Homem sério e obediente às leis, as quais aprendeu a respeitar nas fileiras da arma a que tem dado sua existência, o capitão Cáliga, neste ano, escondeu-se dos meninos da Independência, Palma, Gravatá, Praça dos Veteranos, porque não lhes vai responder a pergunta:

- Capitão, cadê os balões pra gente soltar?

E imaginem: certa feita, vão por aí uns dez anos futuquei-lhe para saber desse seu amor pelos balões:

- Vizinho, quantos desta vez?

E ele, fósforo à mão para acender a bucha de um verde-amarelo:

- Os poetas dizem que eles são como os sonhos. Apagam-se e coisa e tal... negócio de poetas. Se é verdade, não os conto nunca, porque também os sonhos não são quantidades para soluções matemáticas.

²⁵⁶ *Diário de Notícias*, Caderno 1, 22 de junho de 1972. p. 4

SEM SUTURSA COMO SERÁ O CHUTE TURÍSTICO ²⁵⁷

Jehová de Carvalho

Felizmente deram fim a um certo fenômeno que, na Bahia, andou se chamando de SUTURSA. Não porque devesse, simplesmente, se acabar. Mas, porque nunca se justificou como alguma coisa que pretendesse fomentar, orientar, desenvolver o turismo entre nós, em moldes racionais, à base do que possuímos como elementos que, preservados, o pudessem servir. Antes contribuiu, com o despreparo dos que compunham a mesma entidade, para a desfiguração de muitos dos nossos bens de cultura popular. A primeira desgraça que cometeu foi, em nome do progresso, acabar com o tradicional Cassino Tabaris, uma das casas, no gênero, mais antigas do país. O velho Mota, um dos criadores da noite baiana, antes de morrer chegou a confessar a um seu sucessor naquele estabelecimento que o seu sonho era fazer dali um museu da boemia de Salvador. O museu seria na parte superior do prédio. Embaixo, continuaria o *night club*, com seus shows na madrugada, oferecendo atrações nacionais e internacionais. Já pensaram: uma casa que guardasse, para mostra ao turista, o bandolim com que Eugenia Camara acompanhava, ao som de Dalila, as declamações do poeta Castro Alves, nos saraus que o casal promovia na noite do meado do século passado? O chapéu de Antônio Calmon, correndo pontos de concentração de negros capoeiristas? E algumas bridas do cavalo do cabo Horácio, comandados por Pedrito Gordilho, desfazendo serenatas? E o violão de seresteiro Balalaica, um dos últimos das madrugadas de Salvador até o início da década de cinquenta? E a bengala do poeta Fabio Amado, usada na noite em que começou a enlouquecer pela beleza de Margareth? O catetoscópio com que o médico Rubens Chaves atendia aos seus clientes mais pobres dos bairros afastados da cidade, chamado que era nos botecos, nas casas noturnas que frequentava, os vales de governadores, deputados, conservados até agora pelo garçom Aristeu como relíquia de sua vida profissional? E o cacho de banana com que Carmen Miranda cantou, pela vez derradeira lá mesmo, no Tabaris? E as mesas em que se sentaram Mirandão, Vadinho e Arigofe, todos personagens de Jorge Amado em romances diversos? A casaca do Príncipe Mário, com que se apresentava para anunciar os balés famosos que vinham ao Tabaris procedentes da Argentina, do Uruguai, de Paris. Algum objeto ou instrumento das grandes orquestras que animaram a noite da Bahia, como a de Netinho, Britinho e seus Stucas, Vivaldo e os Brazilians Boys? E o pandeiro de Galo Cego (Djalma), o maior pandeirista baiano e um dos mais respeitados do Brasil, o pistão de Álvaro ou de Almerio? A batuta do maestro Agenor Gomes? As castanholas de Açucena Morales, Dicks Doll e Sheila Campanera? E um dos penachos das mulatas do primeiro balé de revista negro do Brasil, organizado por De Chocalat? E os totens do doutor Alodê? E a navalha utilizada por Zulmirona nos órgãos genitais de determinada senhora da sociedade que lhe roubou o amor do ourives Abdias, uma das mais elegantes figuras da madrugada de antes da guerra?

-----X-----

Certa feita, chegou a SUTURSA um jornalista, velho frequentador do Tabaris, e deu uma de muito moralista para agradar a preconceituada família baiana de então: simplesmente acabou o Tabaris. Na noite de despedida houve até lágrimas das gerações mais moças que começavam a conhecer sua intimidade. Transformaram-no num pretense Centro Folclórico que, pode ser tudo, inclusive Centro de Embromação de Folclore, menos folclore. Por tolerância, ignorância mesmo da ex-SUTURSA, o pobre do turista, sob a revolta dos de casa, pagam caro para ver as baboseiras de

²⁵⁷ *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 02 fev.1973.

Caiçara, danças improvisadas de Candomblé com umas moças que nem em público sabem apresentar-se dando umas de “cair em santo”. Uma noite dessas, depois de sacolejar o corpo, uma delas cuspiu no piso. A SUTURSA já vai tarde. E demorou de sumir. Tomara que com a pretensa privatização da política de turismo não se dê continuidade a tanta dilapidação daquilo que recebemos de graça por nossos antepassados.

DA PRAÇA/ DOS CEGOS/ DO CAMELÔ ²⁵⁸

Jehová de Carvalho

Eu nunca me esqueço daquela manhã em Juazeiro. A feira livre em torno do velho Mercado da Praça em sua plasticidade sofrida: o menino do cata-vento, a moça das repassada na gordura feita em caçarola de flandas finas vindas de Petrolina, a matrinchadre sob tripés de remeiro dourando o gamela de cedro, as flores de papel crepom repetindo, timidamente, as que infestavam de cores o jardim da beira do Rio São Francisco. Do meio da feira, a voz do cego Serafim: “Eu sou um cego infeliz/ antes não tenho alegria/ não pela falta de vista/ mas, pela falta da guia/ pois quando tinha mãe/ eu era um cego que via”.

-----O-----

Tudo isso, para dizer-lhes que o Largo do Terreiro vai bem. Entendo que outras praças da cidade morreram em seu túmulo antigo de tipos humanos curiosos que lhes emprestavam uma paisagem singular na tranquilidade da Bahia de há vinte anos atrás. A praça Cairu já não é mais dos trovadores de cordel como ao tempo de Pedro Martin, José Augusto, Cuica de Santo Amaro e Rodolpho Coelho Cavalcanti. Dela também sumiram os engraxates, aqueles que faziam verdadeiras coreografias com os braços, utilizando a escova e a seda com que com o auxílio da graxa, faziam que os sapatos brilhassem.

Encerrada a tarefa, gritavam para o freguês, mudando a almofada de lado: “O senhor nem precisa espelho para pentear o cabelo; basta mirar-se na luz desta sola aí”.

-----O-----

Então, eu fui ao Terreiro. Vi o camelô Otílio. Conhecido por Caboré devido ao seu rosto e triângulo guardando uns olhos aproximados do nariz. A mesma bossa. O jeito como conheci sentando, fazendo discursos à mesa da Manon, na esquina da Sé. A palavra fácil como antes. Os truques de comunicação superados como por exemplo o camaleão que fala e que, ao fim do que ele chama de “propaganda” não fala nada, a não ser depois que os seus medicamentos que servem para tudo se esgotem na caixa surrada de couro curtido e o dinheiro jogado perto dela seja por ele recolhido. E, findo este ato, outro não surge no dia-a-dia de Otílio, a não ser em outra praça de um bairro afastado.

-----O-----

Mas, Otílio deixou no seu ponto de vendas – que nada mais é do que o tronco de uma das palmeiras imperiais em frente à Cantina da Lua – um cego sexagenário, de voz entoada e lenta, que canta temas interioranos que tratam da seca, da lua alta na serra, do vestido de chita de Rosinha, tudo como se ele, alguma vez tivesse visto essa lua pegureira de rebanhos nas caatingas ermas de sua região. O povo lhe atira moedas numa lata arredondada que ele, o cego, chama de salva. E, para minha surpresa repetiu: “Eu sou um cego infeliz/ hoje não tenho alegria/ não pela falta da vista/ mas, pela falta da guia/pois quando tinha minha mãe/ eu era cego que via”. Será que era aquele cego de Juazeiro? Não sei. Sei apenas que a voz dele não era muito estranha, na minha saudade.

²⁵⁸ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 7-8 out.1973.

QUE BUSCA SEM GRAÇA E CHEIA DE SURPRESAS²⁵⁹

Jehová de Carvalho

De vez em quando, nos instantes em que os ônibus empacam na massa do tráfego e os taxis somem estrategicamente para os bairros mais distantes, dou uma das conhecidas do velho Gentil, pai do jornalista Sostrates Gentil: me dou a andar pelas ruas ombreando a multidão pelos meios-fios, subindo e descendo passeios. Primeiro, constatei, nessas caminhadas que ajudam a circulação sanguínea dos sedentários do asfalto, que as caras conhecidas estão desaparecendo na impessoalidade do povo, todo ele desgravatado, sem meias pretas, paletó saque, gravata borboleta, chapéu de aba larga ou saias compridas, sapatos à Luiz XV, fita no cabelo, flor roxa na gola do vestido. Parece uma gente nova nascida da festa de outras gerações que, aos poucos, se recolheram à varanda por haver perdido seu lugar na alegria coletiva. Depois, a plástica que se opera nas avenidas: os gradis de ferro trabalhando na bigorna dos mestres-ferreiros da Ladeira da Montanha e saindo das janelas para que as sacadas de concreto lhes proteja o acesso, com toda a segregação a que leva o Homem o medo das revelações do fim do século. Nos térreos se cria um comércio feito para atender à pressa de quem sai de casa e não se quer demorar demais na rua, os tímpanos agredidos pelas buzinas, as pernas ameaçadas pela velocidade dos carros ou pela “neurose das paradas” que fintam a razão dos motoristas, a bolsa levada por uma pivete na primeira esquina.

-----X-----

Sofro eu. Sofremos todos os que, mesmo sem as obrigações do trabalho, cruzamos becos e praças, numa ânsia de liberdade que macrópole não permite, ela a grande carcereira da gente que não a conhecia. Digo isso porque ontem, havendo de cumprir certo trajeto antigo em meus passos, quase me perdia até encontrar o ponto a que me destinava. As vielas de antes estavam sepultadas sob aterros de um parque de estacionamento. Aí era o Politeama em cuja parte baixa o pai-de-santo Valdemar batia seu candomblé em honra ao seu Ogum, Rei de Guiné, sob as vistas do lapidador Ksander, um checo aventureiro que veio ensinar sua arte às indústrias de vidro da Bahia. Mais adiante, na Leovigildo Filgueiras, as casas centenárias da curva da rua já não estão mais lá, à exceção da tenda de portas verdes do barbeiro Eloy. A agência dos Correios, perto do Abrigo da Freiras, é o começo da nova rua que, hoje, ouve o violino do professor Pires da Veiga, sob a regência tolerante do filho e maestro Carlos Veiga. Ao longo da Avenida Sete duas casas bancárias cobrem as Pastelarias Mimosa, Alameda e restaurante Porto, do tempo do poeta Egas Moniz Barreto de Aragão (o filho) que fundou o Instituto Criminal Afrânio Peixoto. Mas, como Gentil, o velho, quis que as pernas tivessem descanso. Na Piedade, jardim exposto ao sol doendo nas orelhas. As árvores da Avenida secas, falhas, podadas, nuas. No Campo Grande repousei os pés. Apesar de mutilado, ainda é o mais acolhedor e, talvez, o único jardim da cidade digno de tal denominação. Na casa da moça Aurora um supermercado lhe esconde o sorriso de há vinte anos. Visitei-o, por mais de cinco anos, para conferir o Índio do Monumento ao Dois de Julho com o postal da capa do caderno do Colégio do mesmo nome, para cujas provas estudava ali naquele remanso de fícus e trepadeiras. Conseguir rebuscar na memória alguns dias da infância quando o prefeito Cleriston Andrade me falava, na aula de História, das lutas medo-persas e das aventuras guerreiras de Aníbal.

Custa a crer que o jovem e entusiasta professor de Dois de Julho permita que se lance sobre a areia branca do parque as capas de asfalto que o entendimento dos seus

²⁵⁹ Diário de Notícias, Salvador, p.4, 18 abril 1973.

técnicos descobriram como um grande serviço de sua administração. Porque seria ajudar no desenfreado processo de desumanização da mais humana das cidades brasileiras.

MEIA HORA DE BAHIA NA MESA DO MOREIRA²⁶⁰

Jehová de Carvalho

Antonio Moreira, com aquele seu jeitão aberto de tomar atitudes, me traz à mesa uma figura importante de Portugal: o secretário de Turismo de Porto. O homem queria saber sobre a Bahia. Mas, a Bahia de antes dessas transformações urbanas. Afinal, ele é também um professor de Belas Artes e estava a sofrer o que tenho denominado de dilapidação do patrimônio arquitetônico baiano. Falei-lhe das ruas que ainda conservam alguma coisa de feição antiga.

- E a Baixa do Sapateiro? - me indagou.

- Vai acabar uma hora dessas aí.

E parei nela. Começou a me chegar à memória, ajudado pelas lembranças do técnico Ari Tavares, um mulato descendente de calabrês e africano, uma fila imensa de tipos excepcionais que povoaram e marcaram a rua que inspirou, sem que a conhecesse, o compositor Ari Barroso.

Entre Domingos Diabo – o caro cujo o assobio se ouvia até o Largo das Setes Portas na madrugada do Mercado de Santa Bárbara e até hoje peças do vestuário íntimo feminino na subida do Ferrão; Cecílio, o que vendia livros de cordel e “revistas de modinha” (impressas no Pelourinho na Tipografia Moderna) Aloísio, um palhaço perna de pau, vestido de pijama de chitão fazendo reclame das lojas, entre estes – repito – estava um galego de nome Amador e a o dono do Bar Dois de Maio (ninguém até agora sabe porque esse “dois de maio”) . E tinha mania de fazer enterros de amigos. Mas, só ficou famoso mesmo foi quando pagou o sepultamento de uma mulher que, por força das paixões jornalísticas, é relembrada por todos os baianos que vieram da época como “A Mulher de Brotas”.

----- X -----

Enciumada certa noite, por ter flagrado o marido ao lado de uma outra mulher, passeando pelo Largo da Cruz da Redenção, ela o esperou que dormisse e lhe seccionou, por inteiro, o membro vil. Alguns anos depois, encontraram-se por acaso no mesmo bairro, e ela passou a zombar da desgraça que lhe impôs, pelo que recebeu dele, vinte e tantas facadas. Amador os conheceu quando o assassino e a vítima eram felizes, fazendo sempre, em seu bar, pequenas compras de defumados. Porque além de bar, o estabelecimento era também confeitaria e pastelaria.

O professor de Belas Artes saiu depois de partilhar meu modesto cálice de vinho de segunda, prometendo m encontro, ao lado de sua esposa, ali mesmo no Moreira que, aliás, estava muito triste: havia chegado o enterro (estamos falando de enterro) de um amigo. Amigo de todos os que freqüentam o restaurante para a bacalhauada de quarta-feira.

Apenas omiti um detalhe: Amador, por questões de desacerto nos negócios foi mandado, de volta, para a Galícia, por empenho da colônia espanhola. Ela, aquele tempo, agia, como sociedade secreta de fiscalização do comportamento dos seus integrantes. Mas, que Amador dá saudade, lá isso dá.

²⁶⁰ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 20 set. 1973

A GAVETA GARDEI-A NA VERDADE ²⁶¹

Jehová de Carvalho

Tenho toda uma ternura pelas coisas antigas e me doi mesmo ouvir do pessoal para frente aquela conhecida e demolidora expressão: “já era” para efeito de classificação do que foi passando. Entendo que a pressa da vida moderna, ajudada pelo esforço das comunicações, supera em dois minutos o que se elaborou em um ano, até nos domínios da criatividade, da tecnologia, da cibernética. Na arte, então, o fenômeno me parece de suma crueldade chegando mesmo a sepultar o mais válido porque mais estético em favor da improvisação, do mau gosto, da subcriação. Nas festas de Bonfim e Ribeira, a velha marcha (de há uns quinze anos) carnavalesca “Colombina” de autoria de Armando Sá e Renato Mendonça – este, companheiro associado já falecido – aos poucos engoliu os iê-iê-iês dos cabeludos e tomou conta da alegria popular. Os turistas que não lhe conheciam a letra, que pretende mostrar a fossa eterna de Pierrot pela perda da Colombina, facilmente a foram assimilando, de modo que todo povo cantou a música baiana dos Carnavais passados.

-----oOo-----

Foi quando passou um cordão de uns cinquenta rapazes gritando “o já era” e, em cima de Colombina puseram o som de “Araruta” a que emprestou a nova geração brasileira, em nome da desmistificação do palavrão, uma rima chocante e despropositada que, antes de revelar a animação coletiva demonstra a intenção de agredir a sensibilidade alheia. Pois bem, o que aconteceu foi que até pessoas nas quais o professor Pedro Dias reconheceria “uma idade provecta” aderiram à canção dançando em fila pelo grande Largo da Ribeira. A mesma coisa verificou-se com um samba de primeira ordem, inclusive com soluções concretistas composto por Valter Queiróz Júnior, um dos maiores poetas brasileiros jovens. O samba é “Susana – Estrela – Ribeira”. Não deixaram que fosse cantado pela roda que se fez numa das barracas próximas ao cais. De novo, “Araruta”. Recurso compressor que fez de Chacrinha o grande promotor dos “boleros” de Valdick Soriano. A arte sucumbe, impotente, à mediocridade. O famoso adágio, segundo o qual “faça fama e deite na cama” assumiu as proporções de “arrume um lançamento na TV e se torne o melhor”.

-----oOo-----

Pois é, há uns quatro dias, me demorei em frente a uma Capela em estilo moderno, recém-construída na cidade. Não a vou identificar num respeito à fé dos que a frequentam. É um grosso arremedo das concepções arquitetônicas dos templos de Niemeyer. Parece-se com tudo, menos com uma igreja. Falta-lhe a gravidade e até a ambiência mística ocorrente em tais construções. É que o “já era” atingiu também a Igreja, voltada agora para um tempo novo. O altar bordado e frisado de ouro, as cadeiras trabalhadas com almofadas no assento para descanso dos joelhos das beatas, não tem mais sentido. A missa não é o antigo monólogo latino dos sacerdotes, mas um bate papo tranquilo, sustentado, às vezes, por músicas quentes, bem distantes, em estilo, dos benditos e dos “kiries”.

-----oOo-----

É por isso que, no dia trinta próximo, terei de ancorar meu navio-andarilho na Vila de Camaçandí no Município de Jaguaripe. Depois da alvorada preparada pelo estudante de Direito Hamilton Viana Pereira, um bisneto raro de condes e barões, embora de boa cepa mestiça, dosar-me-ei diante do altar do São Gonçalo, cuja imagem sairá em procissão, lívida em semblante que só os santos possuem e os artistas enxergam. A Capela é pobre. Mas, ainda mostra um padre de batina com paramentos em branco e vermelho, a um tempo festivo e solene como a Igreja da minha infância. O turíbulo

²⁶¹ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 3, 21 jan.1972

ainda distribui pelas sacristias a fumaça dos incensos e o sacristão ainda muda o missal de uma extremidade a outra do altar-mor.

Depois, entrarei no primeiro boteco da Vila, daqueles decorados com folhas de pitanga e higienizados com areia da praia. Como não cantar, então, o frevo-campeão do Carnaval baiano de 1972? É um que termina assim “a Verdade guardei na gaveta”. E como tenho toda uma ternura pelas coisas antigas, como já disse aí no início, não me importa muito a verdade que alguém ainda tenha, mas a gaveta de que disponha, em hora hábil, para guardá-la.

Se eu pudesse, continuaria a morar bem – num beco; e morreria, gloriosamente – num boteco. Mas, na Bahia.

MUDARAM DE COR AS TARDES BAIANAS²⁶²

Jehová de Carvalho

Quando a tarde chega, o baiano de agora não tem para onde ir, como ponto de encontro de amigos para o bate-papo de antes. Foi-se o Café Bernadete, junto à antiga esquina da Livraria Civilização Brasileira, local onde intelectuais e políticos planejavam bases, nunca atingidas, de reformas literárias e artísticas e revoluções de sistemáticas sociais. Logo após, a Livraria também desapareceu num incêndio que lhe queimou todo o acervo. Assim, eles se separaram em grupos: os jornalistas se punham sob a copa de uma árvore em frente ao prédio do Passo Municipal, discutindo os avanços da imprensa nossa, com a chegada dos teletipos de “A Tarde” e a impressora Goss, do “Diário de Notícias”, “máquina, gente, que só falta falar” conforme a via o diagramador e chefe de redação Inácio de Alencar. Acontece que, certa feita, um cronista passou aí vexames, assediado que foi por um investigador de polícia, integrante da segurança do Palácio Rio Branco, justamente por haver criticado, não sem irreverência, ao governado Juracy Magalhães. Por tal motivo, os homens de jornal, não se sabe se por precaução ou solidariedade, se foram afastando da esquina da Prefeitura. Ocorre que, sem muita demora, o Palace Hotel criou sua sala de chá, com shows às cinco e a que não faltaram a voz de Shirley Saldanha, Thelma (hoje cantora de cabarés nos Estados Unidos) e a Orquestra de Britinho, cuja principal atração era o pandeiro de Djalma, conhecido por Galo Cego. O dono da bossa jornalística e das inovações das artes plásticas, das letras, juntaram-se outra vez senão entre xícaras de chás ao menos entre taças de “sputinicks”, um seco e saudável aperitivo, cuja a fórmula o barman Sergipe não revela a ninguém. Ocorre que, com a explosão do restaurante Guarujá, no Largo da Ajuda, seu proprietário, o maneiroso e mui gentil Sr. Agapito integrou-se no corpo diretivo do Palace e, com sua sabedoria hispano-lusitana, decidiu substituir a sala de chá por um grande salão de espera, destinados aos hóspedes. Entrementes, boquiabertos, os poetas Castelar Sampaio, Flávio de Paula, Fernando Diniz, João da Hora, todos cultores da larva parnasiana, viram a Pastelaria Triunfo devorar-se por chamas que, até hoje, ninguém sabe de onde surgiram. Bem. Os intelectuais aposentados passaram a fazer ponto na esquina do Palácio, na Rua Chile, felizmente até hoje presididos pelo escritor Carlos Torres. Os jornalistas desapareceram, salvo os da nova geração que criaram seus cantos de cortição, assim mesmo nos fins de semana, pelos mercados públicos sobretudo, acompanhando universitários de outras profissões. Os músicos perderam o Bar Centro-Oriental, na Sé, onde acertava a criação de orquestras, a contratação de novos empregos, viagens para bailes e shows em cidades do interior do Estado. Os corretores do Mercado de Capitais perderam o passeio remançoso do Lanchile, com o incêndio do Edifício Catharino, em cuja esquina também faziam assembléia os juízes, os promotores, os desembargadores do nosso foro. Os que se habituaram ao centro da cidade e que, por força do progresso manifesto na carência de taxis, na obstrução do tráfego, não tem meios para que se desloquem para os pontos bafejados pelas virações da orla marítima, estão como baratas tontas, resistindo a entrar em lanchonetes para tomar uma cerveja refrigeradora, imprensados entre bancos de ferro forrados de couro de vaqueta, com o vizinho a lhe futucar as pernas. De mim, prefiro a queda vermelha do sol sobre casario do Sodré, como forma de tolerar o desamor a que me têm jogado as desilusões da madureza.

²⁶² *Diário de Notícias*, Salvador, p.4, 16 fev. 1973

A BAHIA E OS EFEITOS DE VINTE E DOIS²⁶³

Jehová de Carvalho

Já pensou, na Bahia, falar-se e inovação ou revolução estética? Não era brincadeira. Mas, os ecos da “Paulicéia Desvairada” atingia todos os quadrantes do país. O menino Mário Quintana, no Rio Grande, só tinha uma frustração: a de não poder voltar à infância sempre nele, porque à época, quase não a possuía; em Pernambuco, Gilberto Freire, propunha a sociologia da Casa Grande e Senzala, posteriormente, a “Nova Bíblia” (porque a primeira foi “Os Sertões” de Euclides e a verborreia de quase ficção de Canudos) da cultura em torno da lavoura e indústria canavieiras, cujo Novo Testamento, sem dúvida, se identifica no romance desse mesmo ciclo criado por José Lins do Rego. No Rio Grande do Norte, alguns dos Girão, se entregavam ao emprego de elementos folclóricos pesquisados numa literatura que, no Nordeste, passou simplesmente sem vista. Gente, era o Movimento de 1922 que, de São Paulo, penetrava, timidamente, no que planejavam os representantes mais sensíveis das gerações literárias desse quarto de século tão marcante nos destinos do humanismo brasileiro. Em Pernambuco, ainda se recitavam, com última inspiração, os versos condoreiros de Tobias Barreto, o germanófilo filósofo e professor da Faculdade de Direito de Recife, dos anos de 1866-70. O jornalismo ainda trazia o estilo da verrina de Evaristo da Veiga e os juristas justificavam suas normas à imitação da retórica ruiarboseana; os cientistas – à frente dos quais se punham os médicos – se entregavam mais aos misteres da literatura e da política do que à ciência propriamente dita, em sua significação positivista. Altamirando Requião era, ao lado de Simões Filho e o diretor da “A Hora”, tragicamente desaparecido, num dos cafés da Cidade Baixa, o trio incomparável dos grandes editorialistas. No Congresso Nacional, as frases do espírito e os trocadilhos que fascinavam a plateia barroca dos brasileiros. E, vejam, a Revolução de Trinta ainda germinava. O Nacionalismo desmedido, quase jacobinista pregado pelos insurgentes da literatura e arte nossas, tão bem expresso por Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Menotti del Picchia na linguagem de Oswald de Andrade, ao definir as bases do modernismo, foi, como bem enxergavam os historiadores da Segunda República, um dos elementos acionários do Movimento Político que resultou no alijamento, de Washington Luiz, do Poder. Se houve uma unidade da Federação a que bem tardiamente chegaram as influências da Semana de Vinte e Dois, foi a Bahia. Pudera também! Enquanto Graça Aranha, na Academia, enfrentava a opinião compressor da imprensa carioca contra os seus “sonetos futuristas”, Coelho Neto, o grande contista que esbarrou na crônica de Humberto de Campos, para que pudesse deixar de entusiasmar os de sua época, bradava: “Eu serei o último dos gregos”. Carlos Chiacchio, ouviu tudo isso por quase dois decênios, em seu silêncio de sábio. O muito que poderia fazer sem que violentasse a opinião crítica dos intelectuais baianos de após a Semana, era afirmar que ela tinha seus pontos válidos, como a proposição de uma linguagem eminentemente brasileira, sem as peias ortográficas de pouca contribuição semântica, a promoção e recriação de nosso meio, tão diverso da ambiência europeia. Foi aí que surgiu a Ala das Letras e das Artes, o mais importante movimento literário artístico baiano, com o lançamento de Nathur de Assis, João Moniz, todos já orientados pelas poesias de Carvalho Filho e Godofredo Filho, isolados ambos no caminho do modernismo. Mas, só a partir de 1950, é que, com o Caleidoscópio de Heron de Alencar, na “A Tarde”, ele professor de Literatura da Faculdade de Filosofia, é que as bases da Semana foram tomadas por expressiva área da intelectualidade local, no jornalismo, na poesia (Wilson Rocha e Jair

²⁶³ Diário de Notícias, Salvador, 1º mar. 1972. Caderno 1, p. 4

Gramacho) e, sobretudo, nas artes plásticas com a volta da Europa de artistas como Mário Cravo Júnior e Carlos Bastos, respaldados por Caribé. Aí era o caderno da Bahia, movimento articulado por estes e Cláudio Tavares e cujo principal momento foi o seu livro “Pássaro Sangue”, a negação de tudo quanto se fazia, nesta terra, em termos de poema. E foi da progressão de Carlos Chiacchio, com sua Ala das Letras e das Artes que vimos a “Geração Mapa” o surgimento de intelectuais como Florisvaldo Matos e sua nova poesia política; Glauber Rocha e seu cinema protesto; José Maria e sua gravura-denúncia. Chegou tarde aqui a Semana de Vinte e Dois: mas, isso feito, abalou a Inteligência nacional. Sem baianismos.

DO GÊNIO BAIANO NA FEIRA DO LIVRO²⁶⁴

Jehová de Carvalho

Então, eu estava sentado a uma mesa do restaurante Guaciara, o mais lírico evento da noite baiana, quando ouvi o jornalista Rui Espinheira falar sobre a Feira do Livro, instalada, quinta-feira passada no Belvedere da Sé. Mas, quando o Rui levava esse papo, a promoção demorava apenas, nas barracas levantadas naquelas estradinhas do calçamento entre as arquiteturas, por sinal belas, da Santa Casa de Misericórdia e o velho Palácio da Sé. O Almir Vasconcelos (o De tojo dos contos enigmáticos da literatura das louvanias do Ildásio Tavares, do Carlos Cunha e do Oleone Fontes) já treinava, em casa e diante do espelho, o volume (é volume mesmo) do nó da gravata vermelho-bourbon que usaria “em essa noite assaz alviassareira para à cultura baiana” – na linguagem de um dos Faria Goes, acho que o das quadras quando, ele, o Almir distribuiria, gratuitamente, o seu conto: “O Ser Polivalente Acunpto ou há muito não vejo o grande De Tojo. O Sostrates a Flor pos-Marte/Arte”. Bem, conversa do Rio, que Gentil a sensibilidade jornalística de cronista político cujo mérito lhe reconhecemos todos, por não ser escritor na estrita conceituação do termo, limitar-se-ia a anunciar, na ocasião, o que, ao final da mostra, denominaria de “Tendências Marcianas ou Khanianas no Sargento Getúlio” do futuroológico aqui da casa João Ubaldo Ribeiro, em seu sábio humor cotidiano. O Guido Guerra iniciaria um discurso com o termo “com efeito”, mostrando que Ariovaldo Matos é sempre o chefe de reportagem das produções literárias baianas, entregando seus pensamentos bem vívidos e sofridos a outros que não se mancam em subscrevê-los. E o Ari, por sua vez, a procurar, em pequenas entrevistas, que deveriam constar de um leve estudo sociológico em torno das transformações dos hábitos urbanos nossos, “O estar sem ocupar ou o ocupar sem estar”, este com prefácio de Jorge Amado que afirmava, mais ou menos: “o talento de Ariovaldo Matos está em tudo dele, inclusive em seus nervos, que se tornam tensos com uma valsa de Strauss da mesma maneira que se acalmam com o Tico-Tico no Fubá tocado pela Banda da Polícia Militar. É que esses nervos carregam as dores do Mundo. Se duvidam perguntem ao mulato Porciúncula que, brevemente, lançarei na Europa?” O Vivaldo Cairo não permitiria que se lhe adivinhassem a representação, ali e naquela hora desde que trazia uma faixa com os dizeres: “A Associação Baiana dos Escritores se faz presente, pelo seu presidente”. E tome-lhe livro sobre Castro Alves em close, de frente, de cabeça para baixo, de cabeça para cima, de colete, com Eugenia Câmara, com (ilegível) acontecer que pudemos chupar também a essência divina. É o panteísmo frugal em substituição ao macrobiótico em cujo mecanismo o ator Carlos Petrovid – e o provaria na Feira – encontrou o jeito milenar de Pin Fu Jin arrotar, num ritual da boca aberta necessária, o arroz digerido há vinte e quatro horas.

E como poesia não deve entender-se com o povo em linguagem popular – segundo o consenso do poeta Cid Seixas, justificando o seu Fluviário – eis que surge o não menos alto astro Carlos Sampaio que está a sofrer, no bar Cinerenta do ICBA, as influências germânicas da poesia europeia. O título, do livro que traz à Feira, debaixo do braço: PI (4444-tá, tá...) CULA. E eu por fora, taça de conhaque na boca, construo, para a grande Feira de após minha morte.

²⁶⁴ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 30-31 jul. 1972.

DE FICAR NO ASFALTO O BARROCO TREMENDO NA CANÍCULA ²⁶⁵

Jehová de Carvalho

Os baianos foram surpreendidos, há perto de uma semana, por um grande tapume que se inicia da amurada do Elevador, junto à Imprensa Oficial até a ex-Delegacia de Jogos e Costumes. Quer significar que os velhos casarões onde funcionava aquelas repartições, incluindo a Biblioteca Pública do Estado, terão de ser demolidos em nome do crescimento urbano e da criação de condições de acomodação de massas de veículos como solução primária ao problema de tráfego no centro, ultimamente agravado. Que as medidas básicas objetivando o disciplinamento dos fluxos de automóveis nas áreas mais úteis da cidade já estão sendo tomadas, visando a efeitos a longo prazo, o que quer dizer: para a Bahia do futuro. Mas, não é isso que lhes quero dizer, desde que não padeço da enfermidade de entender de trânsito, matéria a que não ficam estranhas a engenharia, a eletrônica, as “ciências policiais” (para usar uma terminologia cediada pelo coronel Durval Carneiro).

Quero sim, fazer memórias da vida daquelas casas, muito importantes à história da cultura baiana, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento editorial entre nós. Vêm-me as figuras de Negrão, Florisvaldo, Descartes Gramacho – este mais moço que aqueles na formação de uma elite de gráfico que se foram distribuindo pelos jornais. Profissionais como os irmãos Vidal (Clemente e Victor), Araújo, Adão Bastos, Lima, que anteciparam, no dia-a-dia das linotipos, dos chapões, das planas e das rotativas, técnicas que não viriam às oficinas por conta simplesmente da evolução da arte gráfica na Bahia. Uma gente laboriosa e comunicativa, capaz de, depois de cumpridas suas tarefas, espalhar-se pelo Bar Nacional, de João Gordo, onde hoje é o Restaurante Imperial, na Mont’Alverne; pelo boteco de Jeguinho, atualmente o Bar São Francisco; o Paulista, agora Guarujá, na ambiência de paz do galego Manolo; da Confeitaria Chile transformada em agência bancária; do Bar Mimosa desmoralizado entre estamparias e perfumarias na esquina do Beco de Maria Paz. Sei que, entre um gole e outro de pinga, essa escondida em seu macacão de trabalho – a que, posteriormente, se incorporou o gênio musical de Batatinha – foi ditando, num intercâmbio com os processos do sul, o avanço da gráfica ajustado a nova mentalidade empresarial baiana. A Biblioteca teve momentos em que chegou a sair de sua limitada destinação de depósito de livros para consultas para assumir a dimensão de organismo propulsor do movimento artístico-literário da Bahia de 1960, com exposições dos nossos maiores plásticos entre os quais Juarez Paraiso, Leonardo Alencar, José Maria, Adam Firnekaes, Udo, Yedamaria e a divulgação de grandes ficcionistas e poetas como José Benjamin, Noênio Spínola, Ildásio Tavares, Anísio Melhor, conforme bem o documentou a “Revista da Bahia” pela mesma Biblioteca editada. Foi sua fase áurea, imposta pela dinâmica de Péricles Diniz Gonçalves.

Por fim, a Jogos e Costumes que acaba de transferir-se para o belo casarão onde se instalou, há alguns anos, a Polícia Federal. Ali era o Foro antes da construção, por Otávio Mangabeira, do atual e que venera a expressão maior do civilismo brasileiro, que foi Ruy Barbosa. Ali funcionaram juris famosos, como o do investigador Dórea, matador do ladrão “Amurá”, num espetáculo em que se afirmava gloriosa a oratória baiana, minada do adjetivo e metáforas. Brilhantes advogados naquele prédio se exibiram, no início de uma caminhada ao estágio em que todos lhes reconhecemos, como Edgard Mata, Arnaldo Silveira, Raul Chaves, Jaime Guimarães e outros, numa competição de inteligência que fazia do Tribunal do Júri motivo de curiosidade da população.

²⁶⁵ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 1, 9 out. 1972.

Quando a Praça estiver esbarrando no oitão da Santa Casa de Misericórdia, ampla e guardando, em seio, espremidos como sardinha, centenas de automóveis, vou ter de descer a Ladeira da Misericórdia, pisando, na canícula, todas as emoções que essa fase barroca da Bahia deixou no asfalto, irremediavelmente vazio.

FALTA UMA ALEGRIA NO MEIO-DIA DO PORTO²⁶⁶

Jehová de Carvalho

Egas Moniz de Aragão, então diretor do Instituto de Criminalística da Secretaria de Segurança Pública, recitava poemas da autoria de seu famoso pai, Pethion de Vilar. À sua direita, o Delegado Adelino Carvalho. Na cabeceira, o poeta João Muniz. O restaurante Porto vivia, mais uma vez, um dia de vinho branco. Moreira, o proprietário, antava fados sob as vistas repreensivas de D. Maria. A alegria da reunião terminou além dos sítios do cabeça, às quatro horas da manhã, no bar acolhedor de Bigodinho, no Largo de São Francisco. Certa manhã, de há uns oito anos, o Edifício Marquês de Abrantes se levantou sobre a velha casa portuguesa, á cuja grande mesa já não mais se sentavam aquelas figuras que transformavam o restaurante Porto em lugar de festiva convivência, tudo por obra e graça do casal luso-italiano, que os caminhos do Mundo juntou para humanizar, ainda mais, a humanidade baiana. Moreira apareceu na Bahia, um pouco depois dos anos 20, trazendo apenas dois instrumentos com que forcejaria a sorte: um formão e uma plaina. Américo, Antônio, os filhos mais velhos nasceram embalados pelo sussurro das “lixas-0-2” sobre a madeira de lei que os músculos e arte de Moreira tornavam portas entalhadas, cadeiras e arcas que vieram a ornamentar luxuosas residências da Bahia da época. Quando o menino Américo era, apenas, uma pergunta sem resposta para o futuro de Moreira, ele apareceu em casa com uma conspiração: instalar, numa porta da entrada da Rua Gustavo dos Santos, pequena casa de pastos para servir bacalhau à moda trás-os-montes aos já muito amigos que passou a fazer. E a partir da iniciativa, começou o aprendizado da terra que escolheu para viver. Fez-se um dos do povo, sem deixar de, à distância, como um fiel montanhês ibérico, acompanhar a sociedade, de modo que os grandes acontecimentos baianos de uns quarenta anos até agora teriam, forçosamente, eco no remanso do Restaurante Porto, cujos pratos foram apreciados por representativas personalidades da política, da medicina, da engenharia, do magistério e, principalmente, da advocacia. Porque o Porto era ponto de reunião de bacharéis, cujo latinório Moreira assimilou encantando-se, de tal modo, que, quando incursionava pelas madrugadas abertas à sua meia-idade, repetia-o em longos discursos, sublinhados pelo sotaque lusitano. Dos poetas de sua fase boêmia, lembrava Fábio Amado, de quem amigo, declamava “Margareth”. Em o restaurante, localizado no Largo das Flores, nas proximidades do antigo local em que o instalara, antes, mantinha, guardado, um livro em que recolhia opiniões, frases, observações dos seus fregueses, com o carinho de quem os tinha como componentes de uma grande família que conseguiu formar, ao longo de tantos anos, como uma extensão de sua própria família. Há poucos dias, depois de cantar, como sempre o fazia, fados já desaparecidos do repertório da música popular de Portugal, num ônibus que o conduzia a Cabacu, onde bebeu com humildes pescadores e barraqueiros as bebidas que levou, a morte o surpreendeu em plena alegria. Fui levá-lo, em companhia de seus amigos, à sepultura. Misturei minha lágrima às lágrimas de Antônio, Chico, Zulmira, Américo e D. Maria. Meu gesto ajoelhou-se diante de seu caixão pelas pernas de Popó, cuja humildade Moreira respeitava. Na manhã de domingo, o médico Péricles Lima comemorou, no Porto de Moreira, 60 anos de idade. O Prof. Érbio o lembrou. O Procurador Carlos Dantas, da Secretaria de Educação, fez-lhe a apologia de vida. A um canto, sentindo no ar a plenitude de sua presença, não consigo

²⁶⁶ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 26.

esquecer de quando, ao receber um convite de formatura, colocou em meu bolso um envelope, dizendo:

- Leia isso quando chegar em casa. Não diga nada. Dentro havia cinco notas de 100 cruzeiros e uma frase:

“Vá em frente Doutor”. Há homens que apenas viveram. Outros, com o coração, conseguiram enriquecer a vida. Moreira foi destes últimos.

QUEM FEZ DISTANTE O OLHAR DA NEGA ARARA? ²⁶⁷

Jehová de Carvalho

A Nega Arara foi, pra mim, um sábado interrogativo, no alto do sol quase escondido entre as árvores velhas da Praça Cayru e o casarão azulejado da esquina da Rua Portugal. Tenho o seu braço como um limite dos passos no passeio da antiga Alfândega. Fala-se, quero dizer falou-se das nuvens pesadas cuja tristeza descia os telhados das encostas da Montanha e Carmo às roupas sumárias das moças que se debruçavam nas paredes da escada do Mercado Modelo.

Aqui esteve D. Pedro de Alcântara – pensei eu. Na etapa que separa o samba de Dudu Dólar (Ô Calá lá lê lê/ou Cami lá lá) e a “doce ilusão” de Fênix (batida afrodisíaca) das “orelhas de elefante” de Camafeu de Oxóssi, o Dr. Rômulo Serrano, o gentil-homem do Cardeal da Silva nas Procissões da Paixão, examina, numa carteira que ficou marcada no piso, alfarrábios fiscais, processos de sonegação de tributos aduaneiros prescritos no passado da Bahia dos bondes do motorneiro “linha 13” e da quituteira Mariana, na Rampa do Mercado anterior. Não lhe digo – a ela, a Nega Arara – que ali, na esquina do prédio de azulejos de que lhes dou Avelino, muito argentário e utilitarista que, quando vendia “orlofs” e “smirnofs” fiado, cobrava-os depois, três vezes mais elevados que também um poeta, conhecido por Murilo, que declamavam versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenatas de fado nas noites de Évora.

Mas Araci, tinha em silêncio os gestos, a voz, os olhos além dos sentidos como se atravessássemos as fronteiras de uma rua impalpável, cheia de casas, sob a atmosfera em poluição de fim de semana, vazias essas mesmas casas há milênios de História de luso-negritude. Não sei muito bem dessa senhora cujo afeto me aborda o itinerário, eu que não sei onde deixá-la à hora da chegada da madrugada. De qualquer modo, recolhi, ao canto do meu galo caseiro, seu vulto reticente na subida da Ladeira a que terei de retornar em contrição necessária a seu culto”.

²⁶⁷ *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 109

ESTA RUA NOSSA DE CADA DIA²⁶⁸

Jehová de Carvalho

Descobriu-se que a Rua Chile completaria, ontem, setenta anos. Noticia-o o Diário de Notícias, em legenda sob uma foto-postal do colecionador Antonio Marcelino, cujo acervo está sendo mostrado no Teatro Castro Alves.

Essa rua é a mais famosa desta ainda remansosa Cidade do Salvador. Não a conheci como Rua Direita do Palácio, seu nome antigo. Descobri-a, em 1946, num segundo dia de Carnaval, quando não havia trios-elétricos nem os blocos compostos de centenas de foliões, senão os afoxés, as batucadas que ritmavam os passos dos sambistas.

Havia, por enquanto, espaços nos passeios que permitia aos “caretas retratistas” explodirem suas máquinas barulhentas em equivocadas chapas de pó de arroz e farinha de trigo. O Meridional e o Palace Hotel eram os grandes hotéis para hospedagem dos visitantes.

O primeiro com sua arquitetura barroco-bizantina (se o professor Gdofredo Filho me perdoa a asneira), acolhia também os baianos ilustres e alguns chefes políticos do interior em seu salão de refeições, móveis antigos e de cujo teto pendiam belos candelabros trabalhados em cristal. O segndo ainda mantinha o seu Cassino, apresentando, sob a vigilância do velho Matos, shows internacionais de primeira categoria, aos quais se sucederam as tardes da sala de chá animadas por Britinho, reveladoras da voz de Shirley Saldanha, Telma, hoje show-girl preferida do “Blue-Moon”, nos Estados Unidos. Essa sala de chá, imitando a das Duas Américas e também a do saguão do Edifício Antonio Ferreira, era ponto de encontro de jornalistas, solicitações românticas que o mormaço, amortecendo-se no crepúsculo, fazia amadurecerem nos leitos da entrada da noite.

Sob o Edifício Eduardo de Moraes, erguido para homenagear um expoente da Medicina baiana, estão (não como o quarto do poeta Manuel Bandeira, erguido no ar da Lapa) os versos declamados por Carlos Benjamin de Viveiros – cujas “Libélulas” ainda sensibilizam o juiz João Moura da Costa – Flávio de Paula, com o seu “Mandacaru” parnasiano. E, bem depois, os poemas agrários de Florisvaldo Matos, as incursões jornalísticas de Sebastião Nery, Ariovaldo Matos, Giovani Guimarães, Juracy Costa, Humberto Vieira, os comentários as decisões dos Ministros Amarílio Benjamin, Aliomar Baleeiro; as soluções políticas encontradas por Antonio Balbino, Rui Santos, Heitor Dias, Antonio Carlos Magslhães, tudo a galhofa do cronista Raimundo Reis. Isso – os versos, os diálogos políticos, a discussão em torno da doutrina jurídica – marcou um tempo-patrimônio da Rua Chile que o incêndio da Livraria Civilização levou de roldão, sem destruí-lo no espaço. A boa falação, assim, desembocava, bem perto da terceira porta da Livraria, isto é, o sorriso e o “jeito de dengo” das morenas que o serviam de dentro do balcão alto, para evitar dúvidas entre elas, as morenas, e os intelectuais fregueses. E as figuras que lhe apareciam a qualquer hora? Messias – chapéu, bem posto em seu terno geralmente azul – dedo em riste para o lado, falando a quem passava numa oratória religiosa de conceituação estranha. Vinha-lhe Osvaldo Washington do Nascimento, conhecido por “Jacaré”, repetindo a postura, a acentuação e o talento dos tribunos da redemocratização do país, em 1946, como Otávio Mangabeira, Lousada, Neves da Fontoura, Tarcilo Vieira de Melo, José Mariani, Basílio Catalá de Castro. E o professor Santiago, irmã da educadora Anfrisia Santiago, a primeira mulher a exercer, no país, o cargo de

²⁶⁸ A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 151-152.

Secretária da Educação. Este vive ainda os seus dias entre a Ladeira da Fonte Nova e o Boteco da Cecília, na Rua do Tijolo, esquecido da saudação getuliana, “Trabalhadores do Brasil”, à porta da Casa da Música.

Em 1959, essa artéria do lirismo nosso, passarela do mulatismo que se aperfeiçoa nas linhas do baiano mais jovem, viu o mais querido bedel da Universidade Federal da Bahia morrer, sentado, traído pelo coração, no poste da esquina do hoje Edifício Bráulio Xavier. Ouviu Mirandão, em anedotas irreverentes à véspera de sua morte, ele que a procurava como forma de vivificar sua boemia de cinquenta e oito anos. Foi pisada pelos garçons Virgílio e Figueredo, que ainda guardavam, nos olhos e na postura, as noites de sua “belle époque”. Que assistiu, espantada, a saída para extrema unção do corpo de Elmo, da terrível turma do Campo da Pólvora, área dos comediantes Zé Coió e Seu Abóbora nos anos 40. Camisa manchada de sangue de uma sexta-feira de Momo. Que pôde compreender o gesto do seu governador, Juraci Magalhães, nos seus últimos messes de Palácio Rio Branco, ao descer do automóvel para repelir, pessoalmente, os apuros que um grupo de opositores lhe dirigia, escapando eles pelos fundos da barbearia do velho Palace. Ontem, em sua homenagem, quis participar mais tempo de sua festividade diária. Pus-me em frente a Farmácia Chile e, de longe, cumprimentei o escritor Carlos Torres. Ele é um espécie de presidente do clube dos aposentados ilustres que ali se reúne, até a batida da Ave Maria pelo sino da Misericórdia. Passam uns “hippies” e cercam a “Dama de Roxo” que, descalça, atravessa seu silêncio na faixa para transeuntes que se dirigem para a Praça Tomé de Souza. Nesse território feitos de marca de tinta branca a óleo, o guarda Pelé – Armando Marques das publicidades TV – é o senhor de uma coreografia responsável pela tranqüilidade do tráfego. A Rua Chile ficou mais triste porque, quando o sino se calou, ele guardou o apito e sumiu pela esquina da Rua do Tira-Chapéu.

O ANÔNIMO ITINERÁRIO DE UM HOMEM SOFRIDO²⁶⁹

Jehová de Carvalho

Se lhes falo de José Augusto, pouco interessaria o meu falar. Ora, José Augusto! E daí? Quantos José Augusto existem neste Brasil afora! Mas este é Zé Augusto cuja vida, ao menos nos últimos vinte anos, ocorreu entre o Terreiro de Jesus e o Alto de Santana, toda ela de amor à cidade que ele, utilizando-se mal de linguagem alheia, chamava de “nega de peitos fartos”. Quando Cuíca de Santo Amaro e Rodolfo Coelho Cavalcanti recitavam suas trovas – o primeiro, à porta do Elevador Lacerda e o segundo, em frente ao Plano Inclinado, no Comércio – falando da vida alheia, criticando políticos ou os que versavam em torno da superioridade do homem sobre a mulher, José Augusto, magro, curvo, voz rouquenha, nos intervalos do cavaquinho do cego Amorzinho, declamava, em frente à Catedral Basílica, suas loas à Bahia “amor que trago nos nervos, governando o coração”.

Mas certa feita, o governo de Antonio Balbino, quando o coronel PM Durval Carneiro ainda sonhava, em sua postura macarthiana, com comunismo em tudo (sobretudo nas palavras, *fome, operário, sindicato, greves*), o pobre do Zé foi preso, fichado como comunista, assim me disse ele, só porque entendeu de publicar um livro de cordel com o título: “Operário Também é Brasileiro”.

Depois, uns cinco anos pra frente, encontrei-o hóspede de uma casa aborrelada da Rua do Tijolo, esquina com a das Verônicas, cuja proprietária, encantada pelo seu talento verbal, pela delicadezas de suas rimas (sempre sol com girassol, assusta com venusta), com ele repartia o amor da madureza que ambos começavam a viver. Com tal habilitação intelectual, José Augusto, cansado da defesa dos trabalhadores, principalmente de suas conseqüências em praça pública, passou a usar seu estro na campanha levada a efeito pelo professor Heitor Dias à Prefeitura Municipal. Beletrista, sem dúvida dos mais respeitáveis do seu Estado, o dinâmico presidente da Câmara de Vereadores, antes mesmo de elevar-se ao Executivo, deu-lhe um emprego como amanuense da Limpeza Pública.

Lá vem o Zé de novo com pretensões à liderança nos grupos que se movimentavam para a direção da Associação dos Servidores Municipais. As dificuldades advindas pelo abandono à camelotagem da trova (ele se sentia diminuído em se voltar à condição de menestrel) lhe valeram enfermidade grave, levando-o à aposentadoria, como também seus sonhos de chefe popular, de dirigente classista.

Uma vez, meio-dia em ponto, ao lado de outros repórteres, na Praça Tomé de Souza, aguardando, por via das dúvidas, a descida dos marcianos que a pitonisa Nair Saback anunciou, para aquele instante, por força dos seus recursos superiores de comunicação com outros mundos, vi o Zé, ao lado dela, gritando:

- Viva Jesus! Viva Jesus! Viva Jesus, Irmãos!

Gritava como um louco a fim de abafar as vaias que a multidão dirigia a ela, Nair, e a seu grupo. Afinal, ali na Mansão de Jesus que a taumaturga dirigia, buscou alívio para o seu mal. Místico por natureza, preocupado em explicar fenômenos raros, desafiadores da inteligência comum, José Augusto descobriu haver-se despertado além de si mesmo, entre espíritos privilegiados, os quais lhe disputam o mecanismo da mente. Assim, virou “Irmão Chinês”, o “Irmão Australiano”, que, numa linguagem complicada, prescreviam medicamentos, recomendavam regimes, impunham regras de bom viver aos que se concentravam na Mansão de Jesus.

²⁶⁹ *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 116

Parece que não durou muito essa sua vivência especial. Porque de repente, ele me apareceu na redação, solicitando uma reportagem sobre as belas flâmulas que estava fazendo, realmente belas. Fazia e saía a vendê-las, parando, constantemente, na casa de Dona Glorinha, no Beco dos Cravos, ela, também freqüentadora antiga da casa de Dona Nair. Os meninos gostavam dele, porque lhes sabia assimilar os gostos na bala que distribuía entre eles ou na bola que, sem muito jeito, ia chutando sobre as pedras pobres do Beco.

- Venha para o almoço, meu filho. Já está fora de hora.

- Não, meu pai, não quero. Agora, às três horas, o "Irmão Chinês" vai ser enterrado.

Abro o livro de Direito das Obrigações e dentro dele está, num pedaço de papel de embrulho do restaurante de Peleteiro, na Praça dos Veteranos, o último poema que me deu, pedindo que o publicasse quando fosse possível. Bem, é possível, ao menos, o último verso: "O homem é o seu itinerário".

ÂNGELO ROBERTO, O DESENHO QUE EXTRAPOLA A MOLDURA ²⁷⁰

Jehová de Carvalho

Ângelo Roberto. Olhando-o, nos botecos de sua cidade, nas casas noturnas em que se reúnem os amigos, como a Pousada da Praia do José Contreiras, no Rio Vermelho, ninguém diz que ele é, sem dúvida, um dos maiores pintores do país. Ele nem está interessado nisso. Não persegue nada que o faça destacado dos outros. Creio mesmo que é um grande artista porque não tem jeito. Se quiser pintar ruim só para divertir-se ou desmentir a opinião alheia sobre seu trabalho, ou mesmo enganar-se, não adianta. Ângelo pinta como o rio corre para o mar, a criança nasce, o homem morre. A pintura é sua realidade sustentada pelo amor à simplicidade da vida.

-----X-----

Ano passado, falei de seus cavalos que avançam, em disparada, além das telas. Cavalos para os quais os campos da visão ou os campos do Mundo são pequenos. Exibiu-os na Galeria de Arte da Bahia, naquela mesma Pousada da Praia. Parecia uma criança a mostrar, chorando amigos – muitos dos quais famosos – que lhe foram ver a beleza dos poldros que encontrou em seus pagos interiores – o recorte de uma crônica com que assinalei a dimensionalidade de sua figura mais de homem do que de artista. Evidente que de pintura não entendo. Nem lhe examino as formas. Mas, me engrandeço na espécie quando posso sentir que artistas como este baiano de todos os momentos de seu povo consegue ampliar seu traço ao infinito do preto com que contrasta a tela. Suas imagens não se contém nos limites das molduras. Significa que são rédeas que freiam seus cavalos na invisibilidade de suas pastagens. Creio mesmo que os cavalos de Ângelo, os cavalos da exposição da Pousada, não são cavalos de qualidade daqueles que ruminam “colonhões” que deitam bostas verdes na aurora (mesmo na aurora) como os cavalos do poeta Jorge de Lima. São cavalos que procuram o azul, crinas levantadas para o alto.

-----X-----

Mas, se assim procedem os cavalos, os meninos abandonados da Mostra que sexta-feira Ângelo Roberto inaugurou na Fundação Pelourinho tem as cabeças baixas no sentido do chão. O chão de que nasce a riqueza dos outros. O chão que terão de pisar sempre, com a pele do pé. O chão a que recorrem seus corpos itinerantes à hora de dormir. A tragédia urbana está toda ela presente nesse gesto de rendição ao sofrimento. Gesto que é, dele mesmo, a ambiência dos quadros. Não direi como os técnicos em arte, como os críticos de pintura, que o traço do desenho de Ângelo evoluiu no sentido de uma mais precisa funcionalidade. Que sou eu, pobre admirador de letreiros góticos em porta de armazém de bairro? Mesmo porque falar-se de melhoria de traço na obra de Ângelo Roberto seria como que um palavrão pronunciado diante do altar do Senhor do Bonfim. Ao menos, pelo que tenho ouvido de grandes artistas plásticos que nos são amigos comuns. Direi, apenas, que aumentou nesse artista, perdido no sofrimento da multidão, a coragem de expressar, sem violência, o aprendizado de sua comovente humanidade.

²⁷⁰ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 28 jul.1973.

O POETA DE BRONZE NO OCASO DE HOJE ²⁷¹

Jehová de Carvalho

– O tenente Alpheu (com ph) França, pai do sempre lembrado cronista Nelton França, chamou-me a um canto de sua mesa na extinta Pastelaria Triunpho (também com ph) para que dissesse um soneto com o título de “Ponto Final” para a apreciação do poeta Castelar Sampaio. Sua mesa era, de sempre, o reduto dos poetas que marcavam, definitivamente, o fim da rima rica e do verso escondido por estas plagas da Bahia tão afastada das repercussões da Semana de Arte de São Paulo. Mas, o velho Castelar não parava de repetir seus poemas amargurados em que os símbolos, geralmente da mitologia greco-romana, eram como que exemplo do que entendia como sua amargura de viver. O homem irrealizado, que embora os houvesse perseguido sempre teve fugidos os seus ideais maiores. O tenente Alpheu, um sublime debochado – como o foi o filho jornalista – observava, irreverente:

– Que nada Castelar! Você anda cheio de dinheiro e fica aí a falar em “surrado sudário”, em “pés sangrando”. É que você nunca marchou em quilômetros com fuzil nas costas nem fez exercício com “celerado” no fim. E Castelar sorria para mandar mais um poema. Ao lado de Oscar Conceição, um bem falante alfaiate de elite e que, em tão privilegiada condição antecedeu ao Goulart – que ainda fala um francês parisiense – surge da vitrina dos charutos “havana” e “príncipe de Gales” um setentão de andar vagaroso, ereto, cabelos brancos mal penteados, os olhos profundos e uma voz poderosa. Levantaram-se os que se encontravam à mesa, para recebê-lo. Era o poeta Arthur de Sales. O “poeta de bronze”, como o chamavam os integrantes da Ala das Letras e das Artes, chefiada por Carlos Chiacchio.

O baiano que se recusou empossar-se na Academia de Letras do seu Estado, devido a questões ligadas à tradução que fez de Macbeth, havida como uma das mais perfeitas de que se tem notícia em língua portuguesa. Arthur, que não se fazia de rogado aos pedidos de declamação de seus sonetos na mesa do tenente Alpheu, desfiou, verso a verso e pausadamente, o seu “Ocaso no Mar”. Recolhi à pasta estudantil do Colégio da Bahia o meu pobre “Ponto Final”. Mas, uma noite, em torno do pedestal do busto do Bispo Sardinha, no meio da Praça da Sé, presentes Fernando Diniz Gonçalves, o poeta luso-baiano Eduardo Tudela (“da velha catedral a torre abandonado”), atualmente solitário num quarto do Hospital Português, Elmano Amorim, Nathur de Assis (“quando as cornetas tocarem eu partirei, amigo”) pude, timidamente, mostrar a Arthur de Sales, não o “Ponto Final”, mas “Um Passo do Tempo dentro da Noite”. Ele disse umas coisas que quase não me deixavam dormir num socavão de uma pensão de terceira linha, na Rua das Verônicas. Na esquina do antigo Expresso Bahia, ele sumiu para reaparecer depois em forma de cliché sob um título da página de Aristóteles Gomes, no jornal “A Tarde”: “Morreu Arthur de Sales”. De lá para cá, andei mendigando a quem me tivesse condições de atender o “Ocaso no Mar” e a novela praieira de sua lavra: “Sangue Mau”, encenada, pela primeira vez em Salvador por Humberto Santiago, produtor da Radio Excelsior. O poeta Frederico Sousa Castro me arrumou um volume com versos esparsos de Arthur de Sales. Mas, o “Ocaso no Mar” não estava entre eles. Há menos de um ano, o juiz João Moura da Costa me emprestou, para que lhe tirasse umas cópias xerox, o célebre soneto, ofertado por Durval Sales, filho do poeta. Não tive sorte: uma bailarina de quatorze anos, que tenho em casa, dada a pesquisas poéticas, desejando poupar-me a tarefa, terminou sem saber onde colocou o original. O juiz me cobrou várias vezes.

²⁷¹ *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 18 maio 1973

Felizmente, agora, com a oferta que me fez o jornalista José Augusto Berbert de um exemplar da Obra Poética de Arthur de Sales, pude resgatar, perante o magistrado, o débito constrangedor. O Estado, através o DESC, se redimiu de grave falta à memória do humanista que foi Arthur de Sales, na verdade uma de suas maiores expressões, em todos os tempos, no domínio da poesia. Lendo-lhe a tradução de um dos grandes instantes da obra shakespeariana, sinto que, na vida, não se fez presente ao banquete de Macbeth a que o convidava a ambição de alguns dos intelectuais da época de sua negação as glórias do sodalício. Os convivas se tomavam de sentimento de traição. Passou como ente acima dos de seu tempo. Daí que a glória é sua, sem a formal perpetuidade das “imortalidades” passageiras. Por tudo que ele representa na história intelectual da Bahia, não posso deixar de, da modesta carteira de que disponho, na sala de redação DN neste solar da encosta do Sodré, me tomar do seu soneto principal, quando sobre o sino do Convento de Santa Tereza, tocando a Ave Maria, se estendem, até o mar, sombras vermelhas do crepúsculo da Bahia de Todos os Santos: É a noite: como um polvo, insidiosa, se eleva.
Desenrola os seus mil tentáculos de treva.
E o sol, vendo-a crescer, fecha as velas e dorme.

SALVE OS MESTRES ALFAIATES E SAPATEIROS DO CARNAVAL BAIANO²⁷²

Jehová de Carvalho

– Este aqui é o Adolfo, a tesoura de ouro da Bahia.

Foi assim que o jornalista Arquimedes Gonzaga do Nascimento, numa noite da Ajuda de 1956, me apresentou a um crioulo manso, vestido como um inglês, de pouca fala e muita escuta. A cidade vivia a fase dos últimos dancing engolidos pelas boates e inferninhos que começaram a aparecer no centro. Assim nos fins de semana, tínhamos encontro certo na mesa de pista do Rumba. A campanha nacional antecedia à incursão pelos domínios da alegria pura, descompromissada, quando se podia dançar gafieira, descer com as “taxi-girls” aos restaurantes mais próximos, inclusive o Paulista, onde o caldo verde de Justo fazia revigorar as energias gastas entre um passo e outro da coreografia do samba a dois - tudo sem ameaças do toxicômanos, as violências dos machões de hoje.

De vê em quando fazia parte da turma em que se destacam os advogados Virgílio de Sá e Germano Monteiro, o cronista Gato Preto, o empresário Seara Martins, o cronista Nelson França, o corredor de mundos Hélio Camelier, os cantores Roberto Santos, Silvio Roberto, Bob Laô, o professor Herbio do Prado, o médico Floriano, além do sapateiro Bonfim, irmão de Bráulio, dono do famoso boteco Danúbio. Somente quando Bonfim passou a convidar a turma para o dominó sabatino de sua tenda de sapateiro no sótão do pardieiro de número 20 do Pelourinho é que se veio a saber, realmente, do que eram capazes aqueles dois crioulos, o próprio Bonfim e mestre Adolfo. Bonfim, que tinha uma perna mais curta que a outra em consequência de um acidente que sofreu quando foi ponta direita do Ipiranga, era um grande sapateiro. Os sapatos mais fino de pelica e verniz que as senhoras da sociedade baiana calçavam com marcas de São Paulo saiam das mãos cheias de cicatrizes de Bonfim, as mesmas que batiam, com a um adivinho das pedras, as “bombas-de-sena” e as “buchas de branco” na taboa grande de dominó sustentada pelos joelhos dos contendores. Mas, quando o Carnaval se aproximava, Bonfim fechava a porta de sua tenda às encomendas das casa de calçados porque seu compromisso era, já aí, com os blocos vindos de sua gente. Era necessário fazer os sapatos leves dos passistas dos Mercadores e Cavaleiros de Bagdá, da batucada Nêga Maluca (hoje Ritmistas do Samba), comandados pelo folião Onça, ou, ainda, os afoxés Filhos de Ghandi e de Obá. Para lhes facilitar a arte da ginga. E o mestre Adolfo. Recebia, em sua oficina, peças vindas das grandes casa de moda, as mais tradicionais, como por exemplo J Gomes, no Comércio, e as transformava nos ternos que iam vestir os gerentes de bancos, os políticos, os paqueradores da rua Chile, na época em que na mesma rua, a pressa de andar e viver não existia e lhes era fácil o abordar as mulatas de olhos verdes que demandavam para os pontos de bondes da Sé, à porta da Linha Circular.

²⁷² *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 24 fev.1973.

UM BRINDE AO GESTO ENIGMÁTICO (OU A CRÔNICA DA IDENTIDADE DESCONHECIDA)²⁷³

Jehová de Carvalho

A noite é uma estufa sem espaços. Tem as paredes de cores fortes, mas se abre para fora do tempo. No braço tenho dependurada, uma intáctil mão feminina flutuante em sua órbita de fibras e nervos. No bolso do terno cinza comprado à pena das “prestações suaves”, uma carteira vermelha de identidade profissional, com que não sei se exercitarei todos os atendimentos às tragédias do quotidiano, passadas presentes e futuras. Vejam só! Eu Fer240 de muitas agências do Banco do Brasil, no interior do Estado) é um próspero bancário que se faz advogado para “curtir os macetes dos números e das legislações financeiras que me dedam o nariz até quando sonho”. Carmen discute se o amor paterno é mais poderoso que o amor do marido-amante, rodeando as palavras interrogativas de figuras mediúnicas desconhecidas dos meus. Há ostras na mesa do Orlu e entre os garfos, madreperolas, corais nunca vistos em suas espessura, ossos de água, formidados nos segredos dos pélagos. A batida em lugar do uísque, necessário a festividade da madrugada esperada, não retira de minhas retinas, as grandes retinas da mulher símbolo que me brinda com o gesto enigmático e ri. Apenas ri.

²⁷³ *A Tarde*, Salvador, p. 6, 28 nov.1974

DO ADVOGADO, DO AMOR E DA DESRAZÃO²⁷⁴

Jehová de Carvalho

A porta do automóvel do advogado Francisco Bastos se abre ao compadre e amigo de longas desobrigas, iniciadas aos pés de Sócrates Marback, no Colégio da Bahia, e terminava nos versos cheios dos hemistíquios de Cenira, hoje um rastro em seus passos. A noite se inicia entre nós. Entre os trechos de razões finais de defesa, denúncias, e pronúncias, duas garrafas de cerveja e uma piada sobre bacharel, falamos dos que estão em nosso amor perdulário, dos que lhe fogem no que o poeta Almir Fonseca Filho que vai contrair casamento, no dia 31 próximo, denomina de processo, recesso, mil coisas de desrazão. Francisco sumiu na esquina da rua do Bispo onde se reúnem, para seus afazeres da madrugada, os músicos das orquestras de nossas buates e clubes. Teria de fazer um júri, ontem, de difícil resultado para seu talento. De mim, fiquei sem saber onde me começar de novo para explicação do que tenha de realizar-se: se dos pés-de-rosa-dos-ventos, se da cabeça crônica, se do estômago que digere o sentimento.

Bertoldo Menezes, o antigo fotógrafo Xerém que deixou neste jornal os primeiros instantes da alucinação da maconha na Bahia, faz com o radiologista Canário, do Instituto Médico Legal, a filosofia do boteco, à porta da Cantina da Lua: “eu cheguei a este mundo bem menininho e até hoje não sei pra que vim. Portanto, mais um limão, Clarindo”. E Clarindo ri consertando o guarda-pó que a Saúde Pública exige que ele vista. No sino da igreja de São Francisco são duas horas da madrugada, o instante em que Nathur de Assis dizia: “quando as trombetas tocarem, eu partirei amigo...”

E partiu, de vez, há muitos anos, sem lhes ouvir o toque.

²⁷⁴ *A Tarde*, Salvador, p. 9, 14 mar.1973

Jehová de Carvalho ²⁷⁵

O antigo bar do Cruzeiro de São Francisco, parece uma festa. A voz metálica de Tude Celestino de Souza repete os versos de forma parnasiana, ingênuos em sua construção e no trato do conteúdo firmado nas grandes paixões, nos desamores, nos que povoam os bares com seus sofrimentos escondidos. Algumas prostitutas se aproximam, timidamente atraídas, talvez, pela poesia que é, na verdade, uma projeção de suas tragédias noturnas.

- E eu gosto dela é com defeito e tudo.

Assim, termina ele o seu soneto sob o título: "Bernadete, Oração Sete". Foi na Rua da Oração, número sete, reino de Bernadete, que o conheci, recitando poemas sertanejos. Quando colocava o rosto na porta que dava para o salão onde loiras sergipanas se sentavam, à espera do primeiro marinheiro, a mesma porta parecia muita estreita, para permitir que ele a transpusesse. É que Tude Celestino era um poeta gordo, quase uma edição de Emílio de Menezes nos seus dias da Pastelaria Colombo, no Rio no início do século.

As grandes doações da vida (maiores em momentos como aquele) espantavam-me. Encorajara-me a declamação de um poema, em que as palavras "palmas e espalma" formavam rimas seguidas numa mesma frase. Então, Tude, o poeta gordo, ajoelhou-se em pleno salão da Casa de Bernadete, e beijou-me os pés dizendo:

- Menino, você é um poeta de verdade.

Sorri o sorriso de uma vaidade ao vivida e, naquela hora, o Olimpo colorido de banderolas do Sete da Oração abriu-se a me gênio. Aprendi, daí por diante, muita coisa com o humilde poeta das madrugadas do Terreiro. Aprendi, sobretudo, a humildade de entender que minha mesa não era por demais pequena, que não abrigasse um vagabundo desconhecido, partindo do fato de que o homem, por mais amargurado e desilustrado que possa ser, tem sempre o que nos oferecer de suas experiências e de suas verdades, mesmo as que se colocam acima, alguém ou à margem das verdades comuns.

Certa feita, encontramos-nos numa meia noite de sábado, no desaparecido Restaurante Torre Eiffel, na Ladeira do Pau-da-Bandeira. Faltava-me o dinheiro da passagem do bonde das três da manhã, o mais poéticos dos bondes daquele tempo, sem curras e sem assaltos, gritando nos trilhos dos bairros centrais. O poeta colocou em minha carteira, deformada pelas avarias da noite, uma cédula de duzentos mil réis. Juntos, percorremos os principais centros boêmios: o "Regina", o "Paulista", o "Belvedere" (onde a tolerância de Carvalho nos permitia a economia de mais algumas moedas), por fim, o "Tabaris", em cuja mesa central Garrido havia aberto, à nossa espera, uma garrafa de champanhe. A orquestra de Netinho gritou a abertura do show e fizemos juntos, um poema para Mary Aniz. Ele levou o poema, e Mary levou minha saudade, depois de três messes de corrida ao Palace Hotel, onde ela, também, hospedava meu amor de ocasião. A hora em que nos separamos ele, diante dos olhos estrangeiros de Mary, deu-me um mote arrasador:

- Me empreste cem mil réis

Dos duzentos que lhe dei.

Com certa tristeza, passei, à sua mão, o dinheiro pedido, mas, o poema correspondente ao mote nunca lhe pude mostrar. A vida nos separou, e muita coisa se foi modificado. Naquela época, o poeta Tude Celestino podia ainda recitar sobre uma Maria, que encheu de ternura sua casa azul de Lauro de Freitas, onde implantou um bar que tem o nome de um poema: Az de Ouro, também, título do seu primeiro livro recém-lançado. Agora, magro e mais triste, prefere dizer nos balcões do Departamento da Aeronáutica Civil: Eu já não tenho saudade
Porque a cidade sou eu

275 *A Tarde*, 06 de abril de 1971, p.14

Bebo o último copo de cerveja, deixo o Bar Cruzeiro de São Francisco, e ele nem pode me ver, abafado pelas palmas daquela gente toda, da última madrugada. Mas, confesso que, não fosse o não ser talvez bem compreendido pela existência, seria eu, agora, em lhe beijaria os pés, por sinal calçados numa alpargata de vaqueiro.

Jehová de Carvalho²⁷⁶

Tudo mudou, à noite de ontem, no Lanchile, quando Dalmar Americano da Costa, chegou de surpresa. O maroto Nelson, saltou o balcão e, em seu lusitano sotaque arrastado, abraçou o amigo que voltava à terra de sua gente, sua terra, em cuja feição distinguia ainda marcas da passagem do velho engenheiro Americano pela Prefeitura, e que o tempo e o progresso não conseguiu desfazer inteiramente. De uma geração e de uma família de intelectuais, que tiveram na boemia todo um material de inspiração e vivência, militem, Dalmar, apesar de médico renomado em São Paulo, para onde se deslocou, há muitos anos, traz em si toda uma integral baianidade. Sentimo-la quando nas rodas dos discursos presididas por Aníbal Garcia – este, “public relations” das cores e das singularidades da cidade – a palavra lhe flui ao corrente das situações, voz empostada, gestos largos. Nélsón, dono do estabelecimento, filho do além-mar português, conheceu-o quando lançava, no ano passado, na Civilização Brasileira, seu livros de estórias, Sombras Errantes, em que assinalava suas andanças como médico na juventude, recém-formado, por diversos municípios baianos. Contava como a miséria desses rincões enchia de pavor o moço cidadão que, só num amor eventual encontrou forças para suportar as saudades da casa antiga. Pois o aparecimento de Dalmar, agora, repetiu a noite de quando os baianos que não o conheciam tiveram contato com sua inteligência, através de Sombras Errantes. Leuzer Americano, seu irmão, declamou sonetos de quando juntos percorriam os pontos boêmios da Sé de mais de duas décadas; Aníbal Garcia, na retórica própria ao seu saudoso amigo Otávio Mangabeira, saudou-o numa oração comovente. Entrementes, Nélsón derramava champanha sobre todos os presentes. O médico Reveau deu prosseguimento ao instante oratório e poético. Lamentou-se apenas, a ausência dos promotores Nelson Castro e Moacir Guimarães, dos advogados Weldon Americano da Costa e Hélio Duarte, do juiz Moura Costa. Não houve também violões em serenata. Mas, houve uma noite assim num tempo assim.

²⁷⁶ A Tarde, Salvador, 26 de agosto de 1971. p.14

BEBEU O SANGUE DA NOITE ²⁷⁷

Jehová de Carvalho

Havia uma lua baixa no céu do Terreiro. No céu do Terreiro sim. Porque quando se penetra à noite nesse antigo sítio principal da Cidade, parece que o resto dela não existe. É um mundo novo-velho que se passa a viver com vontade de que o tempo não seja tão potente para lhe retirar a beleza. Era uma voz conhecida, de alguma ocasião, a que cantava a Valsa do Adeus. As lâmpadas, não somente do Terreiro, mas também do Cruzeiro do São Francisco andam rareando suas iluminações. Os toxicômanos do *bas fond* ao redor danificam-nas, para que melhor se sustentem nos postes e puxem o “básico”, a erva que renovam o sonhos de uma vida que a realidade lhes nega. Por isso que propícia estava a praça ao canto do que se lembra já vai caindo “a noite sobre o nosso amor e agora só restou do amor uma palavra: Adeus”. O cantor era Silvio Roberto, conhecido há muitos anos no rádio baiano – de que se afastou definitivamente em 1960 – como a “Cigarra Boêmia”, formando ao lado de José Canário uma dupla incomparável de seresteiros. Na fachada da velha Faculdade de Medicina uma faixa indicava a realização de um Congresso de Auxiliares de Enfermagem. A faixa e o farfalhar das palmas das palmeiras imperiais cujos troncos não conseguem esconder as bicas da “Fonte dos Rios”, levam a que Silvio Roberto cante um samba-canção composto por ele e João Gilberto, quando este ainda trabalhava naquela emissora, com o título de “Enfermeira” e que terminava assim: “você que cura a dor alheia/ cura também a dor que você botou no meu coração”. Uma das janelas do Turismotel se abre e um viajante de laboratório conhecido por Paulo Devasso desce as escadas, com um bandolim na mão. O bandolim, doação moura à cultura musical portuguesa, tão desaparecidos dos nossos dias. E a seresta tomou os dias de Gregório de Matos em frente ao casarão em que ele nasceu “boca do inferno”, ver gasta no lombo da bajulação real, o incontinente estrangeiro em Angola, o renovador da poesia colonial, na forma e o conteúdo; enfim, a modinha dos salões do Paço, Bigodinho o bom espanhol que nesse Largo se implantou há três décadas, arquivo das suas estórias mais palpitantes, abre, novamente, o portão do Brasília, destampa garrafão de Jerez e faz que o Henrique, Cavaleiro de Santiago, cante também uma canção galega. O sino da Igreja de São Francisco marca, como faz há séculos, as horas avançadas da madrugada. Não se pode dizer que a manhã chegou tranqüila ao sítio que está entre o Terreiro e o Cruzeiro de São Francisco. Porque, a uns passos perto, Sergipinho furava o seio de Maria de Lourdes e lhe bebia o sangue como um vampiro que a seresta da Cigarra Boêmia não previa. “Ah que vontade de ficar, mas tenho que ir embora”!

²⁷⁷ A Tarde, Salvador, p. 14, 30 jul.1971.

FADOS PERSEGUEM MINHA NOITE ²⁷⁸

Jehová de Carvalho

Lisboa velha cidade, cheia de encanto e beleza....

E a voz de Osvaldo Barbosa, violão antigo em minha memória se derrama pelas escadarias do Bêco do Sapoti, lá onde, sob os cuidados de Oxalunfá, Fausto, o bom mulato, faz no pegí particular do seu alpendre, as “obrigações” da noite, a fim de que os negócios lhe venham propícios, os bancos que necessitem de notificá-lo da hora do vencimento dos “papagaios”. O professor Pedro Dias está só, sentado com sua tristeza, no compartimento do centro, a rabiscar um poema que fala de Margarida, “uma bailarina que se vestia de escumilha e pisava sobre meus sonhos” e que sempre terminava suas exhibições no Pálace Hotel cantando um fado que lembrava uma vendedora de flores de Alfama.

- Quem é essa Margarida, professor?

- Todas as mulheres que a madrugada acolhe. É quase um símbolo de um mundo que vive sobre outro mundo.

E por falar em flôres, a mulher dos olhos verdes recebe, na buate Ogum, rosas vermelhas e cravos brancos das mãos do guapo cavalheiro Gamboa, uma doação lusitana às madrugadas barrocas da Bahia. Ela também canta um fado. E o faz aos meus ouvidos, de tal modo próxima de minha angústia, que a música “pop” vindas das fitas magnéticas não envolvem o fado. Quantas vezes na voz dessa dama loura, cujos sonhos já amadurecem. Lindaura, a médica que, na Casa de Madame Marcelle, assistia, gratuitamente, suas companheiras dos últimos instantes da roleta do Tabaris; de Tatiana, ex-cantora lírica de um teatro de Roma; de Françoise, ex-miss França e hoje uma traficante de tóxicos sob interdição num sanatório de São Paulo; de Engrácia, a ternura Engrácia, afeitas às bonecas num retorno continuado à meninice – bonecas que ela punha sobre sua cama larga de um quarto num dos casarões da rua das Verônicas, cantando como se a lhes embalar um sono qualquer num espaço-tempo aquém dos movimentos. As oscilações da luz rôxa favorecem o desfile dessas figuras vivas do passado na passarela da Ogum/ e que, aos poucos vão desaparecendo a voz da dama loura bem próxima de minha angústia. Logo mais, estarei na rua São Salvador, 20, Japão – Liberdade. É a casa, onde recentemente Caetano Veloso e Dedé assistiram o “Sarau Signo Leão Domu Helveti”. E o evento existencialista de Santo Amaro não suportou a beleza dos fados e gritou:

- A noite mais bela que já tive em Salvador.

Pois é. Fados e mais fados que a música é eterna. Já não tenho paciência para receber, nos ouvidos, a estridência dos pistões e a berraria das guitarras elétricas no acompanhamento da histeria musical dos tempos novos.

Tomo a dama loura pelas mãos e me perco pela Bahia de Todos os Santos que ela tem nos olhos verdes.

²⁷⁸ A Tarde, Salvador, p.11, 25 set. 1971.

Jehová de Carvalho ²⁷⁹

Naquela noite em que Thomas Von Dieck anunciou a despedida da “A Bahiana” uma grande tristeza tomou conta dos seus freqüentadores. De logo, organizaram “o momento da saudade”. Ouvia-se o violão de Edvaldo Araújo, “Cotó”, então um pintor-estudante da Escola de Belas Artes, sem a fama de grande muralista que agora ostenta Rui Espinheira Filho e Carlos Sampaio fizeram verdadeiro recital de poesias algumas destas publicadas posteriormente em “Cordel” a revistinha mensal de um grupo jovem que pretendia fazer que o verso chegasse ao povo. Nilda e Zenaide sob olhares e estupefação do esposo francês Bernard improvisaram um quadro cômico, cujo personagem central era o desenhista Ângelo Roberto, recentemente saído de um grande sucesso com sua exposição de caricaturas na Reitoria da Universidade. Houve até lágrimas estas choradas pelo cronista político ewton Sobral, quando num soco violento, quebrara o último vidro de muitos outros que rodeavam o grande salão da Casa. Foi, na verdade uma noite memorável na história da boêmia da Cidade.

Ora, perguntariam vocês mais moços que não a conheceram o que, afinal era a “Bahiana”? E lhes respondo: uma das mais autênticas casas da noite na Bahia: hospedaria, restaurante e bar. Como hospedaria, substituía os preconceituados hotéis da Cidade cujos porteiros não tinham pêjo em solicitar, ao casal que lhes chegasse a certidão de casamento e prova de sua procedência. Como restaurante, dava a freguesia o privilégio de saborear o vatapá e o peixe de moqueca de Dona Ana, atualmente cozinheira do pintor Leonardo Alencar.

Encerrado “o momento da saudade” às 8 horas da manhã seguinte, sob as vistas dos graves funcionários do Tesouro do Estado, ali perto, na Ajuda e que lhe era contíguo a “Bahiana” foi fechada por Thomas Von Dieck. A pedida então era transformá-la um grande centro de atração noturna, capaz de abrigar a descontente e livre intelectualidade da noite. E veio o Thom –bar. Nos lugares dos vitrais da velha “Bahiana” surgiram riscos de cores e de humor murais de caricaturas dos tipos que formavam as grandes instantes da velha Casa. O primeiro “show” Thom-bar realizado por Frederico José de Sousa Castro, o poeta e publicitário, contou com a participação de Fernando Lona, do grupo folclórico de Celina Biancardi e das veteranas radioatrizes Leonor de Barros e Celina Ferreira. Tive uns poemas ao meu cargo acompanhados pela voz de Tereza. Mas, não sei: parece que toda essa gente não gostou da ambiência sofisticada do Thom-bar e ele foi morrendo. Na noite em que o Palácio do Saldanha era destruído por um grande incêndio tomei o rumo da Ajuda para amargar minha tristeza no novo estabelecimento. Mas, o Thom-bar também ardia em chamas diante dos olhos interrogadores de Thomas Von Dieck o holandês moço que entregou seu destino à Bahia. Ainda estão lá na antiga porta de entrada do prédio duas telhas pintadas por Edísio Coelho e que anunciavam aos passantes a alegria da Casa.

²⁷⁹ A Tarde, Salvador, p.9,15 abril 1971.

Jehová de Carvalho²⁸⁰

O médico Luís Malter que, como o Delegado Alcides Palma, é um homem da noite, sem mesa de bar portanto, sem bebida, e que tem o hábito de percorrer as praças da Sé e Municipal para os bates-papos da madrugada, faz-me a pergunta:

- Tem visto o Eládio Freitas?

Não. Há muito tempo, não me encontro com Eládio. Bem que seria bom. E, agora, com o surgimento de buates em luz negra, que pretendem atender ao mau gosto de alguns quarentões (que teimam, ridiculamente em imitar os adolescentes nos balanços do iê iê iê, sem mais preparo físico para tanto) esse remanescente bailarino da “belle époque” baiana faz-nos muita falta. Eládio formava, com Arsênio Sousa, a dupla de grandes campeões de torneio de valsa, nas noites do Tabaris. Dançavam sem parar, horas e horas a fio, e terminavam em empate, justamente no momento em que a comissão de julgamento já não agüentava mais a sucessão de garrafas de champanha sobre a mesa especial posta junto ao vitral do centro do salão. Homens que divertiam muitas gerações de boêmios, com sua não na medida da alegria de cada um. Num carnaval já passado, Eládio me levou ao Largo da Saúde, para, com um violão emprestado por Justo o espanhol do Restaurante Regina, ouvi-lo cantar um fado, em frente a um antigo Convento, ignorando, assim as batucadas e os afochês que passavam. Tia paixão por uma freira – que jamais lhe soube a existência visto que se limitava a olhá-la de longe, atrás dos gradis do jardim interno por onde passeava, em estado de oração todas as manhãs.

Sei que, atualmente, Eládio se recolhe à ternura da filha caçula, apelidada por Jô a quem nos intervalos dos estudos, na banca doméstica, passa a mostrar os recortes dos jornais e revistas que publicam matérias em torno de uma sua outra atividade, mais realística, mas, nem por isso, menos romântica e provincianamente boêmia: ator de cinema, em papéis de mestre-escola, coronel e de pai de uma “sinhazinha” bem prendada de uma fazenda do Recôncavo.

Quando a Arsênio, embora não perguntado por Luís Maltez, devo dizer que, mesmo que o quisesse, já não poderia disputar torneios de valsa: os olhos lhe estão faltando. Mas, não deixa de pedir aos amigos que o visitam. - Se souberem de Eládio, diga a ele que dê um pulinho aqui em casa.

²⁸⁰ A Tarde, Salvador, p. 9, 21 abril 1971

O VERSO É A VIAGEM DA LOUCURA²⁸¹

Jehová de Carvalho

A música cessa na buate Seixante. Sentada sobre a pista, a moça de estola branca inicia, sem que seja autorizada, um recital de poemas que a todos enternece:

Fica-te aí perdida na memória

Ó sempre adormecida

E vem os versos de Anísio Melhor, o poeta dos socavões da loucura. A noite favorece os grandes rumos da mente. Aqueles que nunca imaginamos traçar. Os que jamais incluímos na pauta de nossas andanças. Tive, de repente, uma vontade irresistível de conhecer, de perto Virgilina Almeida, a mulher de vinte anos que passeava sua solidão na Avenida Contorno e, em dado momento decidiu assassinar, a apuladas, um casal que dormia por ali, nas proximidades da maloca em que ela passou, há alguns meses, a morar. Entro, com muito cuidado, no xadrez em que ela se encontra. Tem o rosto tomado de muito cansaço. Minha presença não a intranqüiliza.

- Como vai Virgilina?

- Vou assim, assim. Conversando sempre com meus espíritos.

Foi por ordem deles, inclusive, que ela cometeu aqueles crimes. Uma forma de vingança do qual fizeram em São Paulo, onde foi até pouco tempo arrumadeira. Isto é, seu filho morreu. E tudo indica que assassinado.

- Estou com a minha pele maltratada. Não repare.

E passa a mão sobe o rosto triste de quem não sabe para onde ir.

- Vou fazer aqui um jardim. Vou também cercá-lo com grade de ferro. Um jardim só para mim, sabe?

Há muitos anos, não me sento nos bancos do Jardim da Piedade. Foi Virgilina que, sem o saber, me deu a idéia. Aqui onde, há séculos, muito sangue foi derramado, na Revolução dos Alfaiates, me traz a paz que preciso para empreender novas mudanças. Parece mentia. Mas, em frente à Igreja de São Pedro, ao pé do poste num caixão de maçãs, o moço toca para alguns companheiros, o clássico, "Saint Louis Blues". O mesmo fazia, no piano Lili Armstrong em Chicago, quando seu coração parava no desempenho da música do marido, Mr Jazz. A gente as vezes se perde nos imensos corredores da mente. De modo que, quando se dá conta, já se percorreu muita distância, já se conversou com pessoas de todas as raças. Já se foi aos nebulosos mudos dos espaço. Que viagens poderia ter feito Virgilina, no momento em que levava à morte um casal?

Os versos da moça da estrela branca continuam:

- Fica-te aí perdida na memória

Ó nunca adormecida.

²⁸¹ A Tarde, Salvador, p.15, 30 ago.1971.

CLÁUDIA, A RAINHA DO REINO DE SPIRUS²⁸²

Jehová de Carvalho

- Me deixem fazer o que eu quero. Quero voar.

E havendo dito isso, atirou-se sobre a mesa para o piso vermelho-azul do cantinho da cortiça, aí onde todos eles, isto é, os do grupo de Cláudia, se aportam. Ninguém gritou. Para que serve o grito se a opção dolorosa e ridícula daquela menina de dezenove anos, estudante de Medicina, era, no seu entender, uma opção necessária ao desespero racional de que se tomou toda a ordem nervosa que lhe corre o corpo, mais septuagenária que a da avó Celina, em suas manias de crochê? Um intelectual, que faz versos a Fernando Pessoa e descobriu que o rio é superior ao homem porque cumpre o seu curso natural, pegou-a nos braços magros e desceu as escadas que conduziam ao hospital. Tudo urgência ali, na enfermaria branca. Brancos e confusos os lençóis que cobriam os recém-mortos. Brancos os líquidos alquímicos que descobrem a vida onde quer que hajam fibras e átomos, cartilagens e moléculas. Brancos os pesadelos que advieram à sua vigília. Branca a lua que invadia, em planos de medidas estranhas, o mar branco como o leite que lhe dera, numa manhã dominical, a babá Rita, tida e havida como Rita.

Falei. E algo, como um chefe de tribos primitivas (e eis agora o meu *status*).

- Gente, leve a Cláudia ao reino de Spirus. Ela não pode voltar à Terra. Aqui ninguém a compreenderá como deve ser compreendida uma Cláudia.

E, assim, como em uma procissão de Sexta-Feira da Paixão ou como em dia do Padroeiro da Cidade (minha São Salvador da Bahia de Todos os Santos, heróica e mui leal), levantaram, os que a acompanham, seu corpo adolescente sobre as cabeças e o atiraram ao primeiro raio de sol.

Dir-se-ia que Cláudia virou a rainha do Reino de Spirus.

²⁸² *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 74.

NORMA NÃO ABRE MAIS A PORTA ²⁸³

Jehová de Carvalho

Quando eu conheci Norma ela tinha vinte e seis anos e freqüentava a Sala de Chá do Palace Hotel. Sentava-se, sozinha, na mesma próxima à orquestra de Britinho para ouvir Telma, hoje artista de cinema e manequim em NovaYork, cantar “O meu mundo caiu”, de Maysa Matarazzo. Norma chorava. Não sei por que razão achei-a, em muitas oportunidades, semelhante à “Lúcia”, elemento do poema de Arthur de Sales (Lúcia partiu quando do inverno/ o frio vento agitava o coqueiral vetusto/ vinha ofegante, pálida de medo/ e trêmula de susto). Tinha a impressão que Norma fugia sempre de alguma surpresa concebida em seu mundo, em sua voz assustada quando pedia o “dáquirí” da época (uísque com açúcar e suco de limão batidos). E foi sem muita calma que, numa noite de 1960, ví-a debruçar-se sobre o piano do “Inferninho”, implantado por Sandoval Caldas, no portão de ferro da rua da Oração, piano esse atingido em sons, por Oscarzinho sons que faziam a beleza dos murais de Pinheiro, em cujas barras se viam mulheres despidas, domando, pelo sexo e pela beleza, irreconstituíveis animais pré-históricos.

O dia primeiro, tão logo retornei de uma viagem breve, redescobri à rua Rui Barbosa, cheia de pequenos bares populares, estabelecimentos de antiguidades e arte, “O Vintém”, a que os baianos, injustamente, não estão dando a importância como casa de drinques das melhores da Cidade. Ouvi, então, no alto de uma casa em frente a garagem do INPS, uma gravação de Silvio Caldas (Eu chorei pela primeira vez em minha vida). Subi ao casarão felizmente restaurado (escadas em mármore, pisos em ladrilhos). A porta se abriu. Era Norma. O rosto marcado por muitos sofrimentos; o sorriso o mesmo da noite do piano de Oscarzinho.

- Entre mulato. Aqui é um cantinho dos meus amigos.

Realmente. Lá estava o antiquário José o advogado João Facó, o poeta Jorge Montalvão, o cantor de fados Helvécio, o instrumentista Moacir, desde a última segunda-feira em Londres; o publicitário Domingos Leonelli.

Falamos muito de nossos dias passados. Da desumanização dos dias de hoje. Os crimes hediondos. A obstinação do homem pela descoberta de seu rumo, ainda desconhecido de nossa época.

Ontem, novamente, subi as escadas do casarão reformado onde fica a Casa de Norma. Marialva, que também tem nesse local um pequeno bar-restaurant, me disse:

- Aí, ao lado, está fechado. Norma morreu, de repente, foi sepultada está manhã.

Desci. Tomei o rumo da rua Carlos Gomes, quando à entrada do Beco de Maria da Paz, o médico José Medeiros, do Banco do Brasil, me chamou de dentro do seu automóvel.

- Entra aqui. Ouça isso, que já está ficando coisa velha, infelizmente.

Era uma valsa, numa das fitas de sua coleção que terminava com estas palavras:

“Ninguém conhece a razão por que sofro no mundo assim ...”

Estávamos em torno da meia-noite. E eu fui prá casa com a figura de Norma em minha dor de cabeça.

²⁸³ A Tarde, Salvador, p. 10, 11 jun. 1971.

QUEM FEZ DISTANTE O OLHAR DA NEGA ARARA? ²⁸⁴

Jehová de Carvalho

A Nega Arara foi, pra mim, um sábado interrogativo, no alto do sol quase escondido entre as árvores velhas da Praça Cayru e o casarão azulejado da esquina da Rua Portugal. Tenho o seu braço como um limite dos passos no passeio da antiga Alfândega. Fala-se, quero dizer falou-se das nuvens pesadas cuja tristeza descia os telhados das encostas da Montanha e Carmo às roupas sumárias das moças que se debruçavam nas paredes da escada do Mercado Modelo.

Aqui estive D. Pedro de Alcântara – pensei eu. Na etapa que separa o samba de Dudu Dólar (Ô Calá lá lê lê/ou Cami lá lá) e a “doce ilusão” de Fênix (batida afrodisíaca) das “orelhas de elefante” de Camafeu de Oxóssi, o Dr. Rômulo Serrano, o gentil-homem do Cardeal da Silva nas Procissões da Paixão, examina, numa carteira que ficou marcada no piso, alfarrábios fiscais, processos de sonegação de tributos aduaneiros prescritos no passado da Bahia dos bondes do motorneiro “linha 13” e da quituteira Mariana, na Rampa do Mercado anterior. Não lhe digo – a ela, a Nega Arara – que ali, na esquina do prédio de azulejos de que lhes dou Avelino, muito argentário e utilitarista que, quando vendia “orlofs” e “smirnofs” fiado, cobrava-os depois, três vezes mais elevados que também um poeta, conhecido por Murilo, que declamavam versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenatas de fado nas noites de Évora.

Mas Araci, tinha em silêncio os gestos, a voz, os olhos além dos sentidos como se atravessássemos as fronteiras de uma rua impalpável, cheia de casas, sob a atmosfera em poluição de fim de semana, vazias essas mesmas casas há milênios de História de luso-negritude. Não sei muito bem dessa senhora cujo afeto me aborda o itinerário, eu que não sei onde deixá-la à hora da chegada da madrugada. De qualquer modo, recolhi, ao canto do meu galo caseiro, seu vulto reticente na subida da Ladeira a que terei de retornar em contrição necessária a seu culto”.

²⁸⁴ A Tarde, Salvador, p.13, 31 maio 1973.

A NOITE ANTES DO PINTOR ²⁸⁵

Jehová de Carvalho

Clélia, antiga dona de casas de prostituição, no Maciel de Cima, havendo amealhado, centena de dólares de soldados americanos, que durante a guerra até 1945, enchiam as nossas ruas, saídos da Base Baker, resolveu udar de ramo, sem perder o rumo: instalou, na chamada Escadinha da Misericórdia, um cabaré, ao qual deu o seu nome: “O Clélia”. Assim, ela ficou famosa em Buenos Aires, Paris, Madrid, no mundo inteiro onde quer que houvesse um marinheiro-vira-rumos, passageiro da Bahia. Ninguém sabe se para redimir-se de algum pecado, Clélia levou até o salão imenso do novo estabelecimento um mulato de pouco falar, vagarosos nos passos, olhar penetrante, que tinha o nome de Jesus. Começou, ali, como garção. Depois, passou a despachante do bar. Aos poucos ganhou o caixa. Até que, numa noite em que o guarda Moreira foi assassinado por um malandro pernambucano, de nome Sevílio, veio a participar da alcôva de Clélia. A partir daí, foi breve o pulo ao cofre particular que guardava o “borderaux” do cabaré. Na sala da casa residencial dela, um garoto tímido não encontrava razões para a presença daquele homem estranho, que nunca deixava de usar chapéu, mesmo quando entrava no banheiro. Era o sobrinho de Clélia, com quem passou a morar desde os primeiros anos de vida, quando, a seu chamado, deixou os braços da mãe, a qual jurava sobre crucifixo que Clélia, sua irmã, trabalhava em Salvador como proprietária de um atelier de costura.

O cabaré ia abrigando, sempre, naquelas noites, os marujos, tristes jovens sergipanas e alagoanas que se confinavam entre o Terreiro e o Bêco do Mota, afugentadas das portas do dancing “Bolero” e do “Baile do Zazá”, ambos ao longo da rua São Miguel. Mas, o menino crescia, agora, com vontade de ver as avenidas de sua cidade. Sem o alarido, os palavrões atirados ao ar, a multidão disforme, num território livre em que tudo valeria, até revólveres e navalhas, como brinquedos de criança.

Uma noite, Jesus senhor da vida de Clélia, surpreendeu-o rabiscando a imagem de um gato sobre a superfície branca de um papelão, em cujo verso se encontrava apôsto o retrato de uma bailarina andaluza. O menino chorou. E não amanheceu mais na rua que enchia de espanto seus olhos. Fez-se cabeleireiro. E, há muitos anos, tesoura à mão, tem dado forma ao cabelo de muitos boêmios, apressados de subirem ao prédio do antigo Rumba Dancing, em seus instantes de táxi-girls, de descerem à Ladeira da Montanha, para o encontro de tardas senhoras da madrugada, em trajes de gala, como que a caminho de uma recepção que nunca lhes chega.

Dia seis do mês que se aproxima, estarei na Galeria Panorama, para ver, de perto, o menino triste que Jesus não compreendia. Há muito dos seus quadros que assisti nascer, apenas traços de nossa arquitetura colonial, atirados sobre as poucas telas que, com muito sacrifício, ia comprando, de semana em semana. É a pintura primitiva de Hamilton Ferreira. Não sei se Clélia, viva que estivesse, iria comigo até lá. Era-lhe muito difícil preparar o seu conhecido vestido de veludo-rôxo, com barras brancas de seda, com que se apresenta em certas ocasiões, como aquelas em que era interpelada, na Delegacia de Costumes, nos fundos da Secretaria de Segurança, pelo gordo comissário Almir Costa, o vigilante-censor das noites alegres do fim da “belle époque” desta Cidade.

²⁸⁵ *A Tarde*, Salvador, p. 11, 30 jun.1971.